

Projeto Cria [Ativa Mente]

As Expressões Artísticas, Dramática e Plástica, como forma de intervenção
em contexto de Lar de Infância e Juventude

Relatório de Projeto

Ana Lúcia Gomes Ferreira da Silva

Trabalho realizado sob a orientação de

Prof. Dra. Maria de São Pedro Lopes

Prof. Dra. Maria Albertina Carvalho Fortunato

Leiria, Setembro 2018

Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

Projeto Cria (Ativa Mente)
As Expressões Artísticas (Expressão Dramática e Expressão Plástica) como
forma de intervenção em contexto de Lar de Infância e Juventude

Relatório de Projeto

Ana Lúcia Gomes Ferreira da Silva

Trabalho realizado sob a orientação de

Prof. Dra. Maria de São Pedro Lopes

Prof. Dra. Maria Albertina Carvalho Fortunato

Leiria, Setembro 2018

Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

“Aprende-se a ser criativo, criando;
a ser expressivo expressando-se;
a fruir, fruindo;
a comunicar, comunicando.”
(Kowalski, 2005, p. 12)

AGRADECIMENTOS

Visto que mais umas das fases da minha vida está a chegar ao fim, quero agradecer a todos os que estiveram ao meu lado nestes dois anos.

Sei que, por vezes, sacrifiquei a vossa vida para conseguir alcançar este grande objetivo que era terminar o Mestrado.

À minha família, que me deu sempre força para continuar mesmo nos momentos de desânimo.

Às minhas colegas de curso, que estiveram sempre ao meu lado.

Às minhas colegas de trabalho, que tantas vezes me facilitaram o horário laboral para eu poder usufruir de tempo para a realização das atividades inerentes ao projeto.

À Diretora Técnica do LIJ, Dra. Joana Calado, que se mostrou sempre disponível para me ajudar, desde o início ao término das sessões.

Às jovens participantes do projeto, que me proporcionaram momentos que ficarão para sempre gravados na minha memória.

À Professora Dra. Maria de São Pedro Lopes e à Professora Dra. Maria Albertina Carvalho Fortunato, orientadoras deste relatório, que me acompanharam durante todo o processo e me ajudaram em todas as situações.

RESUMO

O *Projeto Cria [Ativa Mente]* é um projeto de intervenção artística implementado no Lar de Infância e Juventude da Casa Dr. Alves em Ourém, com jovens adolescentes com idades compreendidas entre os 14 e a 17 anos de idade.

Este projeto surge da dificuldade que estas jovens mostraram na relação entre elas e na dificuldade que as mesmas revelaram na gestão de sentimentos e emoções.

Neste seguimento e considerando a importância que as expressões artísticas podem ter no facilitar da resolução de problemas, considerou-se utilizar a expressão dramática e expressão plástica como forma de intervenção, na tentativa de compreender qual o impacto destas linguagens artísticas na qualidade de vida destas jovens.

Desta forma, após a recolha e análise de dados provenientes do projeto implementado podemos concluir que se obtiveram resultados positivos.

PALAVRAS CHAVE

Expressão dramática, expressão plástica, Lar de Infância e Juventude, crianças e jovens em risco, projeto de intervenção, gestão de sentimentos e emoções.

ABSTRACT

The *Cria [Ativa Mente] Project* is an artistic intervention project implemented in the Home for Children and Youths of the Dr. Alves House in Ourém, with young adolescents between the ages of 14 and 17.

This project comes from the difficulty these young women have shown in their relationship among themselves and the difficulty they have shown in the management of their feelings and emotions. Based on this and considering the importance that the artistic expressions can have in facilitating the resolution of problems, it was considered using dramatic expression and plastic expression as a form of intervention, in an attempt to understand the impact of these artistic languages on the quality of life of these young women. Thus, after collecting and analysing data from the implemented project we can conclude that the results obtained are positive.

KEYWORDS

Dramatic expression, plastic expression, Home for Children and Youths, children and youths at risk, intervention project, management of feelings and emotions.

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos.....	VI
Resumo.....	VII
Palavras chave.....	VII
Abstract.....	VIII
Keywords.....	VIII
Índice geral.....	IX
Índice de figuras.....	XI
Índice de tabelas.....	XII
Abreviaturas.....	XIII
Introdução.....	1
Capítulo I- Enquadramento teórico.....	3
1. Intervenção através das expressões artísticas.....	3
1.1. <i>Expressões artísticas e a sua importância</i>	3
1.1.1. <i>Representações sobre as expressões artísticas</i>	4
1.2. <i>Expressão dramática como intervenção</i>	5
1.2.1. <i>Expressão dramática e teatro, características, semelhanças e diferenças</i>	8
1.2.2. <i>Perfil/postura do dinamizador de sessões de expressão dramática</i>	10
1.3. <i>Expressão plástica</i>	12
1.3.1. <i>Expressão plástica como intervenção</i>	13
1.3.2. <i>Técnicas de expressão plástica</i>	14
1.3.3. <i>A cor como elemento da linguagem plástica</i>	16
2. Gestão de sentimentos e emoções.....	18
3. Acolhimento institucional.....	22
3.1. <i>Crianças e jovens em risco</i>	22
3.2. <i>Acolhimento institucional de crianças</i>	25
3.3. <i>Lares de Infância e Juventude</i>	26
3.4. <i>Principais motivos que levam à institucionalização</i>	27

3.5. <i>Serviços e medidas de promoção e proteção</i>	27
Capítulo II- Metodologia.....	31
2.1. Opções metodológicas.....	31
2.2. Instrumentos de recolha de dados	32
2.3. Problemática.....	34
2.4. Pergunta de partida e objetivos	35
2.5. Caracterização da instituição.....	36
2.6. Caracterização do público-alvo	39
2.7. Descrição e fases do projeto.....	40
Capítulo III: Análise de dados e discussão de resultados.....	43
3.1. Análise dos inquéritos por questionário iniciais e finais	43
3.2. Análise dos diários de bordo das participantes	45
3.3. Análise do diário da investigadora	50
3.4. Síntese e discussão dos resultados	56
Conclusão.....	61
Bibliografia	64
Anexos:	1
Anexo I: Questionário inicial e final	1
Anexo II: Planificação de atividades.....	8
Anexo III: Diário individual das jovens.....	29
Anexo IV: Diário da investigadora	37
Anexo V: Registo fotográfico do resultado das atividades	54

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1_Recorte e colagem (Sessão I).....	17
Figura 2_Slogans criados pelas participantes (Sessão X)	55
Figura 3_Personagens criadas pelas participantes.....	55

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1_Caraterização das jovens	39
Tabela 2_ Data das sessões do projeto	40
Tabela 3_Participação em atividades de expressão dramática	43
Tabela 4_Participação em atividades de expressão plástica	43
Tabela 5_Análise dos diários individuais das participantes	45
Tabela 6_Análise do diário da investigadora	50

ABREVIATURAS

LIJ- Lar de Infância e Juventude

FAAA- Fundação Dr. Agostinho Albano de Almeida

IPSS- Instituição Particular de Solidariedade Social

LPCJP- Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo

CPCJ- Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

INTRODUÇÃO

As expressões artísticas estão presentes na vida do ser humano desde tenra idade. As primeiras garatujas e os primeiros improvisos que advêm das brincadeiras dos mais novos são exemplos disso. Situações, por vezes, desvalorizadas quer em contexto familiar quer em contexto escolar.

Segundo Robinson:

“temos de reavaliar a importância de alimentarmos o talento e de compreender a forma como esse talento se exprime de modo diferente em cada indivíduo. Temos de criar ambientes onde cada um se sinta inspirado a crescer criativamente.” (2010, p.13)

Neste sentido, e tendo em conta a importância das expressões artísticas em contexto profissional como forma de resolução de problemas surge este projeto, que resulta da curiosidade da investigadora em trabalhar com um grupo de jovens com dificuldades relacionais e oriundas de famílias disfuncionais em contexto institucional.

Após alguma pesquisa e tendo em conta a imediata disponibilidade por parte da Diretora técnica do LIJ, Casa Dr. Alves em Ourém, decidiu-se realizar o projeto com um grupo de jovens residentes na mesma.

Neste seguimento e em conversa com a Diretora Técnica da instituição, esta sugeriu que o grupo que mais beneficiaria com a implementação de um projeto desta natureza seria o grupo de jovens com idades compreendidas entre os 14 e 17 anos. Este mostrava ser um grupo bastante problemático no que concerne à relação entre elas e à gestão de sentimentos e emoções. São jovens adolescentes que têm necessidade de muita atenção, de se sentirem valorizadas e de aprenderem a fazer e a manter amigos, bem como a relacionarem-se com o outro.

Desta forma, o *Projeto Cria [Ativa Mente]* encontra-se dividido em vários capítulos. O Capítulo I corresponde à pesquisa acerca do que os autores escreveram sobre os temas em estudo nas suas várias dimensões.

Inicialmente, são abordadas as expressões artísticas, a sua importância e representações sobre as mesmas, no que diz respeito aos espaços utilizados para as atividades realizadas.

Ainda neste ponto são descritas as características no que concerne à expressão plástica e a sua importância como intervenção.

No segundo ponto deste Capítulo, gestão de sentimentos e emoções, são retratadas as diferentes formas de perceber e contornar os diferentes tipos de sentimentos e emoções do ser humano.

Para concluir este Capítulo e intitulado acolhimento institucional, surge o conceito de crianças e jovens em risco e tudo o que envolve a institucionalização desta faixa etária.

O Capítulo II é composto pela metodologia.

O Capítulo III engloba a análise e discussão de todos os dados recolhidos e para finalizar encontra-se a conclusão que engloba todas as reflexões relacionadas com o projeto e algumas sugestões para possíveis projetos futuros.

Capítulo I- Enquadramento teórico

1. Intervenção através das expressões artísticas

1.1. *Expressões artísticas e a sua importância*

“Desde os primeiros anos da infância, encontramos processos criadores que se refletem, sobretudo, nos seus jogos. O rapazinho que cavalga um pau e imagina que monta um cavalo, a rapariguinha que brinca com a boneca e se imagina mãe dela, as crianças que brincam aos ladrões, aos soldados, aos marinheiros, mostram nos seus jogos exemplos da mais autêntica e verdadeira criação.” (Vigotsky, 2009, p. 13)

Desde muito cedo o homem desenvolveu de alguma forma a sua capacidade de criação ou de imaginação. Segundo Vigotsky, (2009, p. 11):

“é precisamente a actividade criadora do homem que faz dele um ser projectado para o futuro, um ser que contribui para criar e que modifica o seu presente. A psicologia chama imaginação ou fantasia a esta actividade criadora do cérebro humano.”

Ferraz (2011, p. 33) refere que “quando o homem é criativo está a aceitar o diferente, está a reconstruir o velho, construindo de novo o novo.”

Segundo os autores Vianna e Strazzacappa (2001, p. 117) “a arte existe desde que os homens e mulheres expressam seu imaginário. A arte pertence ao ser humano, é uma de suas maneiras de se desenvolver, criar e recriar mundos.”

Desde sempre, existiu um mito em torno da questão da criação, de que só um grupo restrito de pessoas tinha essa capacidade. Segundo Vigotsky (2009, p. 12):

“para o comum das pessoas a criação é privativa de uns quantos seres de eleição, génios, talentos, autores de grandes obras de arte, de descobertas científicas de culto ou importantes aperfeiçoamentos tecnológicos.”

Na sociedade em que se vive cada individuo é considerado único, “a criatividade corresponde a um modo de pensamento comum a todos os indivíduos mas cujo grau será variável em cada um de nós” (Roux, 2009, p.28)

Mas todo o ser humano, de alguma forma, tem capacidade criativa, mais desenvolvida ou não, e que pode ser praticada em situações simples do quotidiano, ou involuntariamente. Sousa (2003, p. 169) alega que:

“a criatividade é uma capacidade humana, uma capacidade cognitiva que lhe permite passar de modo antecipatório, imaginar, inventar, evocar prever, projectar e que sucede internamente, a nível mental, de modo mais ou menos consciente e voluntário.”

1.1.1. Representações sobre as expressões artísticas

O sistema de ensino obrigatório é quase sempre associado a uma sala com todo o mobiliário necessário ao decorrer de uma aula expositiva, segundo Lopes (2011, p. 19) na maioria das situações:

“ir à escola é estar sentado numa cadeira. É estar sentado em fila com uma pequena mesa à frente. É estar sentado de costas para os colegas e a olhar para as costas de alguém. Ir à escola é estar sentado de lápis na mão a copiar algo. (...) É estar rodeado de mobiliário que invade o espaço e dificulta a mobilidade dos pequenos corpos que nele habitam.”

Nas escolas, nem sempre, existem salas ou espaços adequados à prática das atividades relacionadas com a expressão dramática. Segundo Vianna, T., Strazzacappa, M. (2001, p. 119):

“quando observamos o espaço físico reservado às actividades artísticas nos estabelecimentos de ensino: nenhum. (...) É necessário simplesmente um local onde o aluno possa praticar actividades físicas como correr, pular, exercitar a imaginação na construção espacial por meio de jogos teatrais.”

A área das expressões artísticas, por vezes, fica um pouco colocada de parte no sistema escolar obrigatório. Segundo Melo, (2005, p. 13) “a ideia reinante e generalizada sobre a educação artística no sistema escolar obrigatório é de que ela é academicamente uma área secundária. (...) A prática artística é então um momento de permissividade disciplinar permitida.”

1.2. *Expressão dramática como intervenção*

A expressão dramática ajuda as crianças/jovens a exprimirem o que sentem, através dela podem mostrar ser outra pessoa ou fazer de conta que são outra personagem. Aguilar (2001, p. 15) mostra-nos que:

“pôr-se na pele de personagens é uma actividade inata do ser humano, que se manifesta a partir dos três anos de idade. (...) os actos de representação de si e dos outros, em situações reais ou imaginárias, são um poderoso instrumento para o desenvolvimento pessoal e social do ser humano.”

Isto pode facilitar o desenvolvimento da criança/jovem e em alguns casos pode utilizar-se a expressão dramática no tratamento de algumas patologias, nomeadamente a hiperatividade, Robinson (2010, p. 26) admite que “muitos alunos só se sentem motivados quando utilizam o corpo. (...) Quando as crianças se mostram demasiado agitadas, receitam-lhes medicamentos e dizem-lhe para se acalmarem.”

Com exercícios de expressão dramática as crianças/jovens podem ter noção do que conseguem fazer com o corpo, com a voz, tanto em grupo como individualmente.

Segundo Aguilar (2001, p. 19):

“As actividades de expressão e comunicação dramáticas têm conhecido um desenvolvimento gradual autónomo, intrínseco, que as tornam decisivas ao conhecimento, à revelação e ao desenvolvimento da pessoa. Permitem a manifestação da existência e da criatividade individuais, e o desenvolvimento da comunicação com os outros.”

Neste caso, os autores referem-se a crianças, mas isto acontece com outras faixas etárias, como idosos, pessoas com défice de aprendizagem ou com algum tipo de deficiência, quer a nível motor, cognitivo ou social. Mota (1985 citado em Sousa, 2003, p. 20) evidencia que “a expressão dramática é fundamental em todos os estádios da educação. Considero-a mesmo como uma das melhores actividades, pois que consegue compreender e coordenar todas as outras formas de educação pela arte.”

O autor Sousa (2003, p. 36) reforça que a expressão dramática pode ser, por vezes, uma forma de libertar emoções e sentimentos que por imposição das regras da sociedade têm de se manter escondidos.

“As exigências da vida actual fazem com que numerosas tendências, não sendo satisfeitas, gerem frustrações. As actividades e deveres impostos pela sociedade não dão satisfação nem deixam tempo para que o individuo procure satisfazer-se de outro modo. As leis morais do meio social entram a cada passo os desejos que o individuo tem, de fazer algo em que se sinta realizado. Sendo-lhe restringidas ou retiradas as possibilidades de satisfazer as suas necessidades, o individuo recalca os seus desejos, passando a viver insatisfeito, com todas as consequências que isso acarreta. Passando-se este fenómeno a nível do inconsciente, a pessoa não tem sequer a consciência de que tem tendências recalçadas. (...) Todas as tendências e desejos recalçados encontram na expressão dramática um excelente meio para se escapar e expressar.”

A criança/jovem tem oportunidade de utilizar a sua imaginação, criatividade e capacidade de improviso, por que esta não se interessa se o que diz é certo ou errado. Robinson (2010, p. 27) afirma que “...as crianças não se preocupam muito em dizer coisas erradas. Se não tiverem a certeza do que fazer numa determinada situação, improvisam.”

Regra básica na expressão dramática é a não imposição à criança/jovem ou qualquer outra pessoa de fazer o que quer que seja, nomeadamente decorar um texto e dizê-lo em frente a um público. Gauthier (2000, p. 20) diz-nos que:

“obrigar a criança a utilizar uma técnica equivaleria a correr o risco de destruir o seu entusiasmo espontâneo ao fazer-lhe perder o fio da expressão. Em teatro, basta oferecer uma gama rica de técnicas expressivas para suscitar o desejo das experiências pessoais.”

A expressão dramática é muito importante no desenvolvimento da pessoa. A utilização de actividades relacionadas com esta área pode em alguns casos ajudar a ultrapassar medos e ter noção do que se pode fazer com o próprio corpo. A partir daqui pode conhecer-se melhor, perceber as suas limitações e pode experienciar situações que mostrem a facilidade que existe em ultrapassar as mesmas.

Segundo Sousa (2003, p. 35) :

“o adulto, não só criança mas mesmo o adulto, tem sempre necessidade de qualquer actividade que lhe permita por vezes o abandono do mundo da realidade para entrar no mundo da ficção, de devaneio, de sonhar acordado.”

Após este autoconhecimento vem uma maior facilidade de aprendizagem e outra predisposição para as novas actividades que vão surgir a partir daqui. Aguilar (2001, p. 19) afirma que:

“sabe-se que nenhuma aprendizagem poderá ser bem-sucedida se a criança não se sentir bem no seu corpo, se não der livre curso às suas ideias, às suas emoções, aos seus afectos e se não se sentir bem na escola, enquanto pessoa individual e social.”

O jogo é muito importante na área da expressão dramática, este está associado a situações do dia a dia e pode ajudar a criança/jovem a interiorizar e visualizar as coisas de outra forma. Segundo o autor em epígrafe:

“ao jogar situações da sua vida real ou imaginada, a criança reformula o seu vivido, modifica a percepção que tem da realidade e generaliza a experiência a situações exteriores, reais, que a vida lhe proporciona.” (2001, p. 19)

Platão chamava-nos a atenção para a importância do jogo nas crianças/jovens ao afirmar que “educar é adaptar o individuo ao meio social ambiente e que o jogo é uma actividade da inteligência e do conhecimento, que permite a interacção da criança com o meio ambiente. (Piaget (1969), citado por Aguilar, 2001, p. 23)

A presença de um educador que se sinta bem e que faça o grupo sentir-se bem também ajuda nesta área, segundo Kowalski (2005, p. 12):

“o empenho do orientador na acção educativa influencia todo o clima que se vive em grupo. Os espaços educativos refletem os grupos que nelas trabalham (...) É necessário que todo o grupo, incluindo o adulto responsável, se sinta bem, que haja lugar para entusiasmo e alegria nas actividades a desenrolar.”

1.2.1. Expressão dramática e teatro, características, semelhanças e diferenças

A expressão dramática é uma expressão artística que muitas vezes é confundida com o teatro. Sousa (2003, p.21) afirma que “fazer expressão dramática não é fazer teatro e é bom que isto fique muito claro. Ser ator é uma profissão.”

Segundo o autor Aguilar (2001, p. 30,31), expressão dramática é:

“uma forma de expressão e comunicação em que o individuo age em vez de dizer o que pensa, o que critica, ou o que magoa. (...) é a forma de expressão que mais se aproxima da vida, ao permitir a recriação, a simbolização e a representação de situações do quotidiano, real ou imaginado (...) não é a realidade; ela constitui, por assim dizer, uma segunda realidade a viver (...) estimula a observação, através dela a criança é exercitada a olhar à sua volta num espaço de tempo que a separa do contacto com a realidade (...) ajuda o individuo tanto a exprimir as suas emoções como a controlá-las.”

Através desta expressão artística a criança/jovem pode libertar-se, conhecer-se melhor, dar-se a conhecer e conhecer os outros, dizer o que pensa, fazer o que lhe apetece, nem que seja apenas durante os momentos reservados a esta expressão. Mota (1985 citado em Sousa, 2003, p. 20) mostra que:

“a expressão dramática é a única saída, a nível filosófico, que permite aos jovens exercerem-se, falarem das suas angústias, frustrações, recalcamentos, desejos. E não só através do corpo, da voz ou de improvisações. Os exercícios servem para se encontrarem a eles próprios. Encontrando-me comigo, encontro-me com os outros.”

Neste seguimento surge a palavra teatro, que segundo o autor Aguilar (2001, p. 10):

“teatro é uma festa na qual um grupo de pessoas - os actores - preenchem um determinado período de tempo, com uma actividade gestual e vocal, em função de um outro grupo de pessoas - espectadores - que, sujeitos passivos na acção, recebem a mensagem transmitida pelos actores.”

Segundo Kowalski (2005, p. 10) teatro é “um meio de expressão e comunicação pessoal e de representação das múltiplas interacções em que o ser humano está envolvido.”

Vianna e Strazzacappa (2001, p. 120, 121, 133) afirmam que

“o teatro é a arte do presente. Arte do espectáculo vivo. (...) No teatro, não é possível ver o mesmo espectáculo duas vezes, porque o que acontece em cena é feita diante do espectador, sem que haja intermediários nessa relação: é uma comunicação directa de um homem diante de outro homem (...) No teatro, existe a ficção em que a vida é reinventada, revista, revisitada. (...) Nada precisa ser novo, mas tudo precisa ser recriado. (...) O teatro possibilita a vivência de outras identidades por meio da representação ou da criação de personagens. (...) Ao nos colocarmos no papel do outro, o teatro nos dá a possibilidade de conhecer melhor a nós mesmos e aos “outros” que nos rodeia, e de aprender a abarcar as diferenças em vez de tentar eliminá-las. Pela arte de representar o outro, podemos reflectir sobre quem somos e sobre o papel que representamos hoje neste nosso mundo. O teatro é um veículo de comunicação que está fora de casa, que exige que a pessoa se desloque e compre um ingresso para assistir a ele.”

Relativamente a esta questão do teatro, nasce com o homem a capacidade de encarnar e representar outras personagens. Kowalski (2005, p. 10) refere que:

“apresentar-se como outrem, imitar, fazer como se fosse outra pessoa ou algo, é um tipo de acção característica do ser humano. Surge espontaneamente desde muito cedo na vida de cada um e entre as crianças de várias culturas e civilizações.”

A criação de um espectáculo de cariz teatral não é fácil, pois engloba uma série de questões que é necessário abordar. Para além de não ser uma tarefa simples este envolve uma metáfora, ou seja, existe nele o que queremos transmitir e depois existe a forma como é entendido pelos outros. Segundo Vianna, T., Strazzacappa, M. (2001, p. 128, 129):

“a subjectividade da arte teatral nos coloca sempre uma questão sobre a diferença entre o que se quer dizer com o produto artístico e o que se diz de fato. (...) Ao apresentar o espectáculo, estabelecemos um confronto entre o espectador e criador por meio da obra e, quando as interpretações divergem uma da outra (...) Todo o espectáculo é um risco.”

No que diz respeito à peça propriamente dita, ela não tem que ter um texto que já exista. Criam-se coisas muito interessantes em grupo quando se começa do nada ou de um simples objeto. Os autores em epígrafe acreditam “que o trabalho seja mais produtivo quando os alunos e professores trabalham juntos no processo de montagem do espectáculo” (2001, p. 130)

O teatro não tem que utilizar obrigatoriamente palavra, existe um vasto leque de situações que podem ser utilizadas, segundo os autores Vianna, T., Strazzacappa, M. (2001, p. 130) “o teatro não utiliza apenas o recurso da palavra falada. Existem alternativas (...) Uma delas é o gesto (...) movimentos, deslocamentos espaciais, posturas corporais, expressões faciais, sons produzidos no corpo ou por ele.”

1.2.2. Perfil/postura do dinamizador de sessões de expressão dramática

No que diz respeito ao perfil ou postura que o dinamizador de atividades em sessões de expressão dramática deve adotar, este deve ter em conta vários aspetos bastante relevantes. Inicialmente e segundo Kowalski (2005, p. 6) “cabe a cada orientador saber escolher e ter em conta o significado e intencionalidade das actividades que ajuda a concretizar.”

O orientador deve fazer um pequeno estudo prévio tendo em conta as necessidades e particularidades de cada grupo, embora possam ser utilizados os mesmos exercícios ou jogos com grupos diferentes, estes devem ser sempre adaptados consoante as necessidades.

Kowalski (2005, p. 12) reforça que:

“não chega saber exercícios e jogos agradáveis, apelativos e de êxito garantido, ter textos para dramatizar, papeis para distribuir. Interessa ter em conta as características da linguagem que vamos usar, os seus elementos constituintes, a diversidade de hipóteses de organização formal e seu significado artístico e educativo, o enquadramento institucional e pedagógico. (...) há que considerar as finalidades do trabalho a que nos propomos, o carácter e as perspectivas do grupo.”

No que concerne à motivação do orientador relativamente a cada sessão, esta faz toda a diferença, o envolvimento da pessoa que orienta pode motivar ou não todo grupo e todo o ambiente que se vive durante as atividades, “o empenhamento do orientador na acção educativa influencia todo o clima que se vive no grupo” (*Ibidem*, 2005, p. 12)

Desta forma,

“cabe ao professor escolher, despoletar e coordenar as oportunidades, os tipos de actividades adequadas ao progresso do grupo com quem trabalha, sem imposição de modelos, nem nos jogos exploratórios, nem mesmo quando no jogo dramático, também escolhe um papel para si e participa na representação, interpretando uma personagem” (*Ibidem*, 2005, p. 26)

1.3. *Expressão plástica*

Sousa (2003, p.159) afirma que “o termo “expressão plástica” foi adoptado pela educação pela arte portuguesa, para designar o modo de expressão-criação através do manuseamento e modificação de materiais plásticos. (...) O barro, o gesso, a pedra, a madeira, os metais, o plástico, são exemplo de materiais plásticos.”

Esta expressão artística tem como principal objetivo a expressão de sentimentos através da criação com materiais plásticos e não se pretende a produção de obras de arte nem a formação de artistas, “mas apenas a satisfação das necessidades de expressão e de criação da criança. Desenha-se, pinta-se e modela-se apenas pelo prazer que esses actos proporcionam e não com a intenção de produzir algo que seja “arte”. (Sousa, 2003, p. 160)

A expressão plástica é uma expressão artística que para além do manuseamento e transformação de materiais plásticos e uso e exploração dos elementos da linguagem plástica, pode ser utilizada como forma de “expressão de sentimentos e emoções, comunicação de ideias (...) desenvolvimento do pensamento, da imaginação, da sensibilidade, da criatividade e da capacidade de descoberta do meio envolvente.” (Magueta citado em Lopes, 2014, p.75)

O autor citado em epígrafe reforça que a expressão plástica “é um meio de produção e criação no qual se aplicam técnicas e se usam materiais diversificados.” (2014, p. 75)

Mais se refere que “através da prática das artes, as crianças e os jovens adquirem consciência do mundo em que vivem e adquirem meios para resistir e intervir directamente na comunidade” (Eça citado em Magueta, 2014, p. 75)

Neste sentido, Sousa (2003, p.160) reforça que:

“a expressão plástica é essencialmente uma atitude pedagógica diferente, não centrada na produção de obras de arte, mas na criança, no desenvolvimento das suas capacidades e na satisfação das suas necessidades. As artes plásticas ao serviço da criança e não esta ao serviço das artes plásticas.”

1.3.1. Expressão plástica como intervenção

Através das artes plásticas a pessoa pode expressar-se, libertar-se e experienciar novas sensações ao utilizar vários materiais e técnicas, como afirma Sousa (2003, p. 166) “...pelo traço, libertam-se recalcamentos muito antigos.”

E segundo Font (s/d, p. 15) “com la expresión plástica, el juego de improvisar y crear, observar, modificar, rectificar, percibir la propia expresión y tomar decisiones sobre ella, etc., nos da un abanico de posibilidades de crecimiento personal magnífico, convirtiéndose esta expresión plástica em una herramienta libertadora.”

A expressão plástica envolve uma linguagem universal pois através dela pode comunicar-se não só através de palavras mas também através de imagens. Sousa (2003, p. 165) refere que “a humanidade serve-se de sinais escritos para comunicar. A imagem permite, desde há milénios, a possibilidade de comunicação com os outros, mas ainda é desconhecida a função primária do traço.”

Font (s/d, p. 17) reforça que “la plástica es un lenguaje que no tiene fronteras, el mundo de la imagen se puede ler en todas partes, no genera tantas complicaciones de comprensión como los lenguajes escritos o verbales, es más universal, mestizaje y genera el encuentro cultural.”

Mais se refere que Sousa (2003, p. 165) reforça que:

“a expressão é como um vulcão, algo que brota espontaneamente, algo que vem do interior, das entranhas, do mais profundo do ser. Expressar é tornar-se um vulcão. Etimologicamente, é expulsar, exteriorizar sensações, sentimentos, um conjunto de factos emotivos. Expressar-se significa realizar um acto, que não é ditado, nem controlado pela razão.”

Quando se utiliza expressão plástica como forma de intervenção, o professor ou educador deve orientar o trabalho que está a ser desenvolvido, e não centrar-se no ensino de uma técnica, pois, a expressividade de uma linha ou mancha pode ser muito importante, em detrimento da questão do “belo” ou do tecnicamente perfeito.

Segundo Vianna e Strazzacappa (2001, p. 117):

“A arte propicia igualmente o exercício da sensibilidade. A pintura, a música, a dança, a representação teatral, a escultura e tantas outras formas artísticas aguçam nossos sentidos e provocam sensações diversas nas pessoas (...) Não existe certo ou errado, pois estamos lidando com o nível sensível do ser humano.”

Esta área também pode ajudar na resolução e/ou diagnóstico de situações complicadas na vida da pessoa em qualquer faixa, desde crianças, jovens, idosos até pessoas portadoras de deficiência. Nadal e Xavier ((1998) citados por Rodrigues, 2011, p. 103) afirmam que:

“Um dos objectivos da educação no âmbito da estética incluem o desenvolvimento das potencialidades cognitivas, afectivas e expressivas: pela valorização da capacidade do corpo como veículo de percepção de exterior; pelo despertar dos órgãos perceptivos e expressivos; pela capacidade de relacionar o que vê, ouve e sente e; por permitir abrir horizontes numa perspectiva de integração da razão com os sentimentos e com a emoção.”

Desta forma, faz sentido reforçar a importância da expressão plástica ao longo da vida do indivíduo, não é necessário ser um génio das artes ou saber desenhar, para se poder tirar partido do melhor que esta expressão artística pode oferecer ou proporcionar. A expressão plástica pode ser utilizada como meio para expressão de sentimentos, positivos ou negativos. Quando uma pessoa se sente irritada, o simples fato de amachucar ou rasgar uma folha pode ser uma forma de libertação de emoções.

1.3.2. Técnicas de expressão plástica

Existem inúmeras técnicas associadas à prática da expressão plástica, através delas é possível expressar-se o que se sente, não sendo necessário atribuir-lhes um significado.

No que concerne ao desenho e à pintura Gonçalves (1991, p.26) afirma que:

“desenhar e pintar não é apenas representar o que se vê, mas também representar o que se sente e imagina (...) Desenhar/ pintar é também mostrar o que se quer ver, tocar, cheirar, saborear e ouvir.”

Na perspectiva de Cléro (1974, p. 13):

“o ato de criatividade plástica realiza-se necessariamente pela mão que, por sua vez, cumpre uma série de gestos, não a partir de receitas previamente fabricadas, mas na base das experiências e de tateações desencadeadas por um desejo de fazer, tendo por instrumento primeiro a mão, mas também com a ajuda de instrumentos cujos usos e manejos a criança vai descobrir, e até inventar”

A utilização pedagógica das várias práticas de expressão plástica podem ser uma mais valia para conhecer o grupo, ajudá-lo a conhecer-se e a exprimir-se livremente. De seguida são apresentadas algumas técnicas utilizadas na parte prática associada a este projeto, nomeadamente a colagem, a montagem gráfica e o cadavre-exquis.

A colagem:

A colagem pode ser utilizada como forma de expressão de sentimentos e descoberta da imaginação criativa. Se o individuo acredita que não nasceu com aptidão para desenhar, esta técnica poderá estar associada, segundo Gonçalves (1991, p. 28) à:

“livre associação de imagens e fragmentos de imagens, recortadas em jornais e revistas, que permite conceber colagens, que exploram o humor e o insólito. (...) Quer no recorte de silhuetas, quer na articulação de elementos díspares, a colagem visa a grande simplificação formal e provoca a imaginação criadora, ao propor estranhas relações de imagens, aparentemente contraditórias, quando deslocadas do seu contexto habitual.”

O autor citado em epígrafe sublinha ainda “o carácter lúdico desta técnica, que se apropria do real com uma espécie de furor dadá, ao promover novas leituras ou novos modos de interpretação poética do real” (1991, p. 29)

O “movimento dadá¹” referido pelo autor diz respeito a uma vanguarda artística com início em Zurique em 1916. A palavra dadá em francês refere-se a um cavalo (brinquedo), a sua utilização pode estar associada à falta de sentido da linguagem.

¹ <https://pt.slideshare.net/hcaslides/movimento-dada-1486999>

Montagem gráfica e fotomontagem:

No que concerne à montagem gráfica e fotomontagem, estas são consideradas duas técnicas que Gonçalves (1991, p. 29) associa à colagem e que afirma serem:

“utilizadas na concepção de cartazes publicitários e de bandas desenhadas e na composição de poemas e textos ilustrado, que estabelecem uma constante relação de legibilidade imediata entre a palavra e a imagem (...) Desenhar, pintar, recortar, colar, montar, fotocopiar para de novo, desenhar, pintar, recortar, colar e montar, é um excelente exercício de composição gráfica, pelas múltiplas possibilidades expressivas que proporciona.”

Cadavre-exquis:

Esta técnica de expressão plástica que está intimamente ligada ao desenho e à pintura consiste na execução de uma composição visual de grupo, mas em que cada um desenha individualmente. A curiosidade de como resultará o produto final é o grande objetivo deste tipo de técnica, o autor supracitado define cadavre-exquis como um:

“jogo de papel dobrado, que consiste em realizar um desenho por várias pessoas, sem que nenhuma delas saiba o que fizeram as outras, aproveitando apenas traços de ligação, marcados sobre as dobras. Ao desdobrar, verifica-se com surpresa o resultado obtido. A surpresa está na relação inesperada entre imagens díspares. Diversos desenhos individuais formam um só desenho colectivo, cuja expressão resulta mais rica e inquietante que cada uma das expressões individuais participantes.” (*Ibidem*, 1991, p.32)

1.3.3. A cor como elemento da linguagem plástica

A cor:

A cor é um elemento crucial ligado à expressão plástica, através dela podem ser detetados problemas em crianças/jovens que estes queiram camuflar de alguma forma, que posteriormente podem ser encaminhados para outros profissionais.

Na perspetiva de Read (1958, p.36) “(...) a cor desempenha um papel muito importante na arte, porque produz um efeito direto sobre os nossos sentidos. Na verdade, a gama de

cores poderia ser colocada numa série que corresponde à gama das nossas emoções; o vermelho correspondendo à raiva, o amarelo à alegria, o azul à saudade, etc...”

O indivíduo com o passar do tempo tem tendência a associar certas cores a acontecimentos vivenciados, positiva ou negativamente, segundo o autor citado em epígrafe “algumas pessoas gostam ou não gostam das cores porque as associam aos seus gostos ou aversões gerais. (...) Estes gostos e aversões têm a sua origem no inconsciente e fazem, de qualquer modo, parte do temperamento de cada indivíduo” (1958, p.36)

Neste sentido, é importante referir o significado² de algumas cores no que diz respeito a sentimentos e emoções. O preto é a cor relacionada com o mistério, também está associada ao luto e introspecção. O vermelho é uma cor ligada a emoções fortes, remete para a força, liderança e vitória e ao mesmo tempo está associada a agressividade e a situações de conflito. O amarelo é a cor que está intimamente ligada ao calor, energia e luz, simboliza criatividade e juventude. O azul define-se como a cor dos sonhos e da imaginação. É associado à ternura e sinceridade. É a cor que mostra segurança e paz de espírito.

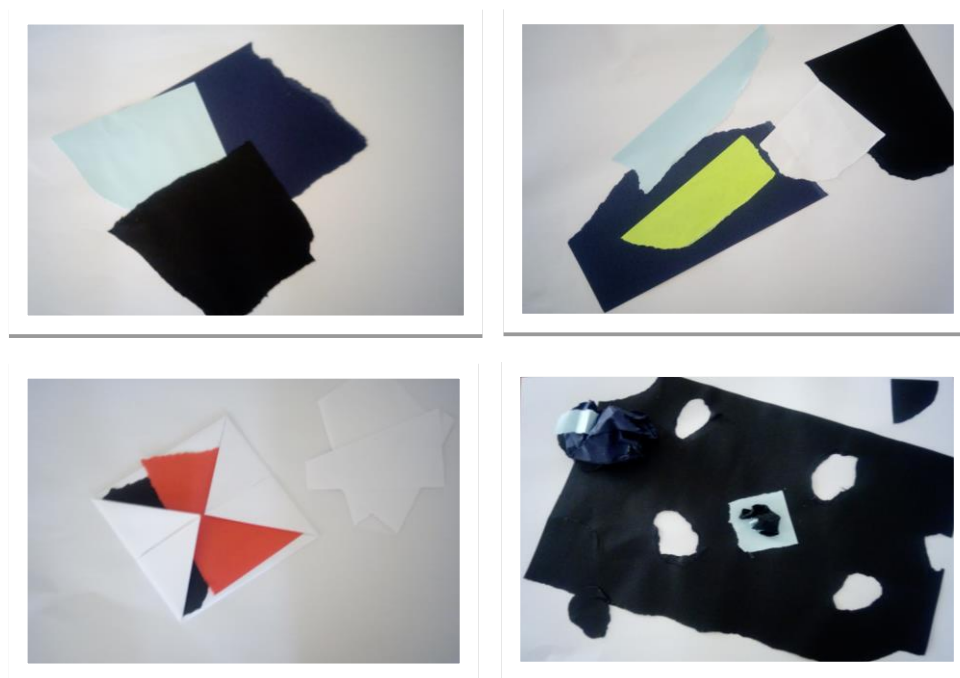


Figura 1_Recorte e colagem (Sessão I)

² <http://www.tabeladecores.org/significado-das-cores.php>

2. Gestão de sentimentos e emoções

Os sentimentos do ser humano, embora resultem de experiências conscientes, estão intimamente ligados ao funcionamento do seu organismo. Segundo Damásio (2017, p.149) “os sentimentos são experiências mentais e, por definição, são conscientes. (...) Os sentimentos retratam o interior do organismo”

Mais se acrescenta que “a complicar as coisas todos estes vários estados dos órgãos resultam da acção de moléculas químicas que circulam no sangue ou que surgem nas terminações nervosas distribuídas pelas vísceras.” (*Ibidem*, 2017, p. 150)

Neste sentido o autor supracitado reforça que “os sentimentos acompanham o desenrolar da vida no nosso organismo, mentalmente, quer estejamos a apreender, a aprender, a recordar, a imaginar, a raciocinar, a julgar, a decidir, a planear ou a criar” (*Ibidem*, 2017, p. 146)

Quando o ser humano se depara com uma situação, seja de perigo ou um momento de felicidade, esta implica uma reacção que está, sempre, internamente ligada a um sentimento ou um conjunto deles. Na perspectiva de Damásio (2017, p. 31):

“os sentimentos são os motivos para reagirmos a um problema, e monitorizam o êxito da resposta ou a falta dele. [...] Os sentimentos e, de um modo mais geral, as emoções de qualquer género são as presenças não identificadas à mesa de conferências cultural. Todos sentem a sua presença, mas ninguém fala deles.”

Para além disso, este autor defende ainda que:

“os seres humanos que originalmente terão proferido a regra de ouro do «tratar os outros como queremos que os outros nos tratem» tê-la-ão formulado com a ajuda do que sentiam quando eram maltratados, ou quando viam outros a serem maltratados.” (2017, p. 32)

As vivências pelas quais se passa ao longo da vida deixam sempre marcas, umas mais profundas que outras, mais agradáveis ou menos, mas são estas marcas que muitas vezes delineiam o futuro do ser humano, aproximando o indivíduo dos grupos sociais com quem irá relacionar-se. Como as vivências, nem sempre, são as mais felizes e

encorajadoras, estas é que vão definir o futuro do individuo, por vezes de forma menos positiva.

Segundo Damásio (2017, p. 32):

“encontramos os sentimentos por trás de muitos aspectos da sociabilidade, a orientar a constituição de grupos, grandes e pequenos, e a manifestar-se nas ligações que os indivíduos criaram em torno dos seus desejos e em torno da maravilha da invenção, bem como por trás dos conflitos pela disputa de recursos e de parceiros sexuais, que se exprimem na agressividade e na violência.”

Os sentimentos influenciam o individuo a todos os níveis. Experiências negativas afetam todo o desenrolar de uma vida, tal como defende o autor em epígrafe (2017, p.196) quando descreve que “a tristeza continua motivada por perdas pessoais, por exemplo, tem diversas maneiras de perturbar a saúde, reduzindo a respostas imunitárias e diminuindo a capacidade que nos pode proteger dos mais diversos riscos.”

No que concerne às situações positivas, o autor referido anteriormente reforça que:

“quando amamos e nos sentimos amados, e quando alcançamos aquilo que pretendíamos consideramo-nos felizes e afortunados e, sem levantarmos um dedo, vários parâmetros da fisiologia geral orientam-se numa direcção benéfica.” (*Ibidem*, 2017, p . 196)

Mais acrescenta o mesmo autor que:

“os sentimentos desempenham um papel importante nas nossas decisões e atravessam a nossa existência. (...) os sentimentos anunciam riscos, perigos e crises que têm de ser evitadas. No lado simpático da moeda, anunciam oportunidades.” (*Ibidem*, 2017, p. 196)

Os sentimentos, nem sempre, são para o individuo fáceis de gerir. No caso de uma criança ou jovem esta gestão ainda é mais complicada, uma vez que estes estão presentes ao longo de toda a vida e que há situações que fazem a pessoa sentir emoções que nunca mais se esquecem e podem condicionar o seu futuro de alguma forma, seja positiva ou negativamente. É o caso das crianças/jovens institucionalizadas.

Segundo o autor anteriormente citado (2017, p. 170) a :

“atenção, aprendizagem, memória e imaginação podem ser comprometidas, e a abordagem a tarefas e situações, triviais ou não, pode ser perturbada. É habitualmente difícil ignorar a perturbação causada pelos sentimentos emocionais sobretudo no que diz respeito à variedade negativa, mas até os sentimentos positivos de uma existência pacífica e harmoniosa preferem não ser ignorados.[...] As emoções negativas estão associadas a estados fisiológicos distintos, todos eles problemáticos do ponto de vista da saúde e do bem-estar futuros”

Deste modo,

“os sentimentos influenciam o processo mental a partir do interior e são indispensáveis devido à sua necessária positividade ou negatividade, à sua origem em acções conducentes à saúde ou à morte, e à sua capacidade de cativar e abalar o proprietário do sentimento, a garantir que se preste atenção à situação.” (*Ibidem*, 2017, p. 173)

Neste sentido o autor citado anteriormente acrescenta ainda que “são infinitas as circunstâncias, presentes ou recuperadas pela memória, capazes de provocar sentimentos.” (*Ibidem*, 2017, p. 150)

O individuo deve ter noção de que todos são diferentes numa sociedade, e mesmo que duas pessoas vejam a mesma situação no mesmo contexto, estas podem interioriza-la de forma diferente e ter uma opinião distinta um do outro. “Se observarmos juntos a mesma cena, reconhecemos de imediato que temos perspectivas diferentes” (*Ibidem*, 2017, p. 203)

Para além de cada pessoa sentir as emoções à sua maneira, isto também difere de cultura para cultura. Damásio refere que:

“curiosamente, os sentimentos evocados por situações comparáveis nas outras culturas podem ser diferentes. Ao que parece o nervosismo dos alunos antes de um exame pode ser vivido pelos estudantes alemães como borboletas no estômago e pelos estudantes chineses como uma dor de cabeça” (2017, p. 155)

Deste modo, este autor afirma que:

“é provável que a emoção ajude a razão, sobretudo no que diz respeito aos assuntos pessoais e sociais que envolvem risco e conflito (...) é óbvio que um estado de grande perturbação emocional pode conduzir a decisões irracionais.” (*Ibidem*, 2001, p. 62)

Neste sentido, salienta-se que as artes também estão intimamente ligadas à manifestação de sentimentos e emoções, através das expressões artísticas o indivíduo pode revelar o que sente sem recorrer à palavra, apenas através de gestos, movimentos ou num simples traço.

Segundo Sousa (2003, p.55) a arte é considerada:

“um meio pelo qual o homem pode exteriorizar (expressar, descarregar, purgar, catarse) as suas emoções (sentimentos, afectos, paixões, pulsões, instintos). [...] A arte é a linguagem das emoções, a procura de comunicar algo que não é traduzível em palavras e em pensamentos. Quando se fala em linguagem ou comunicação artística, não se refere a comunicação de pensamentos ou de ideias, mas algo que é puramente emocional e intraduzível em palavras.”

3. Acolhimento institucional

3.1. Crianças e jovens em risco

Com o surgir do conceito criança/ jovem em risco, existe uma necessidade de distinguir risco de perigo, pois estes dois conceitos, por vezes, são confundidos. Diz-se que uma criança/ jovem está em risco quando “um sujeito em formação submetido a dificuldades de diferente índole, que lhe limitam a possibilidade de alcançar o desenvolvimento físico, afectivo e psíquico que caracteriza, idealmente, a dignidade humana.” (Delgado, 2006, p.13)

Delgado reforça da mesma forma que “as crianças e jovens em risco são aqueles que se encontram em circunstâncias que exigem a adopção de medidas preventivas, sob pena de entrarem num processo de inadaptação ou conflito sociais.” (*Ibidem*, 2006, p. 53)

É considerado que uma criança/jovem se encontra em situação de risco se existir uma situação em que o desenvolvimento da mesma possa ser afetado,

“na perspectiva jurídica (Lei de Protecção de Crianças e Jovens em Perigo, Lei n.º 147/99, de 1 Setembro), uma criança ou jovem em risco é aquela cujo bem-estar está comprometido ou ameaçado, pondo em causa o seu desenvolvimento integral.” (*Ibidem*, 2006, p. 55)

Existem inúmeros fatores que podem colocar uma criança/jovem em risco.

“Os factores de risco definem-se, na perspectiva de Garrido e López (1995, p. 400) como o “conjunto de factores individuais, sociais e/ou ambientais que podem facilitar e incrementar a probabilidade de desenvolvimento de desordens emocionais ou de conduta.” (*Ibidem*, 2006, p.54)

Considera-se que uma criança/jovem está em perigo, segundo a Lei de Proteção de Crianças ou Jovens em Perigo³, quando:

“a) estar abandonada ou viver entregue a si própria, b) sofrer maus tratos físicos ou psíquicos, c) ser vítima de abusos sexuais, d) não receber os cuidados ou a afeição adequados à sua idade e situação pessoal, e) ser obrigada a actividades ou trabalhos excessivos/inadequados à sua idade, dignidade e situação pessoal ou prejudiciais à sua formação ou desenvolvimento e f) estar sujeita, de forma directa ou indirecta, a comportamentos que afectam gravemente a sua saúde, segurança, formação, educação ou desenvolvimento sem que os pais, o representante legal ou quem tenha a guarda de fato se lhe oponham de modo adequado a remover essa situação.”
(LPCJP, 2006)

Desta forma, ao existir uma intervenção com estas crianças/jovens pretende-se que estes adquiram ferramentas, para num futuro próximo conseguirem, mais facilmente, resolver alguns problemas que possam surgir. Segundo Delgado (2006, p.14):

“a intervenção no domínio dos maus tratos infantis visa afastar o perigo e o sofrimento. Mas deve procurar criar também as condições para que as crianças venham a ser no futuro sujeitos livres, que se interrogam e nessa interrogação se colocam perante os outros, capazes de interagir com eles e, em simultâneo, com a sociedade.”

Segundo a Convenção sobre os Direitos da Criança, esta tem direito principalmente a não ser separada dos seus pais, salvo se as autoridades competentes o decidirem (art.9º), à liberdade de expressão (art.13º), à proteção contra todas as formas de violência física ou mental, dano ou sevícia, abandono ou negligência, maus tratos ou exploração ou violência sexuais, e direito às medidas adequadas à recuperação física e psicológica de quaisquer situações vitimizadoras da criança. (art.19º, art.34º e art.39º)

É certo que todas as crianças têm os seus direitos, no entanto não se podem colocar de parte todos os deveres a eles associados, segundo Delgado (2006, p. 45 e 48):

“promover os direitos da criança não significa atribuir-lhes o controlo completo das suas vidas ou aceitar que ignorem o direito dos outros (...) não se podem omitir os deveres que (também) caracterizam a criança, enquanto pessoa, pois a todos o direito corresponde um dever.”

³ <http://www.cnpcjr.pt/left.asp?13.02>

Embora a criança/ jovem a partir de uma certa idade tenha capacidade de decidir algumas questões relacionadas com a sua vida, o acompanhamento familiar é fundamental em muitas situações. Na ausência deste, muitas vezes é a instituição que assume esse papel.

Desta forma, Delgado (2006, p. 47) acrescenta que:

“a partir de uma certa faixa etária, as crianças dispõem de significativas capacidades para tomarem decisões e se exprimirem, sozinhas ou acompanhadas, particularmente sobre as decisões que sejam tomadas no seu interesse.”

É de salientar que, consoante a idade da criança, existem vários fatores a ter em conta relativamente às suas necessidades. Segundo o guia de promoção e proteção dos direitos das crianças (2011, p.21):

“as formas de responder às necessidades da infância mudam consoante o momento, ou etapa evolutiva, em que a criança se encontra. Assim, por exemplo, as condições para a proteção da criança na primeira infância (0 aos 36 meses) implicam um contato quase permanente com adultos que cuidam dela. Pelo contrário, os adolescentes apelam a outros níveis de proteção e reclamam mais autonomia.”

No que concerne às necessidades físico-biológicas destas crianças/jovens deve ter-se em conta aspetos como a higiene, o sono, o vestuário, a alimentação, a saúde, a atividade física e a proteção de riscos reais.

As necessidades socioemocionais são um aspeto muito importante a ter em conta, uma vez que estas são o pilar de todo o sistema emocional destas crianças e jovens.

Segundo o guia citado em epígrafe estas necessidades,

“prendem-se com as condições que devem cumprir-se para que os indivíduos tenham um desenvolvimento afectivo adequado e adaptado às circunstâncias do meio envolvente (...) Nesta categoria inclui-se a necessidade de se sentir amado, protegido, apoiado, aceite e motivado; de estabelecer relações de confiança tanto com os cuidadores principais, como com os seus pares.” (2011, p. 23)

3.2. Acolhimento institucional de crianças

O acolhimento institucional de crianças e jovens, agora denominado acolhimento residencial, surge da necessidade de proteger crianças e jovens de situações de perigo.

Embora o Estado tenha um papel preventivo em relação a este tipo de casos, nem sempre é o suficiente, atendendo à perspectiva de Delgado (2015, p.13):

“... o Estado assume o papel de “vigilante”, procurando garantir a segurança da criança. E em que o sentido da intervenção é sancionar os pais negligentes ou abusadores; de uma orientação para o apoio à família, em que se presta apoio parental e o Estado procura fortalecer as relações familiares; para uma orientação centrada na criança, que não se restringe às preocupações sobre maus tratos e abusos, uma vez que o objecto de preocupação é o bem-estar e desenvolvimento global da criança.”

Para um acolhimento institucional de qualidade é indispensável ter em conta várias coisas, tais como a individualidade de cada criança/jovem, o respeito pelos direitos da criança/jovem e da sua família, garantir que a criança/jovem frequenta um estabelecimento de ensino, assegurar que são satisfeitas as suas necessidades básicas, cuidados de saúde e de integração social, preparação para a futura autonomia dos jovens, apoio às famílias, promover a segurança, a proteção e o projeto de vida.

Após o acolhimento institucional o LIJ deve ter em consideração alguns aspetos nomeadamente dar a atenção e a formação necessárias para potenciar o processo individual da criança acolhida, favorecer as visitas da família com a criança, promovendo a sua supervisão e informar a CPCJ sobre a sua evolução, informar a família sobre a evolução da situação de acolhimento da criança. (Instituto da Segurança Social, 2011, p. 203)

3.3. *Lares de Infância e Juventude*

Os LIJ são instituições que:

“surgem da necessidade de acolher crianças/jovens que, por razões de disfunções graves ou outras, careçam do apoio de uma estrutura residencial que lhes proporcione, não só as necessidades de socialização inerentes às fases de desenvolvimento, mas também o papel complementar que lhe cabe na acção educativa” (Fernandes & Silva, 1996, p. 5)

Estes locais devem ser abertos à comunidade em geral, e têm como principais objetivos:

“promover a reintegração da criança/jovem na família e na comunidade, proporcionar os meios que contribuam para a sua valorização pessoal, social e profissional e proporcionar às crianças/jovens a satisfação de todas as suas necessidades básicas em condições de vida tão aproximadas quanto possível às da estrutura familiar.” (*Ibidem*, 1996, p. 7)

No que concerne à organização interna das instalações de um Lar desta natureza, estes devem compreender obrigatoriamente áreas como uma sala de convívio e de estudo, uma sala de jantar, quartos individuais e partilhados, instalações sanitárias, instalações para o pessoal, cozinha e respetivos anexos e áreas de apoio e de arrecadação.

Relativamente à articulação dos Lares com as estruturas familiares e comunitárias, estes devem funcionar em conexão com as famílias das crianças/jovens. Estas serão mantidas informadas da sua evolução, devendo promover-se, sempre que possível e necessário encontros regulares com os seus familiares dentro e fora do Lar. As crianças/ jovens devem ter acesso a todos os recursos da comunidade e participar nas iniciativas que na mesma forem promovidas, e por fim os Lares devem permitir a entrada de amigos e colegas das crianças/ jovens. (*Ibidem*, 1996, p. 11)

No que diz respeito à pessoa responsável pelo Lar, este deve ter a disponibilidade necessária para o atendimento das crianças/ jovens e respetivos familiares. Este responsável deve estar habilitado com formação no âmbito das ciências de educação ou sociais e humanas. (*Ibidem*, 1996, p. 12)

3.4. Principais motivos que levam à institucionalização

Existem inúmeros motivos que podem levar as crianças/jovens à situação de acolhimento institucional, nomeadamente os maus-tratos, a negligência e problemas de comportamento.

De uma forma geral podem-se definir maus-tratos como “qualquer acção ou omissão não accidental, perpetrada pelos pais, cuidadores ou outrem, que ameace a segurança, dignidade e desenvolvimento biopsicossocial e afectivo da vítima.” (Leça et all, 2011, p.7).

Os maus-tratos exteriorizam-se através de comportamentos que de alguma forma possam privar a criança dos seus direitos alterando o seu desenvolvimento e a sua saúde. As crianças/ jovens, de um modo geral, podem ser maltratados pelos pais ou cuidadores, pelos irmãos, por outros familiares ou por uma pessoa conhecida ou desconhecida.

Neste seguimento, surge o conceito de negligência, que é um tipo de mau trato que pode ser definido como “a incapacidade de proporcionar à criança ou ao jovem a satisfação de necessidades básicas de higiene, alimentação, afecto, educação e saúde, indispensáveis para o crescimento e desenvolvimento adequados.” (Leça et all, 2011, p.7)

Deste modo, a negligência pode ser classificada de duas formas, ativa, onde há intenção de causar um dano, ou passiva, que resulta da incapacidade dos pais ou cuidadores para assegurar os cuidados que o menor necessita. (Leça et all, 2011, p. 7).

3.5. Serviços e medidas de promoção e protecção

A Lei de Protecção de Crianças e Jovens em Perigo, aprovada pela Lei nº147/99 de 1 de Setembro de 1999, no seu artigo 4º define vários princípios de atuação no que concerne à protecção de crianças, nomeadamente: a primazia do interesse superior da criança sobre qualquer outro interesse digno de protecção, a audição e participação da criança em todos os atos que lhe dizem respeito, o respeito pelos direitos reconhecidos às crianças nas

Leis e nos Tratados e Convenções Internacionais, a prevenção como critério de atuação, em situação de risco ou perigo bem como a intervenção precoce mínima.

Relativamente às Comissões de Proteção de Crianças e Jovens em risco estas têm como principais características a autonomia funcional, a imparcialidade, independência, a interdisciplinaridade e a competência territorial. Estas são definidas, segundo o guia de orientações supra citado, como:

“instituições oficiais não judiciárias com autonomia funcional que visam promover os direitos da criança e do jovem e prevenir ou pôr termo a situações susceptíveis de afectar a sua segurança, saúde, formação, educação ou desenvolvimento integral” (2011, p. 102)

As medidas de promoção dos direitos e proteção das crianças/ jovens em perigo têm como função, afastar o perigo em que estes se encontram, proporcionar-lhes as condições que permitam: proteger e promover a sua segurança, saúde, formação educação, bem-estar e desenvolvimento integral, bem como, garantir a recuperação física e psicológica das crianças/ jovens vítimas de qualquer forma de exploração ou abuso. (LPCJP, art. n° 34)

As medidas de promoção dos direitos e proteção das crianças/ jovens em risco disponibilizadas são: o apoio junto dos pais ou junto de outro familiar, o apoio para a autonomia de vida, o acolhimento familiar ou residencial e por fim, a confiança na pessoa seleccionada para a adoção, a família de acolhimento ou a instituição com vista à adoção. (LPCJP, art. n° 35)

Tendo em conta o autor Delgado (2006, p. 80):

“as instituições ou centros de acolhimento de crianças e jovens têm por finalidade educar o menor e assegurar o seu desenvolvimento integral, substituindo a sua família ou responsáveis pelo poder paternal quando estes não podem cumprir a sua finalidade educativa.”

Por conseguinte, convém ressaltar que “...é no espaço institucional dotado de parâmetros adequados às finalidades educativas que a criança encontra, nalguns casos pela primeira vez, atenção, carinho, convivência, e bondade” (Delgado, 2006, p. 82)

3.6. A importância da família

É através da família que a criança/jovem, normalmente, aprende valores, regras da sociedade, o que é certo ou errado, ou por outro lado, a marginalização e uma vida de risco.

A este propósito, Tierno ((1998) citado por Delgado (2006, p.67)), vem esclarecer que à:

“família cabe transmitir o conjunto de regras e de valores de uma sociedade às crianças e jovens, de modo a que estes adquiram competências para o desempenho de papéis sociais e para aceitarem a responsabilidade social. A estruturação da personalidade do menor relaciona-se com a aprendizagem de normas, com a sua interiorização e construção de mecanismos que permitem exercer o auto-controlo das suas condutas. Para que tal suceda, é fundamental que os pais tenham uma atitude dialogante, mas coerente e firme, que transmita à criança pontos de referência que, progressivamente, ela interiorizará como suas”

Neste seguimento, pode afirmar-se que com o passar do tempo e com a evolução da sociedade o conceito de família tem vindo a sofrer alterações. Embora se mantenha a necessidade da criança/jovem criar laços afetivos, atualmente esta pode encontrá-los não só na família mas em alguém mais próximo que não faça parte dela. Bronfrenbrenner ((1996) citado por Delgado (2013, p. 23)) declara que:

“no presente, o conceito de família é cada vez menos circunscrito a laços de sangue, casamento, parceria sexual ou adopção, tendendo a englobar aquele grupo cujas relações sejam baseadas na confiança, suporte mutuo e num destino comum. A família afirma-se segundo critérios intangíveis e relacionados com motivações e sentimentos, como a intimidade e o compromisso, destaca-se pelos laços de intimidade e de dependência que se prolongam a longo prazo de uma forma estável e do qual resultam o desenvolvimento das pessoas nela implicadas”

Delgado (2006, p. 27) acrescenta que “a instabilidade e a mudança dificultam a transmissão de valores entre gerações, confrontando-nos com novas opções e obrigações numa realidade complexa, incerta, e em permanente evolução.”

O ser humano tem necessidade, ao longo da vida, de criar laços afetivos, não consegue sobreviver sozinho,

“o desenvolvimento integral de um ser humano implica a criação de laços afectivos, de modo a construir a estrutura afectivo-emocional indispensável para o bom relacionamento interpessoal.

A sua inexistência ou deficit coloca a criança numa situação de risco, fruto do mau trato emocional.” (*Ibidem*, 2006, p.59)

Neste sentido, é viável afirmar que quando o seio familiar não é consistente mais cedo ou mais tarde isso reflete-se no futuro da criança, Delgado (2006, p. 35) acrescenta que:

“a criança reivindica toda a atenção, todo o cuidado, dos seus progenitores, em primeiro lugar, ou de terceiros, na sua ausência ou impossibilidade. Quando falha a relação entre pais e filhos, seja qual for o motivo, estarão criadas as condições que, potencialmente, conduzem à exclusão.”

Capítulo II- Metodologia

2.1. Opções metodológicas

No *Projeto Cria [Ativa Mente]*, considerando o trabalho de campo realizado pela investigadora, cada atividade foi planeada após a realização da anterior, ou seja, as atividades foram adaptadas às participantes do projeto, segundo as reações, emoções e gestos exteriorizados pelas mesmas. Segundo Burgess (1997, p. 5), em cada projeto o seu “desenho será continuamente modificado e desenvolvido pelo investigador ao longo do projecto.”

Tendo por base o que foi descrito anteriormente, a metodologia utilizada neste projeto foi essencialmente qualitativa, baseada no registo das participantes nos seus diários de bordo.

Segundo Moreira (2007, p. 49) “a abordagem qualitativa parte, precisamente, do pressuposto básico de que o mundo social é um mundo construído com significados e símbolos, o que implica a procura dessa construção e dos seus significados.”

Mais se refere que Carmo & Ferreira (2008, p.198) afirmam que:

“a investigação qualitativa é “descritiva”. A descrição deve ser rigorosa e resultar diretamente de dados recolhidos. Os dados incluem transcrições de entrevistas, registos de observações, documentos escritos (pessoais e oficiais), fotografias e gravações vídeo. Os investigadores analisam notas tomadas em trabalho de campo, os dados recolhidos, respeitando, tanto quanto possível, a forma segundo a qual foram registados ou transcritos.”

Os autores supracitados referem ainda que “em investigação qualitativa dá-se uma grande importância à validade do trabalho realizado. Neste tipo de investigação tenta-se que os dados recolhidos estejam de acordo com o que os indivíduos dizem e fazem.” (2008, p.199)

Contudo, foram utilizados inquéritos por questionário no início e no final do projeto, neste sentido, foi utilizada uma metodologia quantitativa.

No que diz respeito à metodologia mencionada anteriormente,

“os objetivos da investigação quantitativa consistem essencialmente em encontrar relações entre variáveis, fazer descrições recorrendo ao tratamento estatístico de dados recolhidos, testar teorias” (Carmo & Ferreira, 2008, p. 196)

Desta forma,

“a pesquisa quantitativa deve ser a mais “objectiva” possível. Os fenómenos observados e/ou medidos não devem ser afectados pelo pesquisador. Este deve evitar, na medida do possível, que seus temores, crenças, desejos e tendências influenciem os resultados do estudo ou interfiram nos processos, e que também não sejam alterados pelas tendências de outros.” (Unrau, Grinnell & Williams, 2005 citado em Sampieri, Collado & Lucio 2013, p. 31)

Neste seguimento e atendendo ao facto de ser um projeto de intervenção utilizou-se o método de Investigação-Ação, que Sousa & Batista (2011, p. 65) consideram ser:

“participativa e colaborativa, no sentido em que implica todos os intervenientes no processo. O investigador não é um agente externo que realiza investigação com pessoas, é um co-investigador com e para os interessados nos problemas práticos e na melhoria da realidade.”

Tendo por base este facto enunciado pelos autores supracitados, este projeto envolveu ativamente o grupo de jovens em estudo, bem como a investigadora. Ao longo do projeto foram mesmo criados laços entre ambas, prevalecendo sempre o respeito mutuo. Neste sentido, Burgess (1997, p. 5) refere que “básico para a condução da pesquisa de terreno é o desenvolvimento de relações entre o investigador e aqueles que são investigados.”

2.2. Instrumentos de recolha de dados

No que diz respeito aos instrumentos de recolha de dados utilizados neste projeto, foram aplicados dois inquéritos por questionário, um inicial e um final. Foram também distribuídos às participantes cadernos que serviriam como diários para registar o que sentiam em cada sessão. A investigadora também utilizou o diário como forma de captar informação pertinente.

No que concerne aos inquéritos por questionário, a utilização deste tipo de instrumentos teve como propósito, inicialmente, conhecer um pouco as jovens no que diz respeito à

sua escolaridade, o tipo de contato que já tinham tido com as expressões artísticas utilizadas e como se sentiam a nível social e pessoal.

E no fim, o inquérito por questionário inquiria as participantes acerca da sua satisfação relativamente às atividades do projeto.

O tipo de instrumento mencionado anteriormente,

“ é um instrumento de investigação que visa recolher informações baseando-se geralmente, na inquirição de um grupo representativo da população em estudo (...) A aplicação de um questionário permite recolher uma amostra dos conhecimentos, atitudes, valores e comportamentos.” (Sousa & Batista, 2011, p. 91)

No início do projeto, para além do inquérito por questionário, foram também distribuídos às participantes diários, como já foi referido em epígrafe.

Estes diários tinham como finalidade obter a reflexão das participantes sobre as reações, emoções e sentimentos vivenciados, individualmente, em cada sessão realizada. Com base nestas descrições e reflexões a investigadora tinha material para planear e adaptar a sessão seguinte.

Relativamente aos diários de bordo, Burgess (1997, p. 141) atesta que “é aqui que as pessoas facultam um conjunto de pensamentos, acontecimentos e sentimentos que são considerados importantes. É um documento que é produzido espontaneamente.”

O tipo de instrumento descrito previamente torna-se um elemento muito importante numa investigação maioritariamente qualitativa, este permite à investigadora aceder a informações acerca das participantes que de outra forma seria quase impossível.

Uma vez que a investigadora garante à participante que o acesso à informação constante do diário é confidencial e apenas será analisado por ela, a participante por vezes acaba por utilizá-lo como confidente.

O diário de bordo da investigadora foi utilizado como fonte de absorção de informação pertinente acerca de cada uma das sessões. Dele constam as reações e atitudes positivas ou negativas de cada participante, neste diário são descritos os comportamentos observados e o interesse ou desapeço das jovens em cada atividade.

2.3. Problemática

Após toda a pesquisa bibliográfica, pode observar-se a importância que vários autores atribuem às expressões artísticas, nomeadamente a expressão dramática e a expressão plástica e de que forma é que estas podem contribuir para a capacitação e desenvolvimento de cada indivíduo.

Este projeto surgiu com base em duas grandes finalidades. Por um lado tirar o maior partido do contributo que as expressões artísticas podem oferecer a jovens institucionalizadas e por outro lado, proporcionar às mesmas, situações e momentos que não teriam oportunidade de vivenciar em qualquer outro contexto.

Após o contato com a instituição em causa e uma reunião com a Diretora Técnica da mesma, esta demonstrou de imediato interesse no projeto e sugeriu que este fosse direcionado a jovens com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos de idade. Este mostra ser um grupo que tem necessidade de mais atenção e em que a relação entre jovens se torna, por vezes, complicada. Para além de se encontrarem na adolescência, em que a gestão de emoções e sentimentos não é fácil, esta é uma fase crucial na solidificação de amizades e na aprendizagem de estratégias de facilitação de resolução de problemas que serão importantes ao longo da vida destas jovens.

Nesta fase e segundo Papalia, Olds & Feldman, estas jovens encontram-se numa “transição no desenvolvimento entre a infância e a idade adulta que envolve grandes mudanças físicas, cognitivas e psicossociais inter-relacionadas” (2006, p. 440)

É uma fase de grandes mudanças que nem sempre é aceite de forma pacífica pelos jovens, podendo trazer alguns problemas que nem sempre são fáceis de ultrapassar e aceitar. Nomeadamente as transformações físicas.

“As mudanças físicas tanto em meninos como em meninas durante a puberdade incluem o surto de crescimento adolescente, o desenvolvimento de pêlos pubianos, de voz mais grave e o desenvolvimento muscular. (...) As moças tendem a ser mais infelizes em relação à sua aparência do que os rapazes ” (Papalia, Olds & Feldman 2006, p. 442)

2.4. Pergunta de partida e objetivos

Tendo em conta o contexto referido anteriormente e após a realização de uma pesquisa bibliográfica acerca do tema surge o problema de investigação, que consiste em perceber:

- Qual o contributo das expressões artísticas, dramática e plástica, na gestão de sentimentos e emoções de jovens institucionalizadas?

Neste seguimento surgem os objetivos deste projeto, tendo como principal finalidade:

- Compreender a importância das expressões artísticas na gestão de sentimentos e emoções em jovens institucionalizados.

Como objetivos específicos surgem:

- Ajudar as jovens a exprimir os sentimentos e emoções através das diferentes expressões artísticas;
- Utilizar as expressões artísticas como meio facilitador de resolução de problemas das jovens;
- Proporcionar às jovens a responsabilidade de participar na construção de um projeto, relacionado com expressões artísticas, atribuindo-lhes um papel ativo;
- Estimular a criatividade das jovens individualmente e em grupo;
- Compreender a importância deste projeto na relação entre jovens.

2.5. Caracterização da instituição

O *Projeto Cria [Ativa Mente]* foi implementado no Lar de Infância e Juventude Casa Dr. Alves que pertence à Fundação Dr. Agostinho Albano de Almeida em Ourém.

Presentemente, a Fundação Dr. Agostinho Albano de Almeida apresenta várias respostas sociais: Lar de Idosos (Estrutura Residencial para Pessoas Idosas), Centro de Dia, Apoio Domiciliário, Cantina Social, Lar de Infância e Juventude (LIJ) e Rede Local de Intervenção Social (RLis).

A Casa Dr. Alves é um equipamento social que acolhe crianças e jovens do sexo feminino que se encontram em situação de risco, com base no art. 3.º da Lei 147/99 de 1 de setembro, Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (LPCJP), tendo como propósito garantir os cuidados adequados às carências de cada criança.

Esta casa tem como objetivos específicos⁴ promover a integração das crianças/jovens e garantir a satisfação de todas as necessidades das mesmas em condições de vida tão aproximadas quanto possível às da estrutura familiar, oferecer recursos que contribuam para a sua valorização social, escolar e pessoal, traçar cada projeto de vida garantindo sempre o interesse da criança e, por último, favorecer a autonomização das jovens.

Desta forma, compete à Casa Dr. Alves⁵ defender o princípio do superior interesse das crianças e jovens acolhidos, criar e manter as condições necessárias ao normal desenvolvimento da resposta social, promover as competências parentais e respeitar a prevalência da família natural, na exata medida da defesa do direito das crianças e jovens, criar procedimentos de avaliação da qualidade da intervenção desenvolvida pelo Lar, proporcionando momentos para a autoavaliação das práticas, seja individualmente e/ou em equipa, no sentido da sua redefinição e constante melhoria, e colaborar ativamente com os Serviços da Segurança Social, assim como com a rede de parcerias adequada ao desenvolvimento da resposta social.

⁴ <http://fagostinho.nersantsocial.pt/instituicao/historia/>

⁵ <http://fagostinho.nersantsocial.pt/instituicao/historia/>

A Casa Dr. Alves, enquanto lar de infância e juventude, defende uma estrutura organizacional que proteja a satisfação das necessidades do público que acolhe, que é constituída por um conselho de administração, equipa técnica, equipa educativa e equipa de apoio.

Esta instituição encontra-se estruturada de forma a ir ao encontro das necessidades e características de cada utente. Neste sentido, a casa apresenta-se dividida em duas alas - a Ala número 1 é destinada às jovens adolescentes e a Ala 2 é reservada às crianças. O espaço contempla oito quartos partilhados por quatro pessoas, quatro quartos duplos, um quarto individual, cinco casas de banho e um refeitório, existindo ainda um quarto e uma casa de banho para a auxiliar responsável pelo turno da noite.

Esta Casa oferece também um espaço de lazer, composto por uma sala de estar, a sala de brincadeiras, a casa da eira e uma capela. Na parte exterior, encontra-se um grande jardim e uma área de esplanada coberta.

Esta Casa de acolhimento detém, ainda, uma zona técnica da qual consta o Gabinete da Diretora Técnica, o Gabinete de Serviço Social, o Gabinete de Educação Social e o Gabinete de Psicologia. Para além destes espaços existem também uma cozinha, uma copa, duas despensas, uma rouparia e sapataria, uma lavandaria, a sala das colaboradoras e duas garagens. Direccionadas para as utentes inseridas em espaços escolares, existem duas salas de estudo, uma sala de informática e uma biblioteca.

A Casa Dr. Alves apresenta um projeto educativo, que a instituição define como “o instrumento que define e caracteriza o tipo de intervenção que se realiza com as crianças e jovens acolhidas” (Casa DR. Alves, 2014), o que vigora, foi elaborado para o último triénio.

No que diz respeito às rotinas da Casa de Acolhimento, semanalmente é servido o jantar às crianças às 19h30, estando estipulada a hora de deitar às 21h, enquanto as jovens são servidas às 20h, e têm estabelecida como hora de deitar as 22h. No período de fim de semana e feriados, as utentes desfrutam da refeição em conjunto, havendo igualmente uma alteração quanto à hora de deitar - as crianças às 22h e as jovens às 00h30.

Relativamente às tarefas da Casa, estas são divididas por todas as utentes, desde limpezas a ajuda na cozinha, entre outras, para que a Casa Dr. Alves esteja sempre pronta a receber visitas de forma acolhedora e organizada.

Uma vez que é considerada uma IPSS, esta instituição recebe apoio financeiro por parte da Segurança Social. No entanto, existem outras fontes de rendimento adicionais, nomeadamente a angariação de fundos através da realização de eventos, como a “Gala de Dança com os Afetos”, jantares diversos, a Sardinhada anual, entre outros, e os donativos recebidos, que ajudam na resposta a necessidades básicas tais como bens alimentares, calçado e vestuário.

A Casa Dr. Alves cultiva desde sempre a abertura à comunidade e a possibilidade de interação e estabelecimento de laços das crianças e jovens com pessoas que se disponibilizam, de forma voluntaria, a ajudar as utentes. Este tipo de ação consiste na possibilidade de passar alguns fim de semana e férias com estas famílias, de forma a que as utentes se sintam integradas num meio familiar tradicional.

Sendo uma IPSS, a Casa Dr. Alves tem um acordo com o Instituto da Segurança Social para acolher 38 crianças e jovens, do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 2 e os 18 anos. A média anual do número de crianças e jovens acolhidas foi no último ano de 35 e a média de idades situou-se nos 17 anos.

Segundo a instituição (Casa Dr. Alves, 2014) e:

“a acompanhar a tendência nacional dos últimos anos, também esta instituição tem vindo a acolher jovens mais velhas, multi-intervencionadas, com problemas ao nível da saúde mental e/ou comportamental, com sinais de carência afetiva grave, falta de regras e de um ambiente contentor, proveniente de contextos familiares multiproblemáticos, com situações de abuso sexual, negligência ou maus-tratos.”

Atualmente, a Casa Dr. Alves acolhe 26 crianças e jovens, dos quais 2 são rapazes com o objetivo de não separar fratrias (grupo de irmãos). Estes estão divididos pelas seguintes faixas etárias, existem 3 crianças com idades compreendidas entre os 7 e os 10 anos, 4 crianças entre os 10 e os 13 anos, entre os 14 e os 17 anos de idade esta Casa acolhe 13 jovens, são 4 as jovens com idades compreendidas entre os 17 e os 20 anos, e por fim, esta instituição acolhe também uma rapariga com 33 anos.

2.6. Caracterização do público-alvo

As participantes do projeto são jovens acolhidas no Lar de Infância e Juventude Casa Dr. Alves, e mostraram de imediato interesse em participar no projeto.

Desta forma, o grupo é constituído por jovens com idades compreendidas entre os 14 e 17 anos de idade, são maioritariamente naturais do distrito de Santarém.

Relativamente à escolaridade destas jovens, estas estão divididas entre o 7º e o 10º ano de escolaridade, sendo que uma delas frequenta o ensino alternativo, como mostra a tabela seguinte (Tabela I). Como forma de garantir todos os critérios de confidencialidade foi atribuída uma letra a cada jovem.

Tabela 1_Caracterização das jovens

Participante	Idade	Escolaridade
A	16	10ºano, Curso profissional
B	14	7ºano
C	14	7ºano
D	14	7ºano
E	15	8ºano
F	14	7ºano
G	15	8ºano
H	16	7ºano
I	16	10ºano, Curso profissional
J	16	8ºano
L	15	7ºano
M	17	11ºano, Curso profissional

No que concerne aos motivos pela qual se encontram institucionalizadas, estes variam entre maus-tratos, negligência, comportamento desviante e abandono escolar.

Com base nos inquéritos por questionário preenchidos pelas participantes constatou-se que a maior parte já tinha tido contato com as expressões artísticas utilizadas no projeto, nomeadamente em contexto escolar. Este pode ser o motivo pela qual as jovens participaram voluntariamente nas sessões realizadas.

2.7. Descrição e fases do projeto

O *Projeto Cria (Ativa Mente)* foi planeado para ter início em janeiro, durante todas as quartas feiras de cada semana, uma vez que as atividades eram planeadas consoante a reação das participantes na sessão anterior.

Tabela 2_ Data das sessões do projeto

Intervenção	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril
Sessões	Sessão 1: 17-01-2018	Sessão 4: 07-02-2018	Sessão 7: 03-03-2018	Sessão 10: 11-04-2018
	Sessão 2: 24-01-2018	Sessão 5: 21-02-2018	Sessão 8: 14-03-2018	Sessão 11: 18-04-2018
	Sessão 3: 31-01-2018	Sessão 6: 28-02-2018	Sessão 9: 21-03-2018	

As sessões decorreram neste dia da semana devido ao facto das jovens terem a tarde livre. Neste sentido, a investigadora podia utilizar duas horas durante essa tarde. Foi estipulado o horário semanal das 16h às 18h. As sessões decorreram no interior do LIJ numa sala ampla denominada por sala da televisão. O projeto foi planeado com uma duração de cerca de três meses.

No que diz respeito às atividades, e como já foi referido anteriormente, estas foram planeadas no decorrer das semanas.

Cada sessão foi dividida em três partes, inicialmente existiam exercícios de aquecimento/ quebra-gelo, seguindo-se exercícios de exploração e de criação em conjunto. No final de cada sessão, para além de uma pequena partilha de emoções em grupo, existia o momento das jovens refletirem individualmente no seu diário de bordo.

Após definido o grupo de participantes, as sessões do projeto tiveram início no dia 17-01-2018 (sessão 1), neste dia a investigadora apresentou-se ao grupo, falando um pouco do seu percurso profissional e pessoal, com a finalidade de criar uma empatia inicial com as participantes.

Neste seguimento a investigadora expôs, resumidamente, o projeto e em que é que este consistia e pediu, gentilmente, às participantes que procedessem ao preenchimento do inquérito inicial por questionário.

Desta forma, foram então preenchidos os inquéritos por questionário e realizadas três atividades, o “jogo dos nomes”, o “fui passear e levei” e “uma folha, vários sentimentos”. Estas atividades tinham como objetivo começar a conhecer o grupo, motivar as jovens para a participação ativa no projeto e perceber de que forma é que estas se relacionavam. No final, existiu a primeira reflexão individual das jovens nos diários de bordo. A investigadora garantiu que toda a sua informação seria confidencial e seria apenas utilizada no projeto em causa.

Neste sentido, as sessões foram sempre organizadas de forma a que as participantes interagissem ativamente umas com as outras, utilizando alguns elementos de expressão dramática, nomeadamente, a exploração do espaço, a colocação da voz, entre outras, a expressividade da cor, assim como algumas técnicas de expressão plástica, especialmente o recorte e a colagem.

No que concerne às sessões do projeto, estas dividiram-se em quatro fases:

1ª fase (sessão 1/ 17-01-2018)

- Apresentação da investigadora e do projeto;
- Aplicação dos inquéritos por questionário;
- Conhecimento do grupo e estabelecimento de empatia inicial com o mesmo;
- Motivação do grupo relativamente ao projeto.

2ª fase (sessão 2 a 8/ 24-01-2018 a 14-03-2018)

- Conhecimento e promoção da interação entre o grupo;
- Estimulação da imaginação, criatividade, memória, concentração;
- Construção de histórias, em grupo, com a utilização de várias técnicas de expressão dramática e expressão plástica;
- Criação de fantoches relacionados com as personagens que resultaram de histórias criadas em grupo;
- Criação de personagens através de recortes simples;

- Promoção do trabalho em equipa e interação entre pares;
- Desenvolvimento da capacidade de improvisação, comunicação, coordenação motora, sentido rítmico.

3ª fase (sessão 9 a 11/ de 21-03-2018 a 18-04-2018)

- Criação de slogans e cartazes;
- Criação de um mini projeto final através de uma história criada a partir dos slogans e apresentação da mesma.

4ª fase (sessão 12/ 02-05-2018)

- Aplicação dos inquéritos por questionário finais;
- Reflexões finais nos diários de bordo.

Todas as personagens e histórias criadas nestas sessões partiram de simples objetos ou imagens facultadas pela investigadora, mas resultaram da imaginação e interação grupal das participantes, nomeadamente os fantoches e as personagens que resultaram de recortes. Estas foram construídas segundo os traços de personalidade atribuídas às mesmas pelas jovens participantes.

Capítulo III: Análise de dados e discussão de resultados

3.1. Análise dos inquéritos por questionário iniciais e finais

Na sessão número um deste projeto foi pedido às jovens que preenchessem um inquérito por questionário inicial, que pode ser consultado em anexo (Anexo I). Este inquérito por questionário visava essencialmente estudar as características do grupo de participantes e ajudar o diagnóstico inicial. Também se revelou importante na análise comparativa da evolução do grupo.

Uma das questões do inquérito por questionário inquiria as jovens relativamente à sua participação em atividades de expressão dramática, onde quatro responderam que já tinham participado e oito responderam que não, como mostra a tabela seguinte.

Tabela 3_Participação em atividades de expressão dramática

Participação em atividades de expressão dramática	Número de respostas
Sim	4
Não	8

No que concerne a atividades de expressão plástica, das doze jovens em estudo, duas responderam nunca ter participado em atividades relacionadas com a expressão artística mencionada anteriormente.

Tabela 4_Participação em atividades de expressão plástica

Participação em atividades de expressão plástica	Número de respostas
Sim	10
Não	2

De seguida, no inquérito por questionário (inicial e final) foi apresentada uma tabela com várias afirmações relacionadas com a personalidade e relação das jovens com as pessoas que as rodeiam, fossem colegas ou profissionais. As jovens tinham oportunidade de classificar cada afirmação numa escala de 1 a 3, em que 1 correspondia a “Não concordo” e 3 dizia respeito a “Concordo totalmente”. A utilização da mesma tabela no inquérito por questionário inicial e final tinha como principal objetivo perceber as mudanças ocorridas nas jovens durante a aplicação do projeto.

Relativamente aos aspetos relacionados com a personalidade, pode constatar-se que inicialmente oito das jovens afirmavam considerar-se tímidas ao contrário das quatro restantes. Na fase final do projeto após a realização das atividades pode observar-se que sete das jovens conseguiram ultrapassar de alguma forma a sua timidez.

No que diz respeito ao aspeto da facilidade de falar em público, no início das sessões três das jovens afirmaram sentir dificuldade em expressar-se publicamente, ao contrário das outras. No inquérito por questionário final podemos observar uma mudança relativamente a este aspeto, onde cinco das jovens participantes afirmam ter ultrapassado esta dificuldade.

Um dos aspetos referidos no inquérito por questionário, que também importa referir, é o fato de as jovens terem consciência das capacidades e habilidades das quais são portadoras. Inicialmente cinco jovens afirmavam não possuir algumas das características mencionadas anteriormente, com o decorrer do projeto notou-se uma melhoria neste aspeto. No inquérito por questionário final, nove das doze jovens participantes afirmaram sentir que adquiriram algumas capacidades e habilidades.

Neste seguimento, surgem os aspetos relacionados com a relação entre jovens. No que diz respeito à facilidade em fazer amigos, inicialmente, seis das jovens consideravam ser difícil fazer novos amigos. No inquérito por questionário final, após a realização das sessões, apenas uma das participantes afirmou ainda sentir dificuldade neste aspeto.

Relativamente ao gosto e facilidade de trabalhar em grupo, no início cinco das jovens responderam não conseguir partilhar tarefas com as colegas, mas no inquérito por questionário final apenas duas jovens ainda sentiam algum bloqueio neste aspeto.

Na questão relacionada com a relação com as outras jovens, cinco das participantes afirmou não conseguir manter uma boa relação com o outro. Após a análise dos inquéritos por questionários finais pode observar-se que, de alguma forma, as jovens aprenderam a resolver os conflitos umas com as outras, nenhuma delas respondeu de forma negativa a esta questão.

O último aspeto do inquérito por questionário que merece ser referido é o facto de as jovens se sentirem valorizadas pelos outros. No início das sessões cinco destas jovens responderam não sentir reconhecimento por parte dos outros, após o término do projeto apenas duas das jovens participantes afirmaram ainda não se sentir valorizadas pelos outros.

3.2. Análise dos diários de bordo das participantes

Os diários de bordo são um instrumento de recolha de dados em que cada participante registou o que sentiu e vivenciou durante as sessões decorrentes do projeto. Neste sentido e após análise dos mesmos foram encontrados aspetos em comum, que foram convertidos em categorias e sub categorias (Anexo III). Neste seguimento e de forma sucinta os tópicos mais salientados pelas jovens encontram-se evidenciados na tabela seguinte:

Tabela 5_ Análise dos diários individuais das participantes

Categorias	Subcategorias	Evidências
Opiniões acerca das sessões realizadas	Satisfação	•“Gostei, aprendi coisas muito interessantes” (17-01-2018, J)
		•“Eu gostei de todas as actividades. Achei muito divertido” (17-01-2018, G)
		•“Gostei imenso, há algum tempo que já não fazia actividades dinâmicas. Gostei bastante!!!” (17-01-2018, A)
		•“Eu gostei de tudo. Pensei que não fosse divertir-me tanto” (17-01-2018, E)
		•“As actividades que foram realizadas foram bastante interessantes e deu para explorar diversos campos! Gostei bastante das actividades realizadas!” (17-01-2018, I)

	<ul style="list-style-type: none"> •“Adorei o dia de hoje foi espectacular. Adorei mesmo tudo. Gostava mesmo de voltar a repetir.” (24-01-2018, J) •“Gostei muito de todas as actividades. Acho que a música ajuda muito.” (24-01-2018, G) •“Estive cá pouco tempo entrei no fim (...) mas gostei do que tive aqui a fazer o pouco que durou” (24-01-2018, C) •“(...) gostei muito e queria que continuasse assim” (24-01-2018, D) •“Eu acho que esta sessão foi interessante. Deu para descontrair e divertir” (28-02-2018, E) •“Gostei muito do dia de hoje, estava muito chorona e ajudou-me a descontrair bastante” (31-01-2018, G) •“Como vim no final da sessão, só participei numa actividade. Gostei da actividade (...)” (07-02-2018, M) •"Hoje estivemos a fazer bonecos relacionados com a história que estamos a construir, foi divertido" (21-02-2018, J)
	<ul style="list-style-type: none"> •"Eu gosto de passar aqui o meu tempo, sempre tenho alguma coisa para me entreter” (28-02-2018, J) •“Do pouco tempo que vim fizemos um pequeno teatro foi engraçado. Gostei muito” (28-02-2018, L) •“Adorei este dia fartei-me de rir e a história de fantoches foi brutal”(28-02-2018, D) •“Gostei muito de pintar a “D”. Adorei este dia” (07-03-2018, C) •“Hoje o dia foi bué fixe. Gostei de tudo. (...)" (07-03-2018, J) •“Bem acho que hoje foi o dia que eu mais me diverti, adorei as actividades de hoje. Podíamos estar mais tempo a fazer pinturas na cara mas pronto.” (07-03-2018, B) •“Cheguei no final mas adorei a história.” (14-03-2018, C) •“Hoje foi um dia muito divertido só porque gostei dos jogos” (21-03-2018, J) •“Hoje foi um dia em que não tive muitas ideias, mas tirando isso foi um dia super fixe" (11-04-2018, J) •"Adorei mesmo o que fizemos” (11-04-2018, D)
Desânimo	<ul style="list-style-type: none"> •“Não gostei muito das esculturas" (24-01-2018, D) •“Hoje não foi o dia que gostei mais, mas também não foi mau de todo” (31-01-2018, J) •“Gostei de quase tudo. Não gostei das músicas. E não gostei de construir a história.” (31-01-2018, L) •“Gostei de tudo, menos da história” (14-02-2018, L) •"Hoje não estive atenta a nada e por isso Ana não o volto a fazer, desculpa." (14-03-2018, J) •"Hoje não gostei muito das actividades” (14-03-2018, D) •“Bem eu só vim hoje ao último exercício e não gostei muito” (21-03-2018, B)

Categorias	Subcategorias	Evidências
Criatividade		•" (...) Foi engraçado fazer-me estar na pele de uma estrela" (31-01-2018, M)
		•"(...)Eu escolhi a caneta porque simboliza uma coisa que gostava de fazer na minha vida que era escrever a minha história iria ser perfeita." (31-01-2018, D)
		•"Gostei da actividade, pois tivemos de construir uma história através de imagens e isso necessitou de imaginação" (07-02-2018, M)
		•"O último foi mais interessante porque assim vamos conseguindo formar histórias" (07-02-2018, B)
		•"(...) é mais fácil construir a historia a ver as imagens" (07-02-2018, J)
		•"Podíamos estar mais tempo a fazer pinturas na cara mas pronto, assim podemos mostrar mesmo o que sentimos pelas outras raparigas" (07-03-2018, B)
		•"Hoje foi um dia em que não tive muitas ideias, mas tirando isso foi um dia super fixe" (11-04-2018, J)
Autoestima	Aspetos da vida pessoal	•"Gostei muito de tudo mas do que eu gostei mais foi dos recortes porque exprime mesmo o que sinto" (17-01-2018, D)
		•"Senti um pouco de vergonha ao princípio mas depois já foi mais tranquilo" (17-01-2018, B)
		•"Gostei mais da parte dos recortes porque não tens de falar de nada sobre ti" (24-01-2018, J)
		•"Gostei de tudo, desta vez não tive vergonha. Tive mais à vontade hoje do que no último dia" (24-01-2018, B)
		•"Gostei de fazer a história com os fantoches, assim é mais fácil representar" (28-02-2018, G)
		•"(...) agora já consigo fazer todas os jogos sem vergonha. " (11-04-2018, B)

Categorias	Subcategorias	Evidências
Gestão de sentimentos e emoções	Trabalho em grupo	•" (...) a parte que não gostei foi a que tivemos a fazer grupos (...)" (17-01-2018, C)
		•"Gostei do dia de hoje apesar de ter achado difícil o exercício da confiança, mas com a ajuda da Ana foi mais fácil confiar nas outras meninas" (14-03-2018, G)
		•"(...) Agora já é mais fácil fazer grupos, não gostava muito mas já me estou a habituar" (21-03-2018, C)
		•"(...) elas já tinham grupos feitos pensei que não ia ser fácil juntar me a um grupo. Depois explicaram o que estavam a fazer e eu fiz com elas (...)" (24-01-2018, C)
		•"Hoje não fiquei no grupo da J, porque a Ana distribuiu papéis com os nomes, mas ate foi engraçado trabalhar com a C" (21-02-2018, B)
		"Gostei muito destas atividades, assim ficamos a conhecer nos todas melhor (...)" (18-04-2018, D)

	Conflitos relacionais e gestão de emoções	<ul style="list-style-type: none"> •“Eu gostei de tudo. Não imaginei “poder lidar” com algumas meninas que aqui estavam presentes” (17-01-2018, L) •“Acho que gostei mais do jogo de enrolar e desenrolar porque acho que naquela altura trabalhamos em equipa e deixamos de fora os conflitos (...)" (07-02-2018, C) •"No início não foi fácil ter que dar a mão às outras para fazer o jogo, mas depois de fazer algumas vezes foi na boa" (07-02-2018, F) •"Gostei de pintar a cara à C, porque as cores ajudam a mostrar o que sentimos umas pelas outras" (07-03-2018, D)
	Relação com a investigadora	<ul style="list-style-type: none"> • "A Ana é uma pessoa 5*" (07-03-2018, J) •“Adorei os exercícios que fizemos apesar de não me conseguir levantar mas lá foi a Ana Lúcia e aí já consegui. (...) " (07-03-2018, C) •" Vou ter saudades tuas Ana Lu" (11-04-2018, J) •“Adorei estar com a Ana Lúcia na penúltima vez" (11-04-2018, D) •"Gostei muito da Ana ela é uma pessoa muito fixe. Vou ter saudades.” (18-04-2018, J) •"(...) Vou ter saudades” (18-04-2018, G)
Histórias criadas	Sentimentos/reações às personagens criadas	<ul style="list-style-type: none"> •“Gostei muito do dia de hoje, gostei principalmente do jogo da história, porque no meu caso, a história identificou-se bastante a certas histórias que já ouvi e me tocaram bastante” (07-02-2018, G) •"(...) a menina de hoje parecia eu na escola, sei que as vezes faço asneira depois peço desculpa" (14-03-2018, D) •"(...) com estes grupos parece que nos damos melhor umas com as outras" (31-01-2018, G) •"No início custava-me fazer teatro, mas agora já me sinto melhor nas atividades" (28-02-2018, J)
	Relação entre a personagem/ jovem/ realidade	<ul style="list-style-type: none"> •"Gostei mais da história porque para além de ter sido “muito fácil”, tinha muito a ver com a minha vinda para esta casa, imaginei como se a menina fosse eu.” (07-02-2018, L) •“Eu gostei mais ou menos do último exercício, porque fez-me lembrar a minha mãe ela não sofria de abuso sexual mas sofria de violência doméstica por parte do meu pai” (07-02-2018, H) •"O meu cartaz é mesmo verdade, não gosto que brinquem com os meus sentimentos" (11-04-2018, C) •"Infelizmente há muitos meninos que sofrem de racismo" (11-04-2018, M) •"Na história de hoje vi coisas que às vezes acontecem na escola, agora já sei como me defender (...)" (18-04-2018, B) •"Nesta história parecia mesmo que era a minha família, não gosto que maltratem crianças (...)" (18-04-2018, J)

Tendo em consideração os testemunhos transcritos anteriormente, pode observar-se que a maioria das participantes mostraram agrado em participar nas atividades do projeto, e fizeram questão em diversas situações de o referir. Como era de esperar também existiriam momentos de algum desânimo e/ou desagrado relativamente a uma ou outra atividade programada.

Este projeto contribuiu para o aumento da autoestima e desenvolvimento da criatividade das jovens como é enunciado pelas mesmas. O facto de conseguirem, em alguns momentos, ultrapassar a barreira de um dos principais traços da sua personalidade, nomeadamente a timidez, foi dos pontos altos referidos pelas participantes.

No que concerne à gestão de sentimentos e emoções, inicialmente as jovens mostravam-se um pouco reticentes relativamente ao facto de trabalharem em grupo. Este aspeto foi de alguma forma ultrapassado ao longo das sessões, a participante C faz questão de o referir no seu diário individual, na primeira sessão, quando afirma que “(...) *a parte que não gostei foi a que tivemos a fazer grupos.*” Com o passar do tempo e com a criação de laços entre as jovens participantes no projeto, através das atividades, este sentimento foi mudando.

Na atividade do dia 24-01-2018 a mesma participante (C) afirma que quando chegou à atividade já existiam grupos criados integrou-se num deles e conseguiu trabalhar com as outras jovens. No que diz respeito aos conflitos relacionais e gestão de emoções, no início das atividades as jovens não reagem da melhor forma ao contato físico entre colegas.

Com o decorrer do projeto esta barreira foi ultrapassada e de acordo com o testemunho de algumas participantes esse tipo de contato ajuda a “*deixar de fora os conflitos.*” (07-02-2018, C)

Neste sentido, as jovens foram criando histórias ao longo do projeto, consoante as atividades programadas, e foram projetando em algumas delas as suas próprias histórias de vida. As participantes enunciaram também ter aprendido, com essas histórias, técnicas que poderão aplicar na vida real, nomeadamente estratégias de gestão de sentimentos e emoções em relação ao outro.

3.3. Análise do diário da investigadora

No que diz respeito ao diário de bordo da investigadora, este contém todas as notas que a mesma achou relevantes, bem como as reações das jovens às atividades, o que a investigadora sentiu ao longo do projeto e situações que tenham acontecido que possam ser significativas para todo o processo. O diário de bordo da investigadora pode ser consultado na íntegra (Anexo VI). De seguida são enunciadas as evidências consideradas mais importantes.

Tabela 6_Análise do diário da investigadora

Categories	Subcategorias	Evidências/ inferências
Opinião acerca das sessões realizadas	Satisfação	•"Aquele momento foi muito divertido, elas entraram no jogo e até as mais tímidas participaram. Foi muito gratificante ver as reações delas, as gargalhadas, os sorrisos. A investigadora confessa que nunca imaginou que toda a actividade fosse correr tão bem, e durante o primeiro jogo chegou mesmo a ouvir um comentário da jovem H “afinal isto até é fixe”. (17-01-2018)
		•"Mais uma vez achou/sentiu que elas se divertiram bastante e acabaram por se mostrar muito criativas." (24-01-2018)
		•"Notou-se que elas se estavam a divertir bastante e que se estavam a esforçar para que a colega que estava de fora não percebesse de imediato quem seria o líder." (31-01-2018)
		•"Esta jovem inicialmente referia que achava que as actividades seriam uma seca, mas tem mostrado muito interesse e nota-se que participa sem grande esforço e com prazer." (31-01-2018)
		•"A ideia era realizar os jogos uma vez apenas, mas elas estavam tão entusiasmadas com a vitória que quiseram repetir várias vezes" (07-02-2018)
		•"Neste seguimento, espalharam-se pela sala e cada grupo começou a construir a sua história. Conseguiu-se constatar de imediato que estavam muito mais entusiasmadas do que na semana anterior. Após alguma discussão entre grupos e a história terminada, cada grupo representou o que tinham pensado para as outras jovens." (07-02-2018)
		•"Elas mostraram-se muito divertidas e entusiasmadas nestas pequenas dramatizações" (07-02-2018)
		•"Foi muito engraçado ver a interação entre elas, mesmo as que têm menos laços umas com as outras. Acabou por ser uma actividade descontraída e conseguiu-se observar que estavam a divertir-se bastante." (07-03-2018)
		Desânimo/ Receio
	•" Existiram logo comentários de que a música era uma	

		seca, ou que não gostavam" (31-01-2018)
		•"(...) percebeu-se que estavam presentes na instituição mas não quiseram participar no que se tinha planeado, alegando que não lhes apetecia. " (22-02-2018)
		•"Desde que começaram as atividades do projeto este foi o dia em que a investigadora se sentiu mais nervosa. Realmente este tipo de público é desafiante" (28-02-2018)

Categorias	Subcategorias	Evidências
Criatividade		•"A partir daqui foram imaginando como seria o cabelo, os olhos, os acessórios, até darem o seu personagem como concluído. " (22-02-2018)
		•"De seguida, e após alguma discussão começaram a surgir ideias concretas. Quando se sentiram preparadas cada grupo representou a sua história. O fato de usar fantoches fez com que se percebesse que elas se sentiam mais à vontade com o que estavam a fazer" (28-02-2018)
		•"Uma das jovens (L) afirmou que gostou mais da criação de histórias desta forma porque “uma imagem ajuda a imaginar o que está a acontecer.” (07-02-2018)
		•"Após as pequenas apresentações feitas, sentaram-se todas em roda, para reflectir um bocadinho acerca do que foi feito. E analisando as imagens e as histórias criadas, algumas das jovens sugeriram algumas modificações e outras deram a sua opinião." (07-02-2018)
		•"A jovem F desenhou e pintou um arco iris, a E desenhou um olho (...) No final juntaram-se todos os desenhos e formou-se o tão esperado desenho colectivo, que elas acharam muito engraçado" (07-03-2018)
Autoestima	Aspetos da vida pessoal	•"Então neste seguimento, pediu-se às outras jovens desse grupo que inicialmente colocassem as suas mãos na costas dela, para ela se sentir segura, e, sugeriu-se à jovem J que lentamente se deixasse cair até se sentir bem, repetiram o exercício várias vezes até que ela começou a descontrair e a conseguir entregar-se ao que se estava a fazer. No final até comentou que da outra vez não se tinha sentido tão bem como agora." (07-02-2018)
		•"Nota-se nestas situações, que elas ficam orgulhosas por conseguirem ultrapassar certos obstáculos que, sem querer, impõem a si próprias." (14-03-2018)
		•"Um das jovens afirmou de imediato que a única coisa que a incomodava na realidade era o fato de algumas crianças sofrerem de racismo" (11-04-2018)
		•"Cada jovem, aleatoriamente, deveria ler uma dessas palavras e representá-la de forma a que as outras participantes fossem tentando adivinhar. Nesta altura do projeto as jovens já se mostram muito mais descontraídas e participam nos jogos sem qualquer problema." (21-03-2018)

•"Um das estava mais reticente em mostrar as suas ideias, mas após um pequeno incentivo da investigadora conseguiu participar tanto como as outras jovens." (21-03-2018)

Categorias	Subcategorias	Evidências
Gestão de sentimentos e emoções	Trabalho em grupo	<p>•"Nos testemunhos delas que a investigadora leu nos diários de bordo sobre a actividade anterior, esta pode constatar que uma delas não gosta de actividades em grupo. Esta semana essa rapariga C chegou mais tarde e quando chegou não foi fácil integra-la no que se estava a fazer. Já estava na fase de construção das estátuas, mas explicou-se que a actividade era muito simples e ela acabou por participar e correu tudo bem." (24-01-2018)</p> <p>•"(...) tem-se percebido que entre elas o contato físico não é muito comum e por vezes não é fácil" (07-02-2018)</p> <p>•"No início mostraram-se bastante reticentes por terem que estar tão próximas umas das outras, mas com o desenrolar do jogo esse incómodo foi sendo ultrapassado." (07-02-2018)</p> <p>•"O incentivo das outras jovens foi muito importante, pois foi uma forma de ela entrar no jogo e mesmo não conseguindo chegar ao fim observou-se que se esforçou por tentar." (14-03-2018)</p>
	Conflitos relacionais e gestão de emoções	<p>•" Foi muito engraçado ver a interacção entre elas, mesmo as que têm menos laços umas com as outras" (07-03-2018)</p> <p>•"No decorrer deste jogo notou-se que elas parecem ter mais à vontade e confiança umas nas outras. A investigadora tem observado que este projeto está a ajudá-las a fortalecer os laços enquanto grupo." (28-02-2018)</p> <p>•"Este testemunho mostrou que elas por vezes não conseguem criar laços umas com as outras, mas conhecem-se muito bem. " (07-03-2018)</p> <p>•"De alguma forma têm vindo a ultrapassar as diferenças que existem entre elas e têm conseguido superar uma das características da personalidade de algumas das jovens, a timidez." (21-03-2018)</p> <p>•"No final o que elas quiseram passar como moral da história é que se podem resolver conflitos a conversar evitando a violência entre colegas." (21-03-2018)</p> <p>•"Existiu alguma discussão porque todas as jovens queriam que as suas ideias estivessem bem presentes na história, foi muito interessante observar este momento de partilha." (18-</p>

		04-2018)
	Relação com a investigadora	<ul style="list-style-type: none"> •"(...) foi proposto ao grupo juntar todas as personagens da sessão anterior e criar apenas uma história. O objectivo é conseguir que aos poucos consigam trabalhar num grupo único. " (21-03-2018) •"Uma delas (H), uma jovem de relacionamento social mais complicado, nem queria ali ficar, essa atitude deixou a investigadora um pouco inquieta, mas por insistência de uma voluntária acabou por ficar." (17-01-2018) •"Relativamente à jovem que se mostrava mais triste, apenas se perguntou se estava tudo bem, pois a investigadora imaginou que as actividades que iam fazer poderiam ser um bom ponto de partida para ela se sentir melhor." (24-01-2018) •"Salienta-se que, a investigadora faz sempre questão de participar nos jogos/actividades com elas, quer que a vejam como uma colega e não como alguém que impõem a actividade, acho que assim tenho conseguido, aos poucos, ganhar a confiança delas." (07-02-2018) •"Foi engraçado o fato de ela sentir necessidade de se justificar. Na semana passada muitas faltaram sem qualquer tipo de justificação" (28-02-2018) •"No final do jogo insistiram que a investigadora participasse também. Fecharam-lhe os olhos e tentaram fazer algumas peripécias para ela não perceber quem era. Foi muito engraçado." (28-02-2018) •"Durante este tempo nota-se que se criou uma grande empatia e afeto por aquelas raparigas que se esforçam para comparecer a todas as sessões programadas. A investigadora é sempre muito bem recebida na instituição e elas têm sempre um gesto de carinho." (21-03-2018)

Categorias	Subcategorias	Evidências
Projeções pessoais	Nas histórias criadas	<ul style="list-style-type: none"> •"(...)contaram a história de uma senhora que era vítima de maus tratos por parte de um vizinho e que um dia, em conversa com as flores do seu jardim, percebeu que não era a única vítima naquele prédio" (07-02-2018) •"A última história falava de uma menina, cujo pai era alcoólico a necessitar de recuperação, depois de muito sofrimento, ele decide então abandonar tudo em busca de ajuda" (07-02-2018) •"Inicialmente, nesta história existia um conflito entre umas das jovens participantes do projeto e um colega de

	<p>turma. Em que a participante acabou por se envolver numa situação de violência com o colega, as restantes jovens assistiram ao episódio conseguindo separar os dois jovens e acalmar os ânimos. " (21-03-2018)</p> <ul style="list-style-type: none"> •"Entre elas decidiram as personagens que cada uma ia construir. Inicialmente escolheram a peúga da cor que achavam que mais se identificava com o seu personagem. Foi engraçado e curioso porque elas tentaram escolher as cores da peúga de acordo com os sentimentos, a personalidade e a idade de cada pessoa" (22-02-2018) •"Todas as histórias que estas jovens criam têm sempre muitos problemas associados, nota-se que algumas delas projectam os seus problemas familiares essas situações, talvez com o objectivo de chamar a atenção para os seus problemas." (28-02-2018) •"No terceiro grupo, a jovem D acabou por confessar que a personagem que a jovem M estava a representar era ela própria, ela tem noção do seu comportamento, sabe que erra e pede desculpa. " (14-03-2018) •"Mais uma vez percebeu-se que a história que estava a ser criada estava relacionada com um episódio que aconteceu na escola onde estiveram envolvidas algumas daquelas jovens." (21-03-2018)
Mensagens nos slogans	<ul style="list-style-type: none"> • “Um das jovens afirmou de imediato que a única coisa que a incomodava na realidade era o fato de algumas crianças sofrerem de racismo” (11-04-2018) • “As frases resultantes desta actividade foram: <ul style="list-style-type: none"> • “Não gosto de comer sopa” (J) • “Contra o racismo” (M) • “Não gosto que brinquem com os meus sentimentos” (C) • “Não gritem comigo” (P) • “Não gosto de entregar o telemóvel” (B) • “Fico furiosa com visitas inesperadas” (G)” (11-04-2018) • “Existiu alguma discussão porque todas as jovens queriam que as suas ideias estivessem bem presentes na história, foi muito interessante observar este momento de partilha de ideias. (18-04-2018)”

Após a análise do diário da investigadora pode constatar-se que as participantes se mostraram um pouco reticentes com o início das sessões do projeto, situação que foi

ultrapassada assim que as atividades começaram. Revelaram-se sempre muito disponíveis e interessadas e com o passar do tempo demonstraram-se muito criativas e aplicadas nas atividades propostas.

No que diz respeito às expressões artísticas utilizadas no projeto (dramática e plástica), as participantes demonstraram bastante interesse, criatividade, espírito de iniciativa, capacidade de improvisação e imaginação, e com o passar do tempo existiu uma melhoria significativa no que concerne ao trabalho em grupo e relação entre jovens, principalmente, no que diz respeito à gestão de sentimentos e emoções.

Relativamente às histórias criadas pelas participantes em alguns momentos existiram várias semelhanças entre essas histórias (Anexo IV) e a realidade vivida pelas jovens quer em contexto escolar ou contexto familiar, como é referido na tabela em epígrafe.

No que concerne às mensagens transmitidas através dos slogans, pode observar-se que as jovens utilizaram esta técnica para poderem manifestar o seu desagrado ou descontentamento em relação a algumas situações do dia a dia, nomeadamente através da história que resultou desta atividade. (Anexo IV)

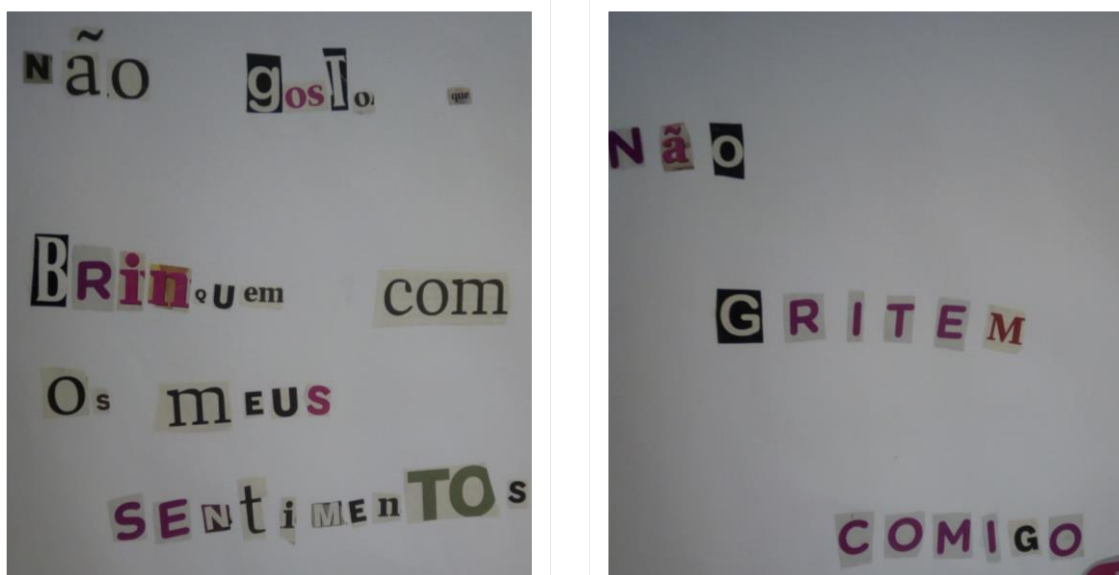


Figura 2_Slogans criados pelas participantes (Sessão X)

No entanto, também existiram situações pontuais, como a ausência de algumas jovens em determinadas sessões, devido ao cumprimento de castigos por algum motivo, idas a consultas médicas ou necessidade de participar em atividades de grupo na escola. Uma vez que o dia escolhido para a realização de atividades do projeto era quarta-feira à tarde, o único tempo livre das jovens durante a semana, por vezes algumas utilizavam este período para trabalhos escolares. Registaram-se também algumas situações momentâneas de desânimo ou cansaço.

Neste seguimento, estas jovens também afirmaram que conseguiram de alguma forma ultrapassar a sua timidez, o receio de trabalhar em grupo e conseguiram fortalecer laços com as diversas participantes.

Mais se refere que, no final das sessões as jovens mostraram interesse em continuar a participar em atividades de expressão dramática e expressão plástica, afirmando que esta foi uma experiência muito enriquecedora, divertida e produtiva. Com este projeto tiveram a oportunidade de realizar diferentes jogos/atividades e de experienciar o contato com diversos materiais que noutras situações talvez fosse complicado de acontecer.

3.4. Síntese e discussão dos resultados

Tendo em consideração toda a informação recolhida e analisada em epígrafe, observaram-se grandes diferenças relativamente a aspetos sociais e pessoais das jovens participantes no projeto desde o seu início até ao seu término.

Desta forma, foi possível observar o aumento da autoestima das jovens participantes, quer no inquérito por questionário, no que se refere ao facto de valorizarem as suas próprias capacidades, quer nos diários individuais das jovens (B, D, J, G). Este aspeto está explícito no testemunho da jovem B, “ *senti um pouco de vergonha ao princípio mas depois já foi mais tranquilo (...) gostei de tudo, desta vez não tive vergonha. Tive mais à vontade hoje do que no último dia (...) agora já consigo fazer todos os jogos sem vergonha*” (17-01-2018; 24-01-2018; 11-04-2018, B)

No que diz respeito ao diário de bordo da investigadora, também se pode observar esta mudança devido à entrega e motivação das jovens na participação das atividades do projeto.

Neste seguimento surge a criatividade, que foi um traço da personalidade que não foi abordado no inquérito por questionário, mas foi denotado ao longo das sessões e nos testemunhos deixados pelas jovens no seu diário individual. Algumas das participantes nem tinham noção das capacidades que possuíam e de alguma forma aprenderam a utilizá-las. Estas referências estão intimamente ligadas aos ideais de Vianna e Strazzacappa (2001) Ferraz (2001) e Vigotsky (2009).

Segundo Roux “a criatividade corresponde a um modo de pensamento comum a todos os indivíduos mas cujo grau será variável em cada um de nós.” (2009, p.28) Nos diários individuais das participantes ficaram registadas observações curiosas como “*foi engraçado fazer-me estar na pele de uma estrela*” (31-01-2018, M)

Mais se refere que Aguilar menciona que “pôr-se na pele de personagens é uma actividade inata do ser humano (...).” (2011, p.15)

No que concerne ao diário da investigadora, também foi observada uma evolução na criatividade das jovens. Inicialmente mostraram-se menos criativas mas ao longo das sessões foram surpreendendo com a quantidade de ideias e sugestões que foram surgindo.

Relativamente aos aspetos sociais importa referir a integração social, que através do inquérito por questionário pode observar-se uma mudança no que concerne à facilidade em fazer amigos. No final das sessões, apenas uma das participantes afirmou ainda ter dificuldade neste aspeto.

Neste seguimento, e tendo em conta os diários de bordo de algumas jovens, estas referiram ter adquirido ferramentas para conseguir utilizar na sua vida futura, quer a nível social ou pessoal. No que diz respeito à jovem B esta afirmou num dos seus testemunhos: “*na história de hoje vi coisas que às vezes acontecem na escola, agora já sei como me defender (...).*” (18-04-2018)

Relativamente ao gosto e facilidade de trabalhar em grupo, no inquérito por questionário final apenas duas jovens ainda sentiam algum bloqueio nesta área. No que concerne aos diários de bordo constatou-se uma evolução desde o início das sessões,

através das reflexões da jovem C “(...) *a parte que não gostei foi a que tivemos a fazer grupos (...) agora já é mais fácil fazer grupos, não gostava muito mas já me estou a habituar (...) elas já tinham grupos feitos pensei que não ia ser fácil juntar me a um grupo. Depois explicaram o que estavam a fazer e eu fiz com elas (...)*” (17-01-2018; 24-01-2018; 21-03-2018)

A importância do trabalho em grupo é defendida pelos autores Aguilar (2001); Sousa (2003) e Kowalski (2005). No diário da investigadora pode ler-se que as participantes se ajudavam mutuamente no que diz respeito à integração de outras jovens no seu grupo.

Apesar de não ter sido abordado no inquérito por questionário, mas é um tema considerado de grande importância, o que as participantes sentem em relação às outras jovens, segundo Aguilar (2001, p. 31) a expressão dramática “ajuda o individuo tanto a exprimir as suas emoções como a controlá-las.”

No que toca à opinião das jovens D e G, respetivamente, em relação a algumas das sessões: “*gostei do dia de hoje apesar de ter achado difícil o exercício da confiança, mas com a ajuda da Ana foi mais fácil confiar nas outras meninas*” (14-03-2018, G) e “*gostei muito destas atividades, assim ficamos a conhecer nos todas melhor (...)*” (18-04-2018, D)

Esta ideia é reforçada com o registo das reações das participantes pela investigadora, “*no início mostraram-se bastante reticentes por terem que estar tão próximas umas das outras, mas com o desenrolar do jogo esse incómodo foi sendo ultrapassado.*” (07-02-2018)

Contudo, também existiram alguns conflitos relacionais, nos início das sessões nem as próprias participantes achavam possível trabalhar com algumas daquelas jovens. Apesar de viverem todas na mesma instituição, em termos de personalidade, as jovens identificavam-se mais com umas do que com outras. Desta forma, foi possível constatar este facto através do testemunho da jovem L “(...) *não imaginei “poder lidar” com algumas meninas que aqui estavam presentes*” (17-01-2018)

As participantes tinham noção de que as atividades propostas ajudavam na gestão de conflitos entre elas, segundo a participante C *“acho que gostei mais do jogo de enrolar e desenrolar porque acho que naquela altura trabalhamos em equipa e deixamos de fora os conflitos (...)”* (07-02-2018) Estas afirmações vão ao encontro da opinião do autor Damásio (2001, 2017) no que diz respeito aos sentimentos e emoções do ser humano.

Importa salientar que a satisfação com as atividades propostas em todas as sessões foi bastante notada através dos diários de bordo das jovens e da observação da investigadora. Foram também detectados casos de desânimo ou cansaço em actividades pontuais, nomeadamente na sessão dia 24-01-2018, que a investigadora refere que as jovens se mostraram mais preguiçosas na realização das atividades, esta situação foi ultrapassada com jogos e movimentos mais dinâmicos.

Neste sentido, constatou-se que as jovens atribuíram a algumas personagens características relacionadas com as suas vivências pessoais e sociais, umas positivas outras negativas. Segundo Aguilar *“ao jogar situações da sua vida real ou imaginada, a criança reformula o seu vivido, modifica a percepção que tem da realidade e generaliza a experiência a situações exteriores, reais, que a vida lhe proporciona.”* (2001, p. 19)

As jovens H e L, respetivamente, fizeram as seguintes reflexões nos seus diários de bordo: *“Eu gostei mais ou menos do último exercício, porque fez-me lembrar a minha mãe ela não sofria de abuso sexual mas sofria de violência doméstica por parte do meu pai”* e *“gostei mais da história porque para além de ter sido “muito fácil”, tinha muito haver com a minha vinda para esta casa, imaginei como se a menina fosse eu.”* (07-02-2018)

A utilização das expressões artísticas permite a exteriorização de sentimentos, emoções e vivências passadas, que de outra forma dificilmente seriam reveladas, Aguilar realça que a expressão dramática permite *“a manifestação da existência e da criatividade individuais, e o desenvolvimento da comunicação com os outros.”* (2001, p. 19) e que esta expressão artística *“é a forma de expressão que mais se aproxima da vida, ao permitir a recriação, a simbolização e a representação de situações do quotidiano, real ou imaginado”* (2001, p. 30,31).

No que concerne à expressão plástica Sousa (2003, p. 166, 165) evidencia que “...pelo traço, libertam-se recalcamientos muito antigos.” E que esta expressão artística “é como um vulcão, algo que brota espontaneamente, algo que vem do interior, das entranhas, do mais profundo do ser.”

Neste sentido, importa salientar que se notou um grande empenho e evolução por parte de todas as jovens, as sessões terminaram mas percebeu-se que a vontade era de continuar. Situação evidenciada em alguns testemunhos das mesmas, nomeadamente as jovens J e G, respetivamente, “*vou ter saudades tuas Ana Lu*” e “*gostei muito da Ana ela é uma pessoa muito fixe. Vou ter saudades.*” (11-04-2018; 18-04-2018)

Resumidamente, o balanço final das sessões deste projeto é bastante positivo. Observaram-se mudanças significativas nas jovens e alcançaram-se objetivos, no que diz respeito ao trabalho em grupo, sociabilidade e relação entre jovens.

Conclusão

O *Projeto Cria [Ativa Mente]* é um projeto de criação artística que teve como base as expressões artísticas, dramática e plástica. Segundo Vigotsky, (2009, p. 11) “é precisamente a actividade criadora do homem que faz dele um ser projectado para o futuro, um ser que contribui para criar e que modifica o seu presente.”

Neste sentido e com o decorrer das sessões planeadas foi notável o empenho e envolvimento das jovens participantes, que participaram nas mesmas de forma voluntária sem qualquer tipo de obrigatoriedade.

Com o desenvolvimento do projeto notaram-se mudanças nas jovens participantes quer a nível pessoal que a nível social. Segundo os autores Vianna e Strazzacappa (2001, p. 117) “a arte existe desde que os homens e mulheres expressam seu imaginário. A arte pertence ao ser humano, é uma de suas maneiras de se desenvolver, criar e recriar mundos.”

Neste seguimento e tendo em conta a pergunta de partida formulada anteriormente, “*qual o contributo das expressões artísticas, dramática e plástica, na gestão de sentimentos e emoções de jovens institucionalizadas?*”, podemos concluir que:

As expressões artísticas, plástica e dramática, ajudaram as jovens a melhorar a sua autoestima. Através do seu envolvimento nas atividades propostas as jovens puderam constatar, que conseguiam construir histórias e inventar personagens de forma autónoma, como foi possível constatar nos seus testemunhos.

As expressões artísticas, plástica e dramática, ofereceram ferramentas às jovens participantes, no sentido de aumentar a sua criatividade. No decorrer das sessões do projeto as jovens perceberem que ao estimular a sua criatividade cada uma tinha capacidades e habilidades que nunca tinham explorado.

As expressões artísticas, plástica e dramática, contribuíram para a facilitação de resolução de problemas entre jovens. No final do projeto constatou-se que através das sessões realizadas, as jovens adquiriram competências pessoais e sociais de forma a

conseguir mais facilmente resolver problemas quer na instituição ou na escola. Facto que pode ser observado no testemunho das mesmas nos diários de bordo.

As expressões artísticas, plástica e dramática, ajudaram a melhorar a relação das jovens participantes com os outros. As expressões artísticas mencionadas anteriormente, ajudaram no desbloqueamento relacionado com a gestão de sentimentos e emoções. O facto de as jovens projetarem nas suas personagens algumas das suas vivências ajudaram-nas a pensar nos seus problemas, nos dos outros, e principalmente, ajudar estas jovens, futuramente, a enfrentar os seus problemas de forma mais simplificada.

Segundo Lopes (2011, p. 37) a expressão dramática coloca “o grupo a reflectir sobre as acções representadas pelas suas próprias personagens, no sentido de aprofundar o conteúdo da experiência humana” e que esta expressão artística leva os jovens “à criação de contextos ficcionais em que os sentimentos afloram espontaneamente a partir dos seus conhecimentos e, desta forma, tornarem-se conducentes à resolução de problemas e à construção crítica de mais conhecimento.”

Mais se acrescenta que:

“uma vez que a criação de ficção, inerente à actividade dramática, providencia uma forma criativa de olhar para o mundo. Ou seja, na ficção que criamos, tornamo-nos espectadores de nós próprios, e, por consequência, agentes críticos da nossa própria representação da e para com a vida.” (*Ibidem*, 2011, p. 42)

Neste seguimento, notou-se uma aproximação entre jovens, uma vez que viviam na mesma instituição, mas algumas não tinham qualquer tipo de ligação e constatou-se um fortalecimento de laços no grupo em estudo.

Neste sentido e tendo em conta o contributo de vários autores já mencionados, importa salientar Aguilar (2001), Kowalski (2005), Robinson (2010) e Sousa (2003).

Vigotsky (2009, p.13) que afirma que:

“o rapazinho que cavalga um pau e imagina que monta um cavalo, a rapariguinha que brinca com a boneca e se imagina mãe dela, as crianças que brincam aos ladrões, aos soldados, aos marinheiros, mostram nos seus jogos exemplos da mais autêntica e verdadeira criação”

Contudo, existiram alguns constrangimentos associados à execução deste projeto, nomeadamente, o facto de algumas jovens nem sempre comparecerem às sessões e por vezes era denotado um cansaço por parte das mesmas. Neste sentido, nem sempre as jovens se mostravam disponíveis para escrever no seu diário individual. Facto que dificultou à investigadora a análise de dados devido aos testemunhos, por vezes, breves.

Neste seguimento e após os resultados positivos do *Projeto Cria [Ativa Mente]*, pode afirmar-se que ainda muito ficou por fazer. A investigadora mostrou interesse de, num futuro próximo, alargar o projeto a mais jovens da instituição, quer adolescentes, quer noutras faixas etárias, nomeadamente os idosos do lar associado à instituição.

Bibliografia

- Aguilár, L. F. T. M. (2001). *Expressão e educação dramática: Guia pedagógico para o 1º ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional; 15-37;
- Brassart, S. F; Rouquet, A. (1977). *A Educação Artística na Acção Educativa*. Coimbra: Livraria Almeida;
- Burgess, R. (1997). *A Pesquisa de Terreno: Uma Introdução*. Oeiras: Celta Editora;
- Cléro, C. (1974). *As atividades plásticas na escola e no lazer*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Carmo, H., Ferreira, M. (2008). *Metodologia de investigação- Guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta;
- Damásio, A. (2001). *O sentimento de si: o corpo, a emoção e a neurobiologia da consciência*. Men Martins: Europa-América;
- Damásio, A. (2017) *A estranha ordem das coisas. A vida, os sentimentos e as culturas humanas*. Lisboa: Círculo de Leitores;
- Decreto-lei nº 141/2015 de 8 de Setembro. Diário da República nº 175 – 1ª série. Lisboa: Ministério do Trabalho e da Segurança Social;
- Delgado, P. (2006). *Os Direitos da Criança, da Participação à Responsabilidade. O sistema de protecção e educação das crianças e jovens*. Porto: Profedições, Lda;
- Delgado, P. (Coord.). (2013). *Acolhimento Familiar de Crianças- Evidências do presente, desafios para o futuro*. Porto: Mais Leituras;
- Delgado, P. (Coord.). (2015). *Acolhimento Familiar de Crianças- Pelo direito de crescer numa família*. Porto: Mundos de vida;
- Fernandes, M. A., Silva, M. G. P. (1996). *Lar para Crianças e Jovens- Condições de implantação, localização, instalação e funcionamento*. Lisboa: Direção-Geral da Acção Social;
- Ferraz, M. (2011). *Educação Expressiva- Um novo paradigma educativo*. Coleção: expressão em Terapia, volume 2. Venda do Pinheiro: Tuttirév Editorial;
- Font, J. M. (s/d). *El lenguaje plástico en el campo de la intervención socioeducativa*. Educación Social, núm. 28. Páginas: 13-18;

- Gauthier, H. (2000). *Fazer teatro desde os cinco anos*. Coimbra: Livraria Minerva Editora; 9-35;
- Gonçalves, E. (1991). *A arte descobre a criança*. Amadora: Raiz editora
- Instituto da Segurança Social, I.P. (2017). *CASA 2016 – Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens*. Lisboa: Instituto da Segurança Social, I. P.
- Instituto da Segurança Social (2008). *Convenção sobre os Direitos da Criança*. Lisboa: Instituto da Segurança Social. I. P.
- Instituto da Segurança Social (2011). *Guia de orientações para os profissionais da acção social na abordagem de situações de maus tratos ou outras situações de perigo*. Lisboa: Instituto da Segurança Social. I. P.
- Kowalski, I. (2005). *...e a Expressão dramática*. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria;
- Lama, S. O. (2007) *Livro dos Jogos Educativos*. Legis Editora: Porto.
- Leça, A., Perdigão, A., Laranjeira, A. R., Menezes, B., Velez, C., Veloso, C., Oliveira, D., Branco, E., Jardim, H., Chaves, M. & Prazeres, V. (2011). *Maus tratos em crianças e jovens- Guia Prático de abordagem, diagnóstico e intervenção*. Direcção Geral de Saúde: Lisboa;
- Lopes, M. S. P. (2011). *O saber dramático: A construção e a Reflexão*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian;
- Pereira, J. D. L., Vieites, M. F., Lopes, M. S. (2014). *As Artes na Educação*. Chaves: Intervenção- Associação para a promoção e divulgação cultural.
- Melo, M. C. (2005). *A Expressão Dramática- à procura de percursos*. Lisboa: Livros Horizonte; 7-31;
- Moreira, C. D. (2007). *Teorias e Práticas de investigação*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa;
- Papalia, D. E., Olds, S. W., Feldman, R. D., (2006). *Desenvolvimento Humano*. São Paulo: Artmed Editora S.A.
- Read, H. (1958). *A educação pela arte*. Lisboa: Edições 70;
- Robinson, K. (2010). *O Elemento*. Porto: Porto Editora; 11-37;
- Roux, G. (2009). *Criatividade, inspiração e criação*. Revista Portuguesa de Arte- Terapia- ARTE VIVA- Nº1, 27-36;

- Sampieri, H., Collado, F., Lucio, B. (2013). *Metodologia de Pesquisa*. Porto Alegre: Penso;
- Sousa, A. B. (2003) *Educação pela arte e artes na educação*, 1º volume- bases psicopedagógicas. Lisboa: Instituto Piaget;
- Sousa, A. B. (2003) *Educação pela arte e artes na educação*, 2º volume- drama e dança. Lisboa: Instituto Piaget;
- Sousa, A. B. (2003) *Educação pela arte e artes na educação*, 3º volume- música e artes plásticas. Lisboa: Instituto Piaget;
- Sousa, M. J., Baptista, C. S. (2011). *Como fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios*. Lisboa: Pactor- Edições de Ciências Sociais e Políticas Contemporânea;
- Vianna, T., Strazzacappa, M. (2001). *Teatro na Educação: Reinventado Mundos in Ferreira, S. Arte: Estudo e ensino*. São Paulo: Papyrus editora; 115-139.
- Vigotsky, L (2009). *A Imaginação e a Arte na Infância*. Lisboa: Relógio D'Água Editores; 9-14.
- <http://fagostinho.nersantsocial.pt/instituicao/historia/>
- <http://fagostinho.nersantsocial.pt/instituicao/historia/>
- <https://pt.slideshare.net/hcaslides/movimento-dada-1486999>

Anexos:

Anexo I: Questionário inicial e final



Como eu me vejo e o que acho que pensam de mim

Este questionário contém uma finalidade unicamente académica, aplica-se apenas às jovens que participam no Projeto de Intervenção promovido por uma discente do curso de Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas, a decorrer na Casa Dr. Alves em Ourém. Este questionário, referente à abordagem inicial, visa essencialmente estudar as características do grupo de participantes, tendo a duração de aproximadamente 15 minutos. Os dados recolhidos serão utilizados apenas para fins estatísticos e são garantidos todos os critérios de confidencialidade.

Parte I:

1. Idade:_____
2. Escola:_____
3. Ano/Curso:_____
4. Já participaste em actividades de expressão dramática?
Sim Não
Se sim, onde?_____
5. Já participaste em actividades de expressão plástica?
Sim Não
Se sim, onde?_____

Parte II:

Numa escala de 1 a 3, em que 1 corresponde a “Não concordo” e 3 diz respeito a “Concordo plenamente”, classifica a tua opinião relativamente às afirmações que se seguem (assinalando apenas um nº para cada opção com X):

	Não concordo	Concordo	Concordo totalmente
	1	2	3
Sou tímida.			
Se precisar de ajuda, peço.			
Sou simpática.			
Tento resolver os meus problemas.			
Não gosto de mim como sou.			
Quando preciso de ajuda, não peço.			
Custa-me falar em público.			
Faço amigos facilmente.			
Sou boa pessoa.			
Gosto de trabalhar em grupo.			
Sinto-me sozinha, tenho poucos amigos.			
Tenho muitas capacidades e habilidades.			
Relaciono-me bem com os outros.			
Prefiro trabalhar sozinha do que em grupo.			

Nunca consigo levar uma actividade até ao fim.			
Sou feliz.			
As pessoas gozam comigo.			
Sinto-me bem aqui na instituição.			
Sou posta de parte.			
Sinto-me valorizada pelos outros.			
Considero-me teimosa.			
Nunca faço o que me dizem, quando me repreendem.			

Obrigada,

Ana Lúcia Silva

Como eu me vejo e o que acho que pensam de mim

Este questionário contém uma finalidade unicamente académica, aplica-se apenas às jovens que participam no Projeto de Intervenção promovido por uma discente do curso de Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas, a decorrer na Casa Dr. Alves em Ourém. Este questionário, referente à abordagem inicial, visa essencialmente estudar as características do grupo de participantes, tendo a duração de aproximadamente 15 minutos. Os dados recolhidos serão utilizados apenas para fins estatísticos e são garantidos todos os critérios de confidencialidade.

Parte I:

1. Idade: _____
2. Escola: _____
3. Ano/Curso: _____
4. Gostaste de participar neste projeto? _____
5. O que gostaste mais? _____

6. O que menos gostaste? _____

7. O que aprendeste durante as sessões? _____

8. Achas que estas sessões melhoraram a tua relação com algumas das jovens deste grupo? Porquê? _____

Parte II:

Numa escala de 1 a 3, em que 1 corresponde a “Não concordo” e 3 diz respeito a “Concordo plenamente”, classifica a tua opinião relativamente às afirmações que se seguem (assinalando apenas um nº para cada opção com X):

	Não concordo 1	Concordo 2	Concordo totalmente 3
Sou tímida.			
Se precisar de ajuda, peço.			
Sou simpática.			
Tento resolver os meus problemas.			
Não gosto de mim como sou.			
Quando preciso de ajuda, não peço.			
Custa-me falar em público.			
Faço amigos facilmente.			
Sou boa pessoa.			
Gosto de trabalhar em grupo.			
Sinto-me sozinha, tenho poucos amigos.			
Tenho muitas capacidade e habilidades.			
Relaciono-me bem com os outros.			
Prefiro trabalhar sozinha do que em grupo.			
Nunca consigo levar uma			

actividade até ao fim.			
Sou feliz.			
As pessoas gozam comigo.			
Sinto-me bem aqui na instituição.			
Sou posta de parte.			
Sinto-me valorizada pelos outros.			
Considero-me teimosa.			
Nunca faço o que me dizem, quando me repreendem.			

Obrigada,

Ana Lúcia Silva

Anexo II: Planificação de atividades

Tabela 7_Sessão 1

Atividade 17_01_2018	Descrição	Objetivos	Recursos humanos	Recursos físicos/materiais	Duração em média
Apresentação	Explicar quem é a investigadora e o objetivo do projeto. Explicar como vão funcionar as actividades.	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o grupo de jovens • Estabelecer uma relação com o grupo • Motivar o grupo relativamente ao projeto e às actividades que irão ser realizadas 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala 	5 minutos
Questionários	Distribuir os questionários explicando em que consistem	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as características das participantes 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala • Questionários 	15 minutos
Jogo dos nomes	Fazer uma roda com todas jovens em que cada uma ocupa o lugar de outra dizendo o seu nome. Fazer a actividade com vários ritmos.	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o grupo de jovens • Estabelecer uma relação com o grupo • Estimular a memória 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala 	20 minutos
Fui passear e levei	Fazer uma roda e cada uma diz “fui passear e levei <u>um objecto</u> ”, de seguida “fui passear e ouvi <u>um som</u> ” e fui passear e vi <u>uma expressão</u> ”. De seguida cria-se uma frase completa de forma a que consigam criar uma sequência.	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o grupo de jovens • Estabelecer uma relação com o grupo • Estimular a memória • Estimular a criatividade 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala 	20 minutos
Uma folha, vários sentimentos	Distribui-se uma folha branca a cada jovem e estas podem rasgá-la ou amachucá-la de acordo	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o grupo de jovens • Estabelecer uma relação com o grupo 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala • Folhas bancas • Folhas de cor • Cola 	40 minutos

	com o que sentem no momento. De seguida, distribuem-se folhas coloridas e as jovens devem fazer colagens de forma a se caracterizarem através da folha.				
Quem sou eu? (atividade de recurso)	Distribuem-se imagens em cima de uma mesa (o campo, a praia, frutas) e as jovens devem escolher fotos e explicar-se gostam ou não e porquê.	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o grupo de jovens • Estabelecer uma relação com o grupo 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala • Imagens 	30 minutos
Reflexão	Distribuem-se os diários de bordo, e pede-se às jovens para reflectir sobre as actividades.	<ul style="list-style-type: none"> • Estabelecer uma relação de confiança como grupo 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala • Diários de bordo 	20 minutos

Tabela 8_Sessão 2

Atividade 24_01_2018	Descrição	Objetivos	Recursos humanos	Recursos físicos/materiais	Duração em média
Esquerda ou direita?	Coloca-se uma música animada e sugere-se às jovens que circulem pela sala, a certa altura a música pára. Nesse momento a investigadora dá indicações: “Quem gosta de chocolate vai para o lado direito, quem não gosta vai para o lado	<ul style="list-style-type: none"> • Ajudar as jovens a descontrair; • Criar ambiente para as actividades seguintes. 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala 	10 minutos

	esquerdo”. De seguida a música continua, volta a parar e a investigadora dá nova indicação: “quem gosta de dormir deita-se no chão, quem não gosta fica de pé.” E assim sucessivamente.				
Fazer a bola rebolar	Pede-se às jovens para fazer um círculo e entregar a bola a outra pessoa imaginando-a muito leve, muito pesada, muito suja, molhada, fria, quente, a cheirar bem...	<ul style="list-style-type: none"> • Promover a interacção entre o grupo • Ajudar as jovens a descontrair; 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala • Bola 	15 minutos
Não sei o que vou pisar...	Pede-se às jovens para circular pela sala imaginando-a de várias superfícies: cola, lama, areia, pregos, brasa, água. De seguida, o mesmo exercício mas, acrescentando outras direcções.	<ul style="list-style-type: none"> • Promover a interacção entre o grupo • Ajudar as jovens a descontrair; 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala 	10 minutos
De que é feito o meu corpo?	Pede-se às jovens que se imaginem feitas de vários materiais: barro, algodão, ferro, gelatina, cola, madeira.	<ul style="list-style-type: none"> • Promover a interacção entre o grupo • Ajudar as jovens a descontrair; 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala 	15 minutos
Estátua	Pede-se às jovens para formarem pares, um é o escultor outro a estátua, o	<ul style="list-style-type: none"> • Promover a interacção entre o grupo • Ajudar as jovens a 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala 	15 minutos

	escultor esculpe a estátua, e mostra ao grupo o que criou. De seguida, os pares trocam de papéis.	descontrair;			
Obras dignas de um museu	Dividem-se as jovens em dois grupos, um grupo as escultores e o outro a matéria-prima. Os escultores devem escolher um tema para apresentar ao museu e todas as esculturas devem ter características em comum, pois todas juntas formam uma obra completa.	<ul style="list-style-type: none"> • Promover a interação entre o grupo • Estimular a criatividade 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala 	15 minutos
O que é que esta cor me faz sentir.	Pede-se às jovens que façam uma roda sentadas no chão e distribuem-se folhas com cor, cada jovem deve escolher a cor com que mais se identifica e a que gosta menos.	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber os gostos de cada jovem; • Estabelecer uma relação com o grupo. • Perceber se as cores influenciam sentimentos 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala • Imagens 	15 minutos
Quem sou eu?⁶	Distribuem-se imagens em cima de uma mesa (o campo, a praia, frutas) e as jovens devem escolher fotos e folhas de cor e criar uma composição visual utilizando a colagem, tendo como suporte uma	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber os gostos de cada jovem; • Estabelecer uma relação com o grupo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala • Imagens • Folhas brancas • Cola • Tesoura 	30 minutos

⁶ Esta actividade consta da planificação da semana anterior mas não foi utilizada

	folha branca de tamanho A3				
Reflexão	Distribuem-se os diários de bordo, e pede-se às jovens para reflectir sobre as actividades.	<ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre as actividades realizadas 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala • Diários de bordo 	20 minutos

Tabela 9_Sessão 3

Atividade 31_01_2018	Descrição	Objetivos	Recursos humanos	Recursos físicos/materiais	Duração em média
Jogo do chefe	Um líder é escolhido para fazer movimentos, sem que a pessoa que está fora da sala saiba quem é. Quando essa pessoa entrar, tem de adivinhar quem é o chefe que todos estão a seguir. O último a ser chefe é quem vai lá para fora.	<ul style="list-style-type: none"> • Ajudar as jovens a descontrair; • Criar ambiente para as actividades seguintes. 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala 	10 minutos
Espelhos	Aos pares um cria movimentos ao som de música e o outro repete. De seguida troca-se o líder. Na fase seguinte formam-se duas filas, uma em frente da outra. Os pares movimentam-se de um lado para o outro em espelho. Se seguida, troca-se o líder.	<ul style="list-style-type: none"> • Criar uma ligação entre pares. 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala • Bola 	15 minutos
Vamos criar	As jovens sentam-se num	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a capacidade 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala 	10 minutos

	círculo, pede-se que observem e escolham um dos objectos que se encontram no meio da roda. De seguida é criada uma história em grupo. Cada jovem, na sua vez diz uma frase e a seguinte completa-a usando uma característica do seu objecto. Aumentando a dificuldade pede-se que cada jovem crie uma personagem através do seu objecto.	<p>de improvisação, criatividade e imaginação;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Estimular o contacto entre o grupo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Jovens • Objetos 		
Construindo uma história	Divide-se o grupo de jovens em dois. E pede-se que cada grupo construa uma história em que participem todas as suas personagens. Após a construção das mesmas, cada grupo apresenta a sua história oralmente.	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a capacidade de improvisação, criatividade e imaginação; • Estimular o contacto entre o grupo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens • Objetos 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala 	15 minutos
Como imagino a minha personagem	Distribui-se a cada jovem uma folha e lápis. Nesta folha elas devem descrever ou desenhar como imaginam ser o seu personagem, relativamente ao tamanho, cor, textura...	<ul style="list-style-type: none"> • Estimular a criatividade 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens • Folhas • Lápis 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala 	15 minutos
Reflexão	Distribuem-se os diários de bordo, e pede-se às jovens	<ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre as atividades realizadas 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala • Diários de bordo 	20 minutos

	para reflectir sobre as actividades.				
--	--------------------------------------	--	--	--	--

Tabela 10_Sessão 4

Atividade 07_02_2018	Descrição	Objetivos	Recursos humanos	Recursos físicos/materiais	Duração em média
Fita	Pede-se às jovens para se dividirem em dois grupos e formarem duas colunas. A alguns metros de distância coloca-se um arco no chão com uma fita no centro. Quando estiver tudo pronto a investigadora inicia a actividade. A primeira jovem de cada coluna corre até ao círculo e passa a fita pela cabeça, tirando-a pelos pés. Deixando-a novamente dentro do círculo. De seguida dá a vez à próxima jovem e assim sucessivamente até todas terem participado.	<ul style="list-style-type: none"> • Ajudar as jovens a descontrair; • Criar ambiente para as actividades seguintes; • Mostrar às jovens a importância de trabalhar em grupo; 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala • Dois arcos • Duas fitas 	10 minutos
Fita por cima da cabeça	As jovens mantêm a formação da actividade anterior, mas desta vez a jovem da frente segura a fita, passando-a com os braços esticados para cima e por cima da sua cabeça à	<ul style="list-style-type: none"> • Mostrar às jovens a importância de trabalhar em grupo; 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala • Duas fitas 	10 minutos

	<p>jovem que está atrás. E assim sucessivamente até chegar à última jovem. Esta após receber a fita deve correr até ao início da coluna. A atividade termina quando todas tiverem participado.</p>				
Roda de elástico	<p>As jovens formam uma roda, de mãos dadas, e pede-se que se movimentem como se fossem de elástico. De seguida, pede-se a um elemento para ficar de fora, enquanto isso todos os elementos do grupo se misturam. A jovem que ficou de fora deve “desemaranhar” o grupo. Versão do jogo “Sr. Doutor”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Estimular o contacto entre o grupo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala 	15 minutos
Cair e agarrar	<p>A investigadora pede às jovens que formem grupos de 3 ou 4 pessoas. O grupo tem a função de apoio, enquanto uma das jovens a de se desequilibrar, deixando-se cair e agarrar pelas outras. Cada grupo deve experimentar diferentes tipos de queda e apoio. Depois invertem-se</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Estimular a relação com o outro e a confiança; 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala 	15 minutos

	os papéis. No final, reúnem-se todas jovens para partilhar o que sentiram.				
Criar uma história através de imagens	A investigadora pede às jovens para se dividirem em três grupos. Distribui imagens a preto e branco e cada grupo deve escolher três. Neste seguimento pede-se a cada grupo que crie uma história através das imagens distribuídas. Devem de seguida, apresentar a sua história às outras jovens através de uma pequena dramatização.	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a capacidade de improvisação, criatividade e imaginação; • Estimular o contacto entre o grupo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala • Imagens 	40 minutos
Reflexão acerca da dramatização	Pede-se às jovens que, respondam a perguntas simples como onde se passou a ação (o espaço), com quem (as personagens), quando (o tempo), como se sentiram ao representar essas personagens, se gostaram da sua personagem, se tivessem de representar esta história de novo se mudariam alguma coisa.	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a criatividade e a imaginação; 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala 	30 minutos
Reflexão	Distribuem-se os diários de	<ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre as atividades 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala 	20 minutos

	bordo, e pede-se às jovens para reflectir sobre as actividades e desenhar/representar o personagem que imaginaram na história anterior.	realizadas	<ul style="list-style-type: none"> Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> Diários de bordo 	
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------	----------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------	--

Tabela 11_Sessão 5

Atividade 21_02_2018	Descrição	Objetivos	Recursos humanos	Recursos físicos/materiais	Duração em média
Relembrar as personagens	Pede-se às jovens que se sentem em roda, dispõem-se novamente as imagens no centro e pede-se que cada uma relembre a sua personagem, acrescentando duas características da mesma.	<ul style="list-style-type: none"> Ajudar as jovens a descontrair; Criar ambiente para as actividades seguintes; Relembrar as personagens criadas na semana anterior; 	<ul style="list-style-type: none"> Investigadora Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> Sala 	15 minutos
Vamos repensar as nossas histórias	De seguida propõem-se às jovens um novo de desafio, que consiste no surgir de uma nova personagem em cada uma das histórias e não sabemos quem é, o que quer, ou que tenciona fazer, que acontecerá? Cada grupo deve repensar a sua história, agora com o novo elemento.	<ul style="list-style-type: none"> Mostrar às jovens a importância de trabalhar em grupo; 	<ul style="list-style-type: none"> Investigadora Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> Sala Imagens 	15 minutos
O meu	Pede-se às jovens que	<ul style="list-style-type: none"> Desenvolver a criatividade e 	<ul style="list-style-type: none"> Investigadora 	<ul style="list-style-type: none"> Sala 	80 minutos

personagem	representem as suas personagens através de um fantoche de meia.	a imaginação;	<ul style="list-style-type: none"> • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Materiais • Meias 	
Reflexão	Distribuem-se os diários de bordo, e pede-se às jovens para reflectir sobre as actividades e desenhar/representar o personagem que imaginaram na história anterior.	<ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre as actividades realizadas 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala • Diários de bordo 	20 minutos

Tabela 12_Sessão 6

Atividade 28_02_2018	Descrição	Objetivos	Recursos humanos	Recursos físicos/materiais	Duração em média
O sorriso	Pede-se às jovens que formem uma roda e uma delas tem o “sorriso”. A jovem que tem o “sorriso” envia-o para outra, fazendo o gesto de fechar a boca com mão, de apanhar o “sorriso” e de o atirar para outra. A partir desse momento, a jovem deve ficar com um ar sério, enquanto que a que receber o “sorriso” deve mostrar um imediatamente um ar alegre e depois, por sua vez, atirar o sorriso. São eliminadas do jogo as	<ul style="list-style-type: none"> • Ajudar as jovens a descontrair; • Criar ambiente para as actividades seguintes; 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala 	15 minutos

	<p>jovens que se rirem sem terem o “sorriso”.</p>				
Quem é quem?	<p>Coloca-se uma venda nos olhos de uma das jovens, e à vez cada uma se aproxima dela, a jovem vendada deve passar as mãos no rosto e cabelo das outras tentando adivinhar quem é. Quando adivinhar troca-se de participante.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Promover o contato físico entre as jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala • Pedaco de tecido 	15 minutos
Relembrar as histórias	<p>Pede-se às jovens que se sentem em roda, dispõem-se novamente as imagens da sessão anterior no centro e pede-se que cada uma relembra a sua personagem. De seguida, sugere-se que cada uma caracterize psicologicamente a personagem que construiu através dos fantoches.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Relembrar as personagens criadas na semana anterior; • Desenvolver a criatividade e a imaginação; 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala • Imagens • Fantoches 	40 minutos
Representar as histórias	<p>Pede-se às jovens, que na sessão anterior construíram fantoches, que a partir deles construam uma nova história. E que a representem num fantocheiro improvisado. De seguida, pede-se às jovens que estão a assistir que questionem as</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a criatividade e a imaginação; 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Fantoches • Pano 	

	personagens sobre alguns temas relacionados com a história. As jovens devem responder sem “sair” do personagem. Depois de tudo esclarecido, as jovens que estão a assistir trocam com as outras repetindo o procedimento				
Reflexão	Distribuem-se os diários de bordo, e pede-se às jovens para reflectir sobre as actividades e desenhar algo relacionado com a sessão.	<ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre as actividades realizadas 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala • Diários de bordo 	20 minutos

Tabela 13_Sessão 7

Atividade 07_03_2018	Descrição	Objetivos	Recursos humanos	Recursos físicos/materiais	Duração em média
Pintar o nome da cor de outra cor	Distribuem-se várias folhas às jovens com nomes de cores, com letras com espaço para poderem ser coloridas. E pede-se às jovens que com o auxílio de lápis de cor e outros materiais que pintem as letras com outra cor. E que depois tentem dizer as cores que vêm e não as palavras.	<ul style="list-style-type: none"> • Ajudar as jovens a descontrair; • Criar ambiente para as actividades seguintes; 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala • Folhas • Material para colorir 	15 minutos
Cadavre	Distribui-se uma folha a	<ul style="list-style-type: none"> • Criar um desenho em grupo; 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala 	15 minutos

exquis	cada jovem com marcas previamente feitas. Cada uma deve desenhar algo nessa folha que vá de encontro a esses pontos. O objectivo é, no final, juntar todas as folhas unindo-as pelas pequenas marcas e formar um único desenho.	<ul style="list-style-type: none"> • Observar a forma como cada desenho se complementa com o do outro. 	<ul style="list-style-type: none"> • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Folhas • Lápis de cor 	
O que eu penso de ti?	Formam-se pares aleatoriamente, e pede-se que se coloquem uma em frente à outra. Pede-se a umas das jovens que pinte na cara da outra algo que para ela a represente. Devem participar as duas.	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber o que as jovens pensam umas das outras; • Desenvolver a criatividade e a imaginação; 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala • Pinturas faciais 	40 minutos
O que vejo aqui?	Cada uma deve observar-se ao espelho e tentar identificar alguns traços da sua personalidade relacionados com o que vê pintado.	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber o que cada jovem pensa de si; 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala • Espelho 	30 minutos
Reflexão	Distribuem-se os diários de bordo, e pede-se às jovens para reflectir sobre a sua relação com as outras jovens, em particular com aquela com quem fez par e desenhar algo relacionado com a sessão.	<ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre as atividades realizadas 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala • Diários de bordo 	20 minutos

Tabela 14_Sessão 8

Atividade 14_03_2018	Descrição	Objetivos	Recursos humanos	Recursos físicos/materiais	Duração em média
Os patos	Pede-se às jovens que se dividam em pares e que se coloquem umas em frente às outras. Ao sinal, as jovens devem colocar-se de joelhos com os braços ao alto. Uma das jovens deve tentar fazer a outra cair empurrando-a com as palmas das mãos. O objectivo é perceber quem consegue chegar ao final do jogo.	<ul style="list-style-type: none"> • Ajudar as jovens a descontrair; • Criar ambiente para as actividades seguintes; 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala 	15 minutos
Os flamingos	As jovens devem espalhar-se pela sala e devem saltar ao pé-coxinho sobre a sua perna direita, enquanto seguram o seu pé esquerdo com a mão. Cada uma deve tentar que uma das outras perca o equilíbrio. O objectivo é perceber quem chega ao fim do jogo sem perder o equilíbrio.	<ul style="list-style-type: none"> • Promover o espírito competitivo; • Promover o contacto físico entre as jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala 	15 minutos
Acima e abaixo	Pede-se às jovens que formem pares de forma aleatória e que cada par se sente no chão, de costas uma para a outra, com as	<ul style="list-style-type: none"> • Fortalecer a confiança entre pares; • Promover o contacto físico entre as jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala 	40 minutos

	<p>pernas um pouco flectidas e agarradas pelos braços. Ao sinal, devem tentar levantar-se de uma vez sem separar os braços, coordenando os movimentos para consegui-lo. Uma vez de pé e após percorrem juntas uma curta distância, devem voltar a sentar-se sem soltar os braços.</p>				
<p>Transforma estas formas em personagens</p>	<p>Pede-se às jovens que se sentem em roda, distribuem-se vários recortes de diversos materiais e pede-se que escolham aquele com que mais se identificam. Pede-se que colem esse recorte numa folha branca de papel e que a partir dele desenhem o que lhe falta para ser uma personagem. (cabeça, braços, pernas) A partir daqui devem descrever a sua personagem psicologicamente, o local onde a imaginam e o que sentem em relação a ela. Para terminar a atividade, devem juntar-se em grupos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a criatividade e a imaginação; 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala • Folhas de papel • Recortes • Cola • Lápis 	<p>30 minutos</p>

	de 3, juntar as personagens de cada uma e imaginar uma situação comum, que posteriormente apresentaram ao restante grupo.				
Reflexão	Distribuem-se os diários de bordo, e pede-se às jovens para reflectir acerca do que foi experienciado na sessão.	<ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre as atividades realizadas 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala • Diários de bordo 	20 minutos

Tabela 15_Sessão 9

Atividade 21_03_2018	Descrição	Objetivos	Recursos humanos	Recursos físicos/materiais	Duração em média
Mímica	Colocam-se em cima da mesa vários pedaços de papel com palavras, cada jovem deve ir buscar uma palavra e representa-la através de mimica para que o restante grupo possa adivinhar.	<ul style="list-style-type: none"> • Ajudar as jovens a descontrair; • Criar ambiente para as actividades seguintes; 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala 	15 minutos
Criar uma nova história com todas as personagens	Distribuem-se aleatoriamente as personagens da semana passada a cada jovem e em grupo devem criar uma história e representa-la.	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a criatividade 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala 	15 minutos
Reflexão	Distribuem-se os diários de bordo, e pede-se às jovens para reflectir sobre a	<ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre as atividades realizadas 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala • Diários de bordo 	20 minutos

	história criada nesta sessão.				
--	-------------------------------	--	--	--	--

Tabela 16_Sessão 10

Atividade 11_04_2018	Descrição	Objetivos	Recursos humanos	Recursos físicos/materiais	Duração em média
Como expressamos os nossos sentimentos	Pede-se às jovens que sentem em roda. O objectivo é reflectir acerca das várias formas que existem de comunicação e expressão de sentimentos entre pessoas. (oralmente, direta ou indirectamente; escrita, presencial ou não presencial; simbólica; gestual e verbal)	<ul style="list-style-type: none"> • Consciencializar as jovens para as diversas formas de expressão de sentimentos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala 	15 minutos
Slogans	Distribuem-se uma folha e uma caneta a cada jovem e pede-se que escrevam frases (slogans) com as quais se identificam relacionadas com o várias indicações da investigadora (Se pudesses mudar algo na instituição o que seria? Se pudesses mudar algo na sociedade o que seria Se te dessem a oportunidade de te manifestar sobre algo o que seria?) O objectivo	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber o que as jovens sentem sobre alguns temas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala • Folhas • Canetas 	15 minutos

	desta actividade é escrever slogans para criar cartazes.				
Criar um cartaz	Com as frases que surgiram da actividade anterior e após uma pesquisa de imagens e recortes em revistas pede-se às jovens que criem o cartaz com a qual se identificam.	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a criatividade e imaginação. 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala • Folhas de papel • Recortes • Cola • Lápis 	30 minutos
Reflexão	Distribuem-se os diários de bordo, e pede-se às jovens para reflectirem sobre as frases criadas	<ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre as atividades realizadas 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala • Diários de bordo 	20 minutos

Tabela 17_Sessão 11

Atividade 18_04_2018	Descrição	Objetivos	Recursos humanos	Recursos físicos/materiais	Duração em média
Páraquedas	Pede-se às jovens que se coloquem em roda, e segurem num pano redondo com as duas mãos. Ao som da música o objectivo é movimentar o pano para que a bola que foi colocada anteriormente em cima dele não caia ao chão.	<ul style="list-style-type: none"> • Ajudar a jovens a descontrair; 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala • Pano redondo • Bola 	15 minutos
Criar história através das frases criadas	Pede-se às jovens que se sentem no chão formando uma roda, no meio distribuem-se as folhas	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber o que as jovens sentem sobre alguns temas. • Promover a criatividade 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala • Folhas 	15 minutos

	com as frases criadas na semana anterior. O objectivo é criarem uma história com base naquelas frases e imaginarem e encenarem uma improvisação.				
Reflexão	Distribuem-se os diários de bordo, e pede-se às jovens para reflectir sobre todo o processo pelo qual passaram nestas últimas semanas.	<ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre as atividades realizadas 	<ul style="list-style-type: none"> • Investigadora • Jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala • Diários de bordo 	20 minutos

Anexo III: Diário individual das jovens

(A)

17_01_2018

“Gostei imenso, há algum tempo que já não fazia actividades dinâmicas. Gostei bastante!!!”

(B)

17_01_2018

“Eu gostei de tudo. Senti um pouco de vergonha ao princípio mas depois já foi mais tranquilo”

24_01_2018

“Gostei de tudo, desta vez não tive vergonha. Tive mais a vontade hoje do que no último dia”

31_01_2018

“Eu gostei dos primeiros jogos, só não gostei foi da parte em que tínhamos de inventar uma história”

07_02_2018

“Eu gostei dos exercícios realizados durante este tempo. Gostei mais do jogo da roda de elástico porque eu acho o jogo bonito. O último foi mais interessante porque assim vamos conseguindo formar histórias”

21_02_2018

“Eu gostei do que fizemos hoje, que foi os fantoches. Hoje não fiquei no grupo da J, porque a Ana distribuiu papéis com os nomes, mas até foi engraçado trabalhar com a C”

28_02_2018

“Hoje adorei os exercícios que fizemos, não curti muito foi da parte de reconstruir uma história”

07_03_2018

“Bem acho que hoje foi o dia que eu mais me diverti, adorei as actividades de hoje. Podíamos estar mais tempo a fazer pinturas na cara mas pronto, assim podemos mostrar mesmo o que sentimos pelas outras raparigas.”

14_03_2018

“Hoje por acaso até gostei de tudo. Foi bué divertido.”

21_03_2018

“Bem eu só vim hoje ao último exercício e não gostei muito”

11_04_2018

“Adorei a actividade de hoje é pena que as actividades estão a acabar, agora já consigo fazer todos os jogos sem vergonha. Gostei muito.”

18_04_2018

“Na história de hoje vi coisas que às vezes acontecem na escola, agora já sei como me defender. Até gostei desta actividade”

(C)

17_01_2018

“Eu achei que foi muito giro a parte que não gostei foi a que tivemos a fazer grupos mas de resto adorei gostava de fazer mais vezes”

24_01_2018

“Estive cá pouco dentro entrei no fim mas gostei do que tive aqui a fazer o pouco que durou”

31_01_2018

“Eu gostei muito desta actividade gostei mais da primeira actividade.”

07_02_2018

“Acho que gostei mais do jogo de enrolar e desenrolar porque acho que naquela altura trabalhamos em equipa e deixamos de fora os conflitos e não gostei muito do primeiro jogo”

21_02_2018

“Adorei esta actividade, a minha boneca está gira”

28_02_2018

“Gostei muito de pintar a “D”. Adorei este dia”

07_03_2018

“Adorei os exercícios que fizemos apesar de não me conseguir levantar mas lá foi a Ana Lúcia e aí já consegui. Foi muito pouco tempo mas foi bom o que fizemos gostei muito”

14_03_2018

“Cheguei no final mas adorei a história.”

11_04_2018

“O meu cartaz é mesmo verdade , não gosto que brinquem com os meus sentimentos. Adorei a actividade é pena é acabar para a semana”

18_04_2018

“Adorei a actividade é pena é acabar as sessões. Gostei muito.”

(D)

17_01_2018

“Gostei muito de tudo mas do que eu gostei mais foi dos recortes porque exprime mesmo o que sinto”

24_01_2018

“Não gostei muito das esculturas mas do resto gostei muito e cria que continua-se assim”

31_01_2018

“Gostei de tudo quero fazer mais vezes. Eu escolhi a caneta porque simboliza uma coisa que gostava de fazer na minha vida que era escrever a minha história iria ser perfeita.”

28_02_2018

“Adorei este dia fartei-me de rir e a história de fantoches foi brutal”

07_03_2018

“Gostei de pintar a cara à C, porque as cores ajudam a mostrar o que sentimos umas pelas outras”

14_03_2018

“Hoje não gostei muito das actividades, a menina de hoje parecia eu na escola, sei que às vezes faço asneira depois peço desculpa”

21_03_2018

“Gostei da mimica, da história não”

11_04_2018

“Adorei estar com a Ana Lúcia na penúltima vez. Adorei mesmo o que fizemos”

18_04_2018

“Gostei muito destas atividades, assim ficamos a conhecer-nos todas melhor e gostei do jogo da bola com o pano”

(E)

17_01_2018

“Eu gostei de tudo. Pensei que não fosse divertir-me tanto”

28_02_2018

“Eu acho que esta sessão foi interessante. Deu para descontrair e divertir”

07_03_2018

“Acho que esta sessão foi interessante”

14_03_2018

“Nesta sessão, do pouco que eu fui foi interessante”

21_03_2018

“Esta sessão foi divertida, agora já é mais fácil fazer grupos, não gostava muito mas já me estou a habituar”

18_04_2018

“Não gosto de fazer histórias”

(F)

17_01_2018

“Gostei de tudo! Mas confesso que escrever todas as semanas num caderno branco “diário” vou acabar por “enjoar”! Mas fora isso gostei de tudo”

24_01_2018

“Gostei de tudo, mas acho que devíamos fazer mais jogos”

31_01_2018

“Gostei de tudo”

07_02_2018

“No início não foi fácil ter que dar a mão às outras para fazer o jogo, mas depois de fazer algumas vezes foi na boa. De resto gostei de tudo porque me fez pensar na minha personagem que era um menino a jogar futebol”

21_02_2018

“Gostei muito, podíamos ter mais trabalhos assim! Ps: Apesar do meu fantoche estar um bocado torto”

07_03_2018

“Gostei imenso. Apesar de ter um trauma com pinturas faciais.”

(G)

17_01_2018

“Eu gostei de todas as actividades. Achei muito divertido”

24_01_2018

“Gostei muito de todas as actividades. Acho que a música ajuda muito.”

31_01_2018

“Gostei muito do dia de hoje, estava muito chorona e ajudou-me a descontrair bastante”

07_02_2018

“Gostei muito do dia de hoje, gostei principalmente do jogo da historia, porque no meu caso, a história identificou-se bastante a certas histórias que já ouvi e me tocaram bastante”

28_02_2018

“Hoje foi o dia que mais gostei, foi uma sessão curta mas muito criativa. Gostei de fazer a história com os fantoches, assim é mais fácil representar”

07_03_2018

“Gostei muito do dia de hoje”

14_03_2018

“Gostei do dia de hoje apesar de ter achado difícil o exercício da confiança, mas com a ajuda da Ana foi mais fácil confiar nas outras meninas”

21_03_2018

“Gostei da mimica e da história, embora as personagens fossem repetitivas eu adorei”

11_04_2018

“Gostei muito do dia de hoje”

18_04_2018

“Gostei do jogo da bola mas achei secante a história. Vou ter saudades”

(H)

17_01_2018

“Gostei de tudo, foi tudo divertido”

24_01_2018

“Gostei de tudo, principalmente da última parte”

31_01_2018

“Mais uma vez gostei de tudo”

07_02_2018

“Eu gostei mais ou menos do último exercício, porque fez-me lembrar a minha mãe ela não sofria de abuso sexual mas sofria de violência doméstica por parte do meu pai”

(I)

17_01_2018

“As actividades que foram realizadas foram bastante interessantes e deu para explorar diversos campos! Gostei bastante das actividades realizadas!”

24_01_2018

“Foram actividades muito interessantes. Gostei bastante.”

18_04_2018

“Gostei bastante do primeiro jogo e a história foi interessante”

(J)

17_01_2018

“Gostei, aprendi coisas muito interessantes”

24_01_2018

“Adorei o dia de hoje foi espectacular. Adorei mesmo tudo. Gostava mesmo de voltar a repetir. Gostei mais da parte dos recortes porque não tens de falar de nada sobre ti”

31_01_2018

“Hoje não foi o dia que gostei mais, mas também não foi mau de todo”

07_02_2018

“Gostei de tudo porque foi divertido, é mais fácil construir a história a ver as imagens”

21_02_2018

“Hoje estivemos a fazer bonecos relacionados com a história que estamos a construir, foi divertido”

28_02_2018

“Hoje estivemos a fazer actividades e depois estivemos a fazer um teatro de bonecos, no início custava-me fazer teatro, mas agora já me sinto melhor nas actividades. Eu gosto de passar aqui o meu tempo, sempre tenho alguma coisa para me entreter”

07_03_2018

“Hoje o dia foi bué fixe. Gostei de tudo. A Ana é uma pessoa 5*.”

14_03_2018

“Hoje não estive atenta a nada e por isso Ana não o volto a fazer, desculpa. Mas gostei de desenhar apesar de me estar a irritar. Até foi divertido.”

21_03_2018

“Hoje foi um dia muito divertido só porque gostei dos jogos”

11_04_2018

“Hoje foi um dia em que não tive muitas ideias, mas tirando isso foi um dia super fixe. Vou ter saudades tuas Ana Lu.”

18_04_2018

“Nesta história parecia mesmo que era a minha família, não gosto que maltratem crianças. Hoje foi um dia fixe. Gostei muito. Gostei muito da Ana ela é uma pessoa muito fixe. Vou ter saudades.”

(L)

17_01_2018

“Eu gostei de tudo. Não imaginei “poder lidar” com algumas meninas que aqui estavam presentes”

24_01_2018

“Gostei de tudo menos das colagens. Também não gosto de escrever aqui.”

31_01_2018

“Gostei de quase tudo. Não gostei das músicas. E não gostei de construir a história.”

07_02_2018

“Hoje gostei de tudo. O que eu gostei foi mesmo da história que tivemos de inventar. Gostei mais da história porque para além de ter sido “muito fácil”, tinha muito a ver com a minha vinda para esta casa, imaginei como se a menina fosse eu.”

14_02_2018

“Gostei de tudo, menos da história”

28_02_2018

“Do pouco tempo que vim fizemos um pequeno teatro foi engraçado. Gostei muito”

(M)

17_01_2018

“Gostei. Foi uma sessão interessante com várias actividades engraçadas”

24_01_2018

“Adorei as actividades. Foi uma sessão engraçada.”

31_01_2018

“Foi uma sessão interessante. Foi engraçado fazer-me estar na pele de uma estrela”

07_02_2018

“Como vim no final da sessão, só participei numa actividade. Gostei da actividade, pois tivemos de construir uma história através de imagens e isso necessitou de imaginação”

21_02_2018

“Na sessão de hoje fizemos fantoches relacionados com uma história feita por nós em que eu era um velho. Gostei bastante”

28_02_2018

“Achei a sessão de hoje muito divertida. Criámos uma história com fantoches”

14_03_2018

“Gostei de fazer o jogo da confiança e criar uma personagem através de recorte”

11_04_2018

“Adorei fazer o cartaz através de recorte, consegui mostrar o que sinto. Infelizmente há muitos meninos que sofrem de racismo”

Anexo IV: Diário da investigadora

Reflexão investigadora_1ª sessão_17_01_2018

Quando a investigadora chegou à instituição o grupo de jovens reuniu na sala da televisão, percebeu-se que estavam um pouco apreensivas, embora elas já a tivessem visto noutras situações. Uma delas (H) mostrou-se de relacionamento social mais complicado, e nem queria ali ficar, essa atitude deixou a investigadora um pouco inquieta, mas por insistência de uma Sra que é voluntária acabou por ficar.

Sem saberem bem o que esperar daquela reunião sentaram-se todas no sofá e esperaram que se explicasse o que ia acontecer.

A investigadora voltou a apresentar-me e explicou muito superficialmente o que iria acontecer hoje e nos nossos próximos encontros. Algumas olharam de lado.

Depois de explicar tudo, foram distribuídos os inquéritos por questionário e uma caneta a cada uma. A única questão (medo) que mostravam era se tinham que colocar o nome. A investigadora tentou acalma-las e dizendo que não tinham de identificar nada, a não ser o diário de bordo, e que este só iria ser lido por ela.

Após a recolha dos inquéritos por questionário, pediu-se que se colocassem todas de pé. Depois de explicar, elas pediram para exemplificar, a investigadora deu início à atividade e de seguida foram fazendo elas. Aquele momento foi muito divertido, elas entraram no jogo e até as mais tímidas participaram. Foi muito gratificante ver as reações delas, as gargalhadas, os sorrisos. A investigadora confessa que nunca imaginou que toda a atividade fosse correr tão bem, e durante o primeiro jogo chegou mesmo a ouvir-se um comentário da jovem (H) “afinal isto até é fixe”.

Elas estavam muito entusiasmadas e quando foi proposto o segundo jogo mostraram-se logo disponíveis.

Correu tudo bem, a investigadora só acha que as atividades foram muito rápidas, não ocuparam as duas horas. Percebeu que na próxima planificação tem de levar mais actividades planeadas, mesmo que depois não as utilize.

Reflexão investigadora_2ª sessão_24_01_2018

Hoje a atividade correu bem, mas a investigadora acha que elas estão a ganhar confiança e estão a mostrar-se mais preguiçosas.

Teve que, em dois momentos, chamar-lhes a atenção para colaborarem mais com ela. Mas a partir daí correu tudo bem.

Nos testemunhos delas que a investigadora leu nos diários de bordo sobre a atividade anterior, pode constatar que uma delas não gosta de atividades em grupo. Esta semana essa rapariga (C) chegou mais tarde (teve uma consulta no dentista) e quando chegou não foi fácil integra-la no que se estava a fazer. As jovens já estavam na fase de construção das estátuas, mas a

investigadora explicou-lhe que a atividade era muito simples e ela acabou por participar e correu tudo bem.

Mais uma vez a investigadora achou/sentiu que elas se divertiram bastante e acabaram por se mostrar muito criativas.

Reflexão investigadora_3ªsessão_31_01_2018

Sempre que a investigadora chega à instituição no dia estipulado para fazer as atividades do projeto, algumas das jovens estão reunidas com a Diretora Técnica, com o objetivo de esta as repreender e /ou castigar devido a alguma situação que se tenha passado na escola ou na instituição. Este terceiro dia de atividades não foi exceção. Quando a investigadora chegou só tinha reunido metade do grupo.

Momentos depois chegaram as restantes jovens, uma delas choravam inconsolavelmente. Por vezes a investigadora sente-se impotente perante este tipo de situações, embora saiba que o projeto que está a desenvolver com elas pode e deve ajudá-las a ultrapassar certo tipo de entrave na sua vida.

Duas das jovens que faziam parte deste grupo só participaram na primeira atividade, na semana passada tinham consultas médicas, mas esta semana não participaram novamente, desta vez sem nenhum tipo de justificação.

Relativamente à jovem que se mostrava mais triste, apenas se perguntou estava tudo bem, pois achou-se que as atividades que iriam ser feitas poderiam ser um bom ponto de partida para ela se sentir melhor.

Iniciaram-se então as atividades que estavam planeadas, elas mostram-se sempre muito curiosas com o que irá ser proposto. Após a explicação do primeiro jogo que iria ser feito, uma delas voluntariou-se de imediato para começar (F). Tem-se observado que ela se empenha muito no que é feito e que esta é uma área que gosta bastante. As outras embora não tenham tanta iniciativa com o desenrolar da atividade vão sempre participando.

Notou-se que elas se estavam a divertir bastante e que se estavam a esforçar para que a colega que estava de fora não percebesse de imediato quem seria o líder.

Para realizar a atividade seguinte, os pares, colocou-se música numa pequena coluna. Desta vez utilizaram-se apenas músicas instrumentais, porque o objectivo era criar algum ambiente, mas também que elas se focassem no movimento do par. Existiram logo comentários de que a música era uma seca, ou que não gostavam. De qualquer forma continuaram o exercício. Como desta vez as jovens estavam em número ímpar, uma delas (H) fez par com a investigadora. Esta jovem inicialmente referia que achava que as atividades seriam uma seca, mas tem mostrado muito interesse e nota-se que participa sem grande esforço e com prazer.

O passo seguinte foi pedir-lhes que se sentassem em roda no chão. Distribuíram-se os pequenos objetos e foi pedido que escolhessem um com que se identificavam. Poderiam escolher entre uma caneta, uma chave, uma peça de lego, um frasco com tampa de cortiça, um botão, uma bolsa, uma corrente, uma pequena boneca, uma borboleta de madeira, uma estrela de esferovite, um sapato em feltro, um carimbo e uma miniatura de iogurte. Todas escolheram o seu objeto ainda antes de saberem o que iria ser proposto.

Após perceberem o que tinham de fazer, cada uma começou por dar um nome e idade a cada objeto, depois uma profissão. Mas quando numa segunda parte, tiveram que continuar a história da jovem anterior elas não mostraram muita imaginação. Chegou-se a uma história final sem grande lógica.

Quando se dividiram em dois grupos para cada um construir uma história utilizando o objeto de cada uma, a atividade correu melhor. Conseguiram criar duas histórias que se forem trabalhadas podem resultar. Nesta atividade mostraram-se mais interessadas, do que na atividade anterior.

De seguida, distribuí folhas brancas e um lápis e cada uma descreveu como imagina a sua personagem plasticamente.

Reflexão investigadora_4ªsessão_07_02_2018

Neste quarto dia de atividades e quando as jovens se reuniram na sala onde é comum desenvolver o que foi planeado, a investigadora percebeu novamente que só estavam 8 jovens presentes. Iniciou as atividades com um grupo de 12, mas três delas (A, E, I) têm faltado consecutivamente, alegando uma grande sobrecarga de trabalhos relacionados com a escola. Outra das jovens (D) esta semana não apareceu porque se encontrava a cumprir um castigo, que consiste em fazer limpeza no Lar associado ao LIJ.

Uma vez que não têm comparecido, a investigadora vai passar a planear as atividades apenas para o grupo de 9 jovens que têm sido assíduas. Uma delas (M) teve que ficar na escola a terminar um trabalho e quando chegou interrompeu a atividade que estávamos a fazer, pediu desculpa pelo atraso e perguntou se ainda podia participar naquela fase final. Esta atitude foi muito importante para a investigadora, pois mostra que está realmente interessada e que gosta de participar no que se está a desenvolver.

Após reunir a jovens a investigadora deu início ao que tinha planeado, começaram por se separar em dois grupos, um dos objetivos dos jogos iniciais era estimular a competitividade saudável entre grupos. No primeiro jogo, tinham que passar uma fita ao longo do corpo uma de cada e voltar para o seu lugar enquanto a próxima jovem fazia o mesmo percurso e no segundo jogo, com a mesma fita que já tinham utilizado, desta vez tinham que passá-la umas para as outras rapidamente para não ficarem em “último” lugar.

A ideia era realizar os jogos uma vez apenas, mas elas estavam tão entusiasmadas com a vitória que quiseram repetir várias vezes. Foi muito importante o facto de elas quererem repetir os jogos por iniciativa própria, pois mostra que estão a gostar do que estão a fazer e é uma grande motivação para quem está a realizar um projeto desta natureza.

Neste seguimento realizou-se a atividade denominada como roda de elástico, inspirado num jogo tradicional chamado “O Doutor”, neste jogo uma jovem fica de fora de costas para o grupo, enquanto as restantes formam uma roda dando as mãos entrelaçando-se umas na outras sem perder o contato físico. Na perspectiva da investigadora este jogo não tem nada de complexo, mas tem percebido que entre as jovens o contato físico não é muito comum e por vezes não é fácil, inicialmente a investigadora sentiu algum receio, mas agiu sempre com a maior naturalidade possível de forma a incentivá-las a participar.

Deu então início ao jogo. Salienta-se que, a investigadora faz sempre questão de participar nos jogos/atividades com as jovens, para que elas a vejam como uma colega e não como alguém que impõem a atividade, assim tem conseguido, aos poucos, ganhar a confiança delas.

Neste jogo conseguiu que todas fossem pelo menos uma vez fora da roda e quase todas conseguiram atingir o objetivo que era “desembrulhar” a roda. No início mostraram-se bastante reticentes por terem que estar tão próximas umas das outras, mas com o desenrolar do jogo esse incómodo foi sendo ultrapassado.

A atividade que foi planeada de seguida consistia mais uma vez em manter o contato físico, mas para além disso o objetivo era que confiassem umas nas outras. Pediu-se então para se dividirem em dois grupos, e, uma de cada vez devia deixar-se cair de costas enquanto as outras a seguravam. A investigadora alertou logo no início que não deveriam fazer “peso morto” pois correriam o risco de as colegas não conseguirem suportar o seu peso. Terminada a explicação do exercício, uma das jovens (J) afirmou de imediato que noutra situação já lhe teria sido proposto aquele jogo e que não tinha sido capaz de participar por ter medo de cair.

Então neste seguimento, pediu-se às outras jovens desse grupo que inicialmente colocassem as suas mãos na costas dela, para ela se sentir segura, e, sugeriu-se à jovem (J) que lentamente se deixasse cair até se sentir bem, repetiram o exercício várias vezes até que ela começou a descontraír e a conseguir entregar-se ao que se estava a fazer. No final até comentou que da outra vez não se tinha sentido tão bem como agora.

Todas estas observações que podem parecer sem grande importância, são muito importantes para a investigadora, que sente que com este projeto está a melhorar a vida destas jovens de alguma forma.

De seguida, disse-lhes que mais uma vez iríamos criar uma história, mas desta vez através de imagens, estava com algum receio, porque na atividade da semana passada ficou com a sensação de que elas não tinham gostado muito da construção da história através dos objetos.

Explicou-lhes em que consistia aquele exercício e pediu-lhes que se dividissem em três grupos, colocou as imagens no chão e pediu que cada grupo escolhesse três delas.

Neste seguimento, espalharam-se pela sala e cada grupo começou a construir a sua história. A investigadora constatou de imediato que estavam muito mais entusiasmadas do que na semana anterior. Após alguma discussão entre grupos e a história terminada, cada grupo representou o que tinham pensado para as outras jovens.

No primeiro caso e resumidamente, contaram a história *“de uma senhora que era vítima de maus tratos por parte de um vizinho e que um dia, em conversa com as flores do seu jardim, percebeu que não era a única vítima naquele prédio. Conseguiu ganhar coragem e criou um movimento em que todas as mulheres se manifestaram contra o vizinho agressor e ele acabou por ser preso.”*

No segundo caso, *“tratava-se de uma aldeia por onde tinha passado a 2ª guerra mundial, e depois de tudo destruído, um senhor de grande coragem tomou a iniciativa de tentar voltar a reconstruir aquela terra, anos mais tarde, já se podiam observar ali crianças brincar.”*

A última história *“falava de uma menina, cujo pai era alcoólico a necessitar de recuperação, depois de muito sofrimento, ele decide então abandonar tudo em busca de ajuda. Passados 15 anos a jovem conhece um rapaz com quem acaba por casar. Nesse dia o pai reaparece recuperado.”*

Após as pequenas apresentações feitas, sentaram-se todas em roda, para reflectir um bocadinho acerca do que foi feito. E analisando as imagens e as histórias criadas, algumas das jovens sugeriram algumas modificações e outras deram a sua opinião.

Elas mostraram-se muito divertidas e entusiasmadas nestas pequenas dramatizações e a investigadora ficou muito contente ao ver as reacções delas. Uma das jovens (L) afirmou que gostou mais da criação de histórias desta forma porque “uma imagem ajuda a imaginar o que está a acontecer.”

No final, pediu-se que escrevessem no seu diário de bordo, e que desenhassem algo relacionado com a sua personagem anterior.

Após realizar esta atividade e depois de tudo o que foi vivenciado através dela a investigadora sente uma motivação extra. Sente que está a seguir o percurso certo. Confessa que nos dias de atividades as jovens têm o poder de “consumir” todas as suas energias. Este grupo é, sem qualquer dúvida, um grande desafio.

Reflexão investigadora_5ªsessão_22_02_2018

Neste quinto dia de atividades, a investigadora chegou à instituição e dirigiu-se à sala onde é comum a realização do que está planeado. Na maior parte das vezes as jovens já estão à espera,

mas hoje não estava ninguém. Pediu-se a uma funcionária para tentar reunir as jovens, mas só apareceram cinco, uma destas não apareceu nas duas últimas sessões.

Iniciaram-se as atividades do projeto com um grupo de 12 jovens, mas este tem diminuído significativamente ao longo do tempo. Uma das jovens (H) fugiu da instituição nas férias do carnaval, não tendo sido encontrada até à data. Duas outras jovens tentaram da mesma forma a fuga tendo sido encontradas de imediato, mas neste momento cumprem castigos às quartas-feiras à tarde. Uma delas (D) durante toda a tarde, e outra (C) até às 17h, tendo comparecido à atividade depois da tarefa cumprida. Outra das jovens (A) como já fez 18 anos acha que já não tem idade para frequentar as atividades do projeto.

Relativamente às restantes, percebeu-se que estavam presentes na instituição mas não quiseram participar no que estava planeado, alegando que não lhes apetecia.

De qualquer forma e para não prejudicar as que estavam mais interessadas deu-se início ao que estava planeado.

Inicialmente lembraram as histórias que tinham sido construídas na última sessão. Assim a jovem (I), que não foi a duas sessões, conseguiu perceber em que ponto se estava. Foi pedido que imaginassem uma alteração naquelas histórias, que introduzissem uma nova personagem em cada uma delas, alguém que não se sabia quem era. Mas como o grupo estava tão reduzido, esta proposta não foi fácil de desenvolver.

Mas com algum esforço, surgiram algumas personagens. *“Um senhor idoso, na história que estava relacionada com a guerra, na história em que uma rapariga era vítima de abusos por parte de um vizinho surgiu uma jovem com o mesmo problema e na história em que o pai decidiu submeter-se a uma reabilitação surge a mãe da jovem.”*

De seguida, quando a investigadora explicou que iriam construir os fantoches, as jovens que estavam presentes mostraram-se muito entusiasmadas. Entre elas decidiram as personagens que cada uma ia construir. Inicialmente escolheram a peúga da cor que achavam que mais se identificava com o seu personagem.

Foi engraçado e curioso porque elas tentaram escolher as cores da peúga de acordo com os sentimentos, a personalidade e a idade de cada pessoa. A jovem M retratava um senhor idoso que tinha sobrevivido à guerra, então escolheu uma peúga preta, a jovem (F) escolheu uma azul escura porque ia representar um soldado, a jovem (J) ia apresentar o pai alcoólico em reabilitação e decidiu usar uma meia de cor neutra, cinzenta

A partir daqui foram imaginando como seria o cabelo, os olhos, os acessórios, até darem o seu personagem como concluído.

Para esta atividade, a investigadora reuniu um grande número de materiais para elas poderem dar asas à sua imaginação sem qualquer entrave. Desde feltros, botões, pedaços de tecido, cola, tesouras, cartolinas, missangas, pequenas bolas de esferovite, fitas, lãs e peúgas.

Embora a investigadora estivesse a realizar o que tinha planeado sentiu-se desanimada, gostava que todas estivessem a participar, mas também sabia que este é um projeto em que os participantes têm de agir de forma voluntária.

Reflexão investigadora_6ªsessão_28_02_2018

Neste sexto dia de sessões a investigadora ia um pouco apreensiva com o que poderia acontecer, uma vez que na sessão passada só consegui 5 participantes.

Desde de que s iniciaram as atividades do projeto este foi o dia em que se sentiu mais nervosa. Realmente este tipo de público é desafiante, só não imaginava que fosse tanto. Estas jovens conseguem provocar na investigadora dois tipos de sentimentos. Por um lado, medo e receio porque nem sempre se sabe por onde avançar, mas por outro lado este grupo é um desafio enorme.

Quando chegou à instituição a Educadora Social informou as jovens da sua presença. Apareceram de imediato 3 das jovens que são assíduas às atividades. (B, M, G). Minutos depois chegaram as que se encontravam a cumprir castigo (D, C), mas já terminaram.

Apareceu também uma jovem que só assistiu à primeira sessão (E), mas desta vez decidiu que também queria participar e foi lhe permitido.

Relativamente às restantes, a jovem desaparecida (H), continua em local incerto e outra das jovens (F) passou por lá para informar que não participaria nesta sessão por ser o seu dia de aniversário e ia lanchar com familiares. A investigadora achou curioso o fato de ela sentir necessidade de se justificar. Na semana passada muitas faltaram sem qualquer tipo de justificação.

De seguida e dando início à sessão, pediu-se que se sentassem em roda para se realizar o jogo do sorriso. Não foi fácil concentrarem-se e ficarem sérias, uma das jovens (D) tem um riso contagiante e não o conseguia controlar, distraindo as outras. Mas após várias tentativas conseguiu-se realizar o jogo com sucesso.

No jogo seguinte, e após se explicar como o iríamos realizar, todas concordaram participar, embora exista sempre da parte das jovens um grande receio de se tocarem fisicamente. Durante este jogo uma das jovens, que estava a faltar, interrompeu a sessão perguntando se podia participar e pediu desculpa pelo atraso.

No decorrer deste jogo notou-se que elas parecem ter mais à vontade e confiança umas nas outras. A investigadora acha que este projeto está a ajudá-las a fortalecer os laços enquanto grupo.

Neste jogo todas participaram, tanto com os olhos fechados como a ser identificada. No final do jogo insistiram que a investigadora participasse também. Fecharam-lhe os olhos e tentaram fazer algumas peripécias para ela não perceber quem era. Foi muito engraçado.

O passo seguinte foi pedir-lhe que se sentassem novamente em roda. No centro colocaram-se as imagens utilizadas nas sessões anteriores, para lembrar as histórias e a partir dos fantoches caracterizar as personagens tanto a nível físico como psicológico.

Neste momento foi sessão foi novamente interrompida por outra das jovens que estava a faltar (L), que pediu desculpa perguntou se ainda podia participar e foi lhe permitido.

Após lembrar o que foi feito pediu-se que se dividissem em dois grupos e que cada uma escolhesse um fantoche (utilizaram os que foram feitos na semana passada e alguns que a investigadora facultou). Com esses fantoches deviam imaginar uma história e contá-la ao outro grupo.

De seguida, e após alguma discussão começaram a surgir ideias concretas. Quando se sentiram preparadas cada grupo representou a sua história. O fato de usar fantoches fez com que a investigadora percebesse que elas se sentiam mais à vontade com o que estavam a fazer. Como não tinham que dar a cara conseguiram soltar-se mais.

O grupo I (M, J, G, C) criou uma história de uma família “(pai, mãe, filho e avô) em que era a mãe (C) que cuidava do avô já idoso, mas certo dia após um a ida ao medico o pai (J) descobre tem uma doença em fase terminal. Irritado com a situação conta à mulher, maltratando-a e culpando-a pela situação. O filho (G) vê e tenta parar o pai sem sucesso. No meio desta conversa entre sem querer o avô e ouve que o seu filho tem uma doença em fase terminal, o senhor idoso e já bastante debilitado sente-se ma e acaba por falecer no local. O homem perturbado com toda aquela situação volta a agredir a mulher e o filho desesperado sai de casa e desaparece.”

Após a apresentação da história, esta parecia incompleta, mas o grupo insistiu que queria deixar o final em aberto. Todas as histórias que estas jovens criam têm sempre muitos problemas associados, nota-se que algumas delas projetam os seus problemas familiares essas situações, talvez com o objetivo de chamar a atenção para os seus problemas.

O grupo II criou uma história de uma família monoparental “(mãe e filha) que possuem um animal de estimação (cão) e um dia durante um passeio no parque, enquanto passeavam o cão encontraram o namorado da filha. A filha apresentou o namorada à mãe entretanto elas queriam seguir o passeio, mas ele queria que a rapariga fosse com ele agarrando-a pelo braço em frente à mãe. Foi nesta situação que a mãe percebeu que a sua filha era vítima de agressões. Para a defender mordeu na perna do rapaz. E este acaba por libertar a jovem. A mãe ameaça-o dizendo que o quer longe da sua filha e tira-a dali imediatamente.”

No final de cada representação que cada grupo questionasse o outro sobre as personagens e a história que tinham ouvido.

Surgiram menos questões só que aquilo que se esperava. As jovens do grupo I questionaram o rapaz acerca do fato de ele agredir a jovem. Este respondeu que lhe batia porque gostava dela.

No final cada uma foi buscar o seu diário de bordo e escreveu uma breve reflexão.

Reflexão investigadora_7ªsessão_07_03_2018

Hoje a investigadora deu início à atividade com cinco jovens (B, J, F, E, D), começou por distribuir uma folha a cada uma e colocou à disposição das jovens uma caixa de lápis de cor, uma afiadeira e uma caixa de canetas de colorir. A investigadora explicou em que consistia a atividade e ouviu logo um comentário da jovem (D) que afirmava que aquilo era uma atividade muito fácil. Esta consistia em pintar a palavra vermelho de azul, a palavra amarelo de verde, a palavra azul de vermelho e a palavra verde de amarelo.

Depois de todas terminarem de pintar o que era pedido, pediu-se que fizessem o exercício de ler as cores e não as palavras, como é óbvio ninguém conseguiu fazer o exercício seguido sem se enganar, porque embora soubessem o que tinham de fazer, este exercício requer muita concentração, facilmente se diz a palavra e não a cor que vemos. Na fase final, já comentavam que a atividade parecia mais fácil.

Quando se estava a finalizar a primeira parte chegaram duas jovens (C, G), que se juntaram ao grupo e fizeram as restantes atividades.

De seguida, iniciou-se a atividade “cadavre exquis” com a distribuição de folhas brancas com marcas previamente definidas, e explicou-se que cada uma deveria fazer um desenho relacionado com a sua vida. Nesta atividade para além do material para colorir disponibilizaram-se também lápis para poderem desenhar e uma borracha.

A investigadora confessa que depois de ver os desenhos concluídos ficou um pouco desiludida, esperava mais delas, nem todas desenharam algo com significado. A jovem (F) desenhou e pintou um arco iris, a (E) desenhou um olho, as restantes fizeram apenas alguns riscos e coloriram algumas partes. No final juntaram-se todos os desenhos e formou-se o tão esperado desenho coletivo, que elas acharam muito engraçado mas que ficou um pouco longe das expectativas da investigadora.

A última atividade do dia estava relacionada com o que elas pensam umas das outras. Inicialmente escreveram em pequenos papelinhos o nome de cada uma para fazer a escolha dos pares aleatoriamente, porque há uma tendência a escolherem sempre a mesma jovem e desta vez o objetivo era que saíssem de alguma forma da sua zona de conforto.

A jovem (F) disse que não gostava de pinturas faciais, explicou-se que ela podia não participar, mas pediu-se que ficasse a assistir e ela recusou. A jovem pediu se podia escrever no diário de bordo e sair da sala e foi-lhe permitido.

Posteriormente a jovem F afirmou no seu diário de bordo ter “um trauma com pinturas na cara”. Após a saída desta jovem (F), as restantes formaram pares (B, J, E, G, D, C) e iniciou-se a que estava planeado, cada uma devia desenhar na cara da outra o que achava sobre ela. Só no final de todas terem participado é que cada uma podia ver o seu reflexo num pequeno espelho.

Foi muito engraçado ver a interação entre elas, mesmo as que têm menos laços umas com as outras. Acabou por ser uma atividade descontraída e conseguiu observar que estavam a divertir-se bastante. Quando todas deram o desenho por concluído, e de forma aleatória, pediu-se que cada uma se observasse ao espelho e explicasse se aqueles desenhos caracterizavam de alguma forma a sua personalidade e se se identificavam com alguma daquelas cores.

A jovem (E) foi a primeira a reflectir, tinha os lábios pintados de amarelo, o nariz cor-de-rosa e um pequeno desenho aparentemente sem grande significado numa das bochechas em azul e preto, duas das cores com que esta afirma identificar-se bastante. Relativamente ao restante, dizia não perceber o que a jovem (G) quis dizer com o que desenhou. Essa mesma jovem (G) afirma que tentou mostrar que (E) é uma jovem alegre e que esta lhe fazia lembrar uma cantora que gosta bastante e que tem um estilo muito irreverente, que passa por pintar a cara com diferentes cores.

De seguida, foi a vez da jovem (G) ver refletido o seu rosto no espelho, esta tinha uma espécie de bigode desenhado a preto e uma pintura nos olhos com fundo branco, algumas pinta rosa e uns pequenos traços com cor azul. A jovem afirmou identificar-se com todas aquelas cores, e referiu também que como a jovem (E) é bastante próxima dela era normal que esta soubesse as cores que a caracterizam.

A jovem que se seguiu foi a (C), esta tinha a cara toda pintada de branco com umas bochechas vermelhas e umas grandes pestanas pintadas a preto. Quando se observou ao espelho afirmou que parecia um palhaço, mas que se identificava bastante com a cor branca.

Seguidamente, a jovem (D), que tinha umas das bochechas pintadas de branco, a outra de preto, uma parte do rosto de amarelo e os lábios de rosa, imediatamente afirmou que o branco simbolizava a sua parte boa da personalidade, a preta a parte má, o rosa dos lábios o amor que sente pela família e amigos e por fim, acrescentou que se identificava bastante com a cor amarela. Este testemunho mostrou-me que elas por vezes não conseguem criar laços umas com as outras, mas conhecem-se muito bem.

As últimas a analisar a pintura que tinham no rosto foram as jovens (B, J). A jovem (B.) tinha uma linha a preto que lhe dividia o rosto na vertical, tinha uma bola azul numa bochecha, uma bola rosa na outra e um coração vermelho no nariz. A jovem (J) tinha algo semelhante, a mesma bola azul numa bochecha, uma bola rosa na outra e um coração vermelho no nariz mas maior que a anterior. Estas duas jovens são grandes amigas, e ambas afirmaram que o azul simboliza o lado frio da sua personalidade, o rosa o lado mais carinhoso, e o coração vermelho a sua amizade.

A atividade de hoje mostrou, mais uma vez, que estas jovens são mesmo especiais e que eu tenho que ter sempre muito cuidado com o que se vai planear, porque corre-se sempre o risco de acontecerem situações como a de hoje, numa atividade em que a investigadora achava que era tão banal e que deixou a jovem (F) numa situação menos agradável.

De seguida, cada uma refletiu individualmente no seu diário de bordo.

Reflexão investigadora_8ªsessão_14_03_2018

Neste oitavo dia de sessões, quando a investigadora chegou à instituição teve de esperar que as jovens se reunissem na sala onde é habitual fazer as atividades. Foram chegando a conta gotas mas conseguiu-se realizar a atividade com 8 jovens (M, L, D, B, J, E, G e C)

Pedi-se que se organizassem em pares, e que se colocassem de frente uma com a outra para realizar o primeiro jogo. O objetivo era criar alguma competição entre elas pois tinham que derrubar a outra pressionando apenas a palma das mãos. Foi um jogo divertido, apesar de por vezes existir alguma discussão, elas são muito competitivas umas com as outras e ninguém gosta de perder. A jovem (C) foi a vencedora do jogo, embora sob alguns protestos das outras, que alegavam que ela não tinha jogado de forma correta. Pedi-se que se repetisse o jogo, mas essa jovem voltou a vencer.

No jogo seguinte as jovens deviam espalhar-se pela sala e tinham de saltar ao pé-coxinho sobre a sua perna direita, enquanto seguravam o seu pé esquerdo com a mão. Cada uma devia tentar que uma das outras perdesse o equilíbrio. O objetivo era perceber quem conseguia chegar ao fim do jogo sem perder o equilíbrio. Mais uma vez foram muito competitivas neste jogo, sentiu-se alguma dificuldade por parte da jovem (D), uma vez que tem uma estrutura física um pouco diferente das outras, esta jovem não conseguia estar só com um pé no chão. O incentivo das outras jovens foi muito importante, pois foi uma forma de ela entrar no jogo e mesmo não conseguindo chegar ao fim observou-se que se esforçou por tentar.

A grande dificuldade chegou no jogo seguinte, pelo mesmo motivo do jogo anterior. Como a jovem (D) é um pouco mais forte que as outras jovens, esta acaba por não conseguir gerir o peso do seu corpo.

Nesta fase da atividade as jovens tinham que formar pares de forma aleatória e cada par devia sentar-se no chão, de costas uma para a outra, com as pernas um pouco flectidas e agarradas pelos braços. Ao sinal, deviam tentar levantar-se de uma vez sem separar os braços, coordenando os movimentos para consegui-lo. Uma vez de pé e após percorrem juntas uma curta distância, tinham de voltar a sentar-se sem soltar os braços.

Inicialmente nenhum par conseguia, estavam desconcentradas e nem tinham noção da força que estavam a fazer. A investigadora percebeu que daquela forma não estava a resultar pediu que cada uma fizesse o exercício com ela e que depois experimentasse com o seu par. Assim resultou melhor.

Todas conseguiram fazer exceto a jovem (D), que chegou mesmo a desistir e não quis voltar a tentar. Os restantes pares repetiram o exercício várias vezes depois de perceberem que afinal era

mais fácil do que imaginavam. Nota-se nestas situações, que elas ficam orgulhosas por conseguirem ultrapassar certos obstáculos que, sem querer, impõem a si próprias.

O último exercício deste dia consistia em distribuir vários recortes de diversos materiais e pedir que cada uma escolhesse aquele com que mais se identificava. Pediu-se que colassem esse recorte numa folha branca de papel e que a partir dele desenhassem uma personagem. Cada uma escolheu o seu recorte e depois de alguns minutos a observá-lo deram início ao exercício. Das 8 jovens, 7 desenharam uma mulher e apenas 1 desenhou um homem. Depois disto, pediu-se que dessem um nome ao seu personagem que cada uma falasse um pouco dele relativamente à sua personalidade. Neste seguimento, dividiram-se as jovens em três grupos e lançou-se um desafio a cada um.

Este desafio consistia em juntar as personagens de cada uma e a partir de um local sugerido pela investigadora imaginassem uma história que posteriormente teriam de apresentar às restantes jovens.

O primeiro grupo era constituído por três jovens (B, L e E), *a história delas desenrolava-se numa quinta no meio do campo. A jovem (L) era uma senhora que cultivava a sua horta, onde tinha um pouco de tudo. Mas a sua vizinha (B) era uma senhora que passava algumas dificuldades e que por vezes ia à horta da vizinha roubar alguns legumes para alimentar a família. Mas a sua vizinha (L) não tolerava esse tipo de comportamento e ao observar o que a outra fazia acabou por agredi-la, puxando os cabelos até a outra ficar careca. No meio de toda esta confusão surge uma senhora da cidade (E) que as consegue separar e mostra-lhes que a melhor forma de resolver a questão é a conversar.*

No segundo grupo ficaram também três jovens (C, G, J), *esta história tinha como cenário uma praia, a jovem (J) era uma sereia considerada rainha do mar. Numa praia ali perto vivia uma senhora (G), que num belo dia de sol foi dar um passeio e encontrou um homem (C), que mais parecia um extraterrestre. Este homem tinha como objetivo tornar-se rei dos mares retirando a coroa à sereia. A senhora quando ouviu este comentário foi conversar com a sereia, pois estas eram amigas. A sereia ficou tão revoltada que eletrocutou o mar e o homem morreu.*

E no terceiro ficaram apenas duas jovens, (D e M), *em que a história se passava numa escola. A jovem (D) era uma conceituada professora de química, a outra jovem (M) era uma aluna um pouco indisciplinada, que numa aula depois de muito conversar, foi convidada a sair da sala com falta disciplinar. Contrariada, a aluna abandona a sala. Esta depois de muito refletir percebe que agiu mal e no fim da aula decide regressar para conversar e pedir desculpa à professora. A professora aceitou o pedido de desculpas, porque a aluna reconheceu que tinha errado.*

As histórias que elas imaginaram eram muito simples, mas à exceção do segundo grupo, percebeu-se que estas queriam transmitir algumas mensagens, mais uma vez elas projetaram algumas situações sua vida no que estavam a criar. No terceiro grupo, a jovem (D) acabou por

confessar que a personagem que a jovem (M) estava a representar era ela própria, ela tem noção do seu comportamento, sabe que erra e pede desculpa. Mas na aula seguinte não percebe porquê mas volta a cair no mesmo erro.

Reflexão investigadora_9ªsessão_21_03_2018

Neste dia de atividades só apareceram seis jovens e uma delas só realizou o segundo exercício porque chegou atrasada. (J, G, E, D, B, L)

Neste grupo e ao longo deste tempo de atividades consegue-se perceber e identificar as jovens que aparecem porque gostam do que fazemos em grupo e aproveitam a oportunidade que se esta a ser proporcionada. Muitas dessas jovens mesmo que tenham outras tarefas e não consigam chegar a horas à atividade chegam mais tarde, mas têm sempre a necessidade de pedir desculpa e de se justificarem. Mas também existem aquelas que não parecerem simplesmente porque não lhes apetece e não fazem qualquer esforço.

Durante este tempo a investigadora nota que criou uma grande empatia e afeto por aquelas raparigas que se esforçam para comparecer a todas as sessões que tenho programado. A investigadora é sempre muito bem recebida na instituição e as jovens têm sempre um gesto de carinho para com ela.

Enquanto se esperava que chegassem mais algumas jovens, elas quiseram conversar um bocadinho acerca do que se tem vindo a fazer ao longo deste tempo e acerca de como elas se sentem com tudo isso.

Esta conversa informal mas foi muito importante. Porque elas confessaram que nem sempre é fácil aceitarem alguém que venha de fora. Que a primeira impressão que têm das pessoas é crucial e dificilmente mudam de opinião se não gostarem de alguém à primeira vista.

Este início de conversa assustou um pouco a investigadora, esta relembra que no início foi complicado gerir tantas emoções, uma vez que estava a iniciar atividades com um grupo de adolescente que para ela eram o maior desafio de sempre.

Uma delas chegou mesmo a afirmar “Tiveste sorte de gostarmos de ti, porque senão tínhamos feito a tua vida num inferno e não voltavas no segundo dia” (L)

A investigadora confessa que hoje até achou engraçado ouvir isto, mas se tivesse sido noutra altura teria sido complicado.

Entretanto chegaram as restantes jovens e deu-se início ao que se tinha programado, iniciou-se pela mimica, existiam vários pedaços de papel com algumas palavras sem cima da mesa.

Cada jovem, aleatoriamente, deveria ler uma dessas palavras e representá-la de forma a que as outras participantes fossem tentando adivinhar. Nesta altura do projeto as jovens já se mostram muito mais descontraídas e participam nos jogos sem qualquer problema. De alguma forma têm

vindo a ultrapassar as diferenças que existem entre elas e têm conseguido superar uma das características da personalidade de algumas das jovens, a timidez.

Neste seguimento, deu-se por terminada a atividade anterior e foi proposto ao grupo juntar todas as personagens da sessão anterior e criar apenas uma história. O objetivo é conseguir que aos poucos consigam trabalhar num grupo único. Mais uma vez percebeu-se que *a história que estava a ser criada estava relacionada com um episódio que aconteceu na escola onde estiveram envolvidas algumas daquelas jovens. Uma delas estava mais reticente em mostrar as suas ideias, mas após um pequeno incentivo da investigadora conseguiu participar tanto como as outras jovens.*

Inicialmente, nesta história existia um conflito entre umas das jovens participantes do projeto e um colega de turma. Em que a participante acabou por se envolver numa situação de violência com o colega, as restantes jovens assistiram ao episódio conseguindo separar os dois jovens e acalmar os ânimos.

No final o que elas quiseram passar como moral da história é que se podem resolver conflitos a conversar evitando a violência entre colegas.

No final da sessão cada participante fez a sua reflexão no seu diário de bordo individual.

Reflexão investigadora_10ªsessão_11_04_2018

Neste dia de atividades quando a investigadora chegou à instituição estavam reunidas apenas 6 jovens (A, P, C. B., C.S.H.V, E e J), após um pequeno compasso de espera e uma vez que não chegou mais nenhuma jovem deu-se início ao que estava programado.

Inicialmente pediu-se às jovens que se sentassem no chão fazendo uma pequena roda. Começou-se por falar nas várias formas de comunicação e expressão de sentimentos entre pessoas. Algumas das participantes perceberam de imediato que se tratava da comunicação oral (direta ou indirecta), da comunicação escrita e da comunicação simbólica (linguagem gestual).

Após esta conversa a investigadora propôs às participantes que cada uma, individualmente, escreve-se numa folha várias frases simples (Slogans) que de alguma forma caracterizassem o que cada uma sentia naquele momento, quer em relação à instituição, à sociedade ou em qualquer outra situação. Uma das jovens afirmou de imediato que a única coisa que a incomodava na realidade era o facto de algumas crianças sofrerem de racismo, as outras participantes foram escrevendo várias frases e acabaram por escolher apenas uma.

As frases resultantes desta atividade foram:

- “Não gosto de comer sopa” (J)
- “Contra o racismo” (M)
- “Não gosto que brinquem com os meus sentimentos” (C)

- “Não gritem comigo” (P)
- “Não gosto de entregar o telemóvel” (B)
- “Fico furiosa com visitas inesperadas” (G)

Neste seguimento, distribuíram-se às jovens folhas em branco e através de recortes de revistas as participantes deviam fazer o seu próprio cartaz, utilizando o seu slogan.

Como já é habitual no final de cada sessão cada jovem reflectiu individualmente no seu diário.

Reflexão investigadora_11ªsessão_18_04_2018

Neste último dia de atividades do projeto para além das 6 jovens que estiveram presentes na semana passada (M, D, B, J, G e C) apareceu também a jovem (E). Após uns minutos de espera deu-se início à sessão. Inicialmente a investigadora começou por fazer um breve resumo da semana anterior para contextualizar a jovem (E) que não compareceu à sessão da semana passada.

Neste seguimento explicou-se em que consistiria este último dia de atividades. Notou-se que as jovens estavam um pouco nostálgicas, já tinham comentado que gostavam de continuar com as atividades porque tinham gostado de muito do projeto e que iriam ter saudades. A investigadora explicou voltaria à instituição sempre que possível e que podiam contar com ela naquilo que precisassem. Foi um grupo muito desafiante e criou-se bastante afinidade.

A primeira atividade, “o pára-quedas”, consistia em colocar todas as jovens em roda, estas tinha que segurar um pano, com forma circular, com as duas mãos. Ao som de uma música deviam movimentar o pano para que a bola, que foi colocada em cima do mesmo previamente, não caísse ao chão. As jovens divertiram-se imenso a fazer este jogo. É muito gratificante para a investigadora observar todos aqueles sorrisos e gargalhadas.

Na atividade seguinte as jovens deviam juntar todas as frases dos slogans da semana anterior e criar uma história única. Existiu alguma discussão porque todas as jovens queriam que as suas ideias estivessem bem presentes na história, foi muito interessante observar este momento de partilha de ideias. No final da sessão deveriam representá-la.

A história resultante desta atividade foi:

“Numa pequena aldeia no interior de Portugal existia uma família, que vivia do que a terra lhes dava. Eles cultivavam todo o tipo de legumes e por vezes vendiam o que sobrava num mercado local.

Este casal tinha 11 filhos e depois de um dia de trabalho no campo estes pais nem sempre tinham paciência para estar com as crianças. Na hora de jantar começavam os problemas.

Uma das crianças nunca queria comer, mas não explicava o porquê, conseguia estar horas em frente ao prato da sopa. E pensava:

*-“**Não gosto de comer sopa**”*

Depois de muito a mãe insistir, a criança começava a chorar e tapava os ouvidos:

*-“**Não gritem comigo**”*

A mãe desesperada acabava por mandar as crianças dormir, muitas vezes sem comer. A mãe como forma de castigo tirou o telemóvel à criança e esta pensou:

*“**Não gosto de entregar o telemóvel**”*

*No dia seguinte estas crianças seguiam para a escola. No caminho o rapaz encontra um grupo de jovens a maltratar um menino de cor diferente. Como não conseguiu ficar indiferente aquela situação parou e pediu aos miúdos para pararem com aquela situação e exclamou: “**Eu sou contra o Racismo**”*

*O rapaz segue o seu caminho, mas os miúdos seguem no ate à escola gozando com ele tentando maltrata-lo. E este grita “**Não gosto que brinquem com os meus sentimentos**”*

Ele chega à escola e durante a aula a professora acha que algo não está bem. O jovem conta à professora o que aconteceu e esta castiga os outros miúdos.”

A jovem (E) que não participou na sessão anterior quis ficar como narrador da história.

No fim da sessão cada uma refletiu no seu diário individual. A despedida das sessões foi bastante emotiva, mas a investigadora prometeu que voltava para as visitar.

Anexo V: Registo fotográfico do resultado das atividades

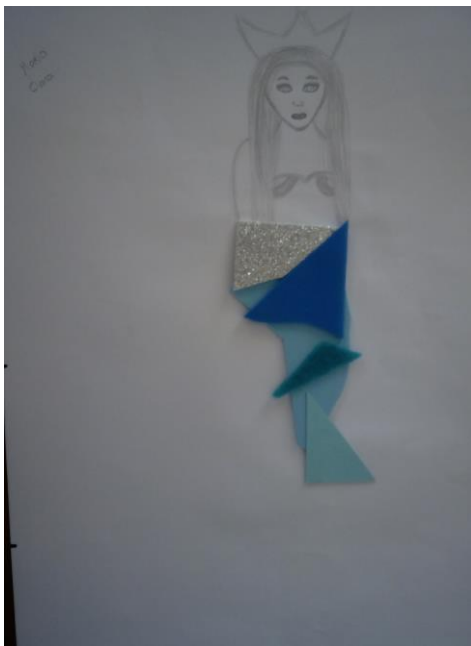


Figura 3_Personagens criadas pelas participantes